



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
CLAUDIA NANDI FORMENTIN

FLAMENGO:
CULTURA E LINGUAGEM DE UMA “NAÇÃO RUBRO - NEGRA”

Tubarão
2014

CLAUDIA NANDI FORMENTIN

**FLAMENGO:
CULTURA E LINGUAGEM DE UMA “NAÇÃO RUBRO- NEGRA”**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado
em Ciências da Linguagem da
Universidade do Sul de Santa Catarina,
como requisito parcial à obtenção do título
de Doutora em Ciências da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Jussara Bittencourt de Sá.

Tubarão
2014

Formentin, Claudia Nandi, 1979-
F82 Flamengo : cultura e linguagem de uma “nação Rubro-
 negra” / Claudia Nandi Formentin; -- 2014.
 182 f. il. color. ; 30 cm

Orientadora : Jussara Bittencourt de Sá.
Tese (doutorado)—Universidade do Sul de Santa
Catarina, Tubarão, 2014.
Inclui bibliografias.

1. Cultura de massa. 2. Futebol. 3. Linguagem e cultura.
I. Sá, Jussara Bittencourt de. II. Universidade do Sul de Santa
Catarina - Doutorado em Ciências da Linguagem. III. Título.

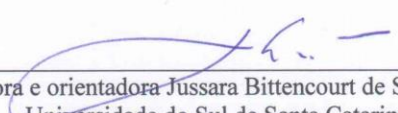
CDD (21. ed.) 306

CLÁUDIA NANDI FORMENTIN

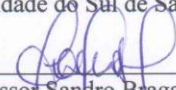
FLAMENGO: CULTURA E LINGUAGEM DE UMA “NAÇÃO RUBRO-NEGRA”

Esta Tese foi julgada adequada à obtenção do título de Doutor em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Doutorado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

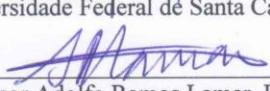
Tubarão, 05 de dezembro de 2014.



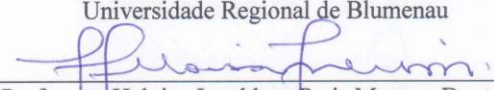
Professora e orientadora Jussara Bittencourt de Sá, Doutora.
Universidade do Sul de Santa Catarina



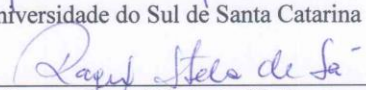
Professor Sandro Braga, Doutor.
Universidade Federal de Santa Catarina



Professor Adolfo Ramos Lamar, Doutor.
Universidade Regional de Blumenau



Professora Heloisa Juncklaus Preis Moraes, Doutora.
Universidade do Sul de Santa Catarina



Professora Raquel Stela de Sá, Doutora.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Para minha mãe e meu pai, Albertina e
Pedro, meu marido, Guto, e meus filhos
Caetano e Dante.

AGRADECIMENTOS

Já parei de contar quantas vezes comecei a escrever os agradecimentos. Texto fácil e difícil. Já fiz lista de pessoas e cada vez que voltava nela lembrava de alguém. Já tentei pensar numa escalação: goleiro: Fulano, zagueiro: Ciclano. Então, percebi que tinha mais de um time ao qual eu devia agradecer e mais: vi que, na verdade, as pessoas se revezavam nas diversas posições: do gandula ao técnico, do goleiro ao atacante, todos passaram por tudo. Então o que fazer? Dizer obrigada, nada mais. Aos meus pais, Pedro e Albertina, as minhas irmãs, Elisa e Helena, ao meu cunhado Bruno e ao meu marido, Guto: obrigada por tudo, por não me deixarem desistir, pelos ombros, tão necessários, pelo sorriso, pelo carinho. Aos meus filhos, Caetano e Dante por todas as vezes que me tiraram dos livros e do computador para, simplesmente, ir brincar: como isso foi importante, mesmo que eu não entendesse na hora. Obrigada também por compreenderem que, em alguns momentos, tive de dizer não à brincadeira. Minha sogra, Dona Ilma, obrigada pelo grande apoio, mesmo de longe a senhora foi fundamental.

Os amigos também foram fundamentais, porque perguntavam sobre o que eu estava escrevendo e porque nem lembravam disso: Nanci, Marcelo, Maite, Phill, valeu! Também teve a amiga que estava nos momentos tensos e dizia 'Peraí que eu te ajudo': Marília, não tenho como lhe agradecer, milhões de obrigados. O agradecimento também vai para os colegas de trabalho das faculdades Satc e Senac de Tubarão pelo carinho, apoio e compreensão.

Agradeço também à minha orientadora, Jussara. Obrigada pelo carinho, pelas broncas, pelas risadas, pelo apoio e, especialmente, pela confiança.

Também tenho que agradecer muita gente que não tem nem noção de que fez parte deste trabalho, mas fez. São colegas de trabalho, alunos, professores, conhecidos....Gente que, simplesmente, torceu. A todos vocês meu muito obrigada.

“Para mim, e, creio, para milhões de outras pessoas, a bandeira nacional é rubro-negra” (Muniz Viana).

RESUMO

Esta tese parte de uma pergunta que florescia cada vez que sua autora ouvia a expressão “nação rubro-negra”, recorrente em veículos de comunicação ou mesmo anunciada pelos torcedores do Flamengo. Tais discursos sugerem certa aproximação aos discursos sobre nação. O objetivo geral deste trabalho é analisar como os enunciados que emergem das obras sugerem a identidade de nação no contexto futebolístico do Clube de Regatas Flamengo com os atores nele envolvidos.. Os pressupostos utilizados nesta tese têm relação com a linguagem, a sociologia do imaginário, a cultura e a nação que são norteados por Mikhail Bakhtin (2004, 2011), Michel Maffesoli (1995, 1996, 2007) e Juremir Machado da Silva (2006), Benedict Anderson e E. Hobsbawm (2008, 2010). As torcidas de futebol e o contexto esportivo emergem dos olhares de Richard Giulianotti (2002), Maurício Murad (1996, 2007) e Marcos Guterman (2009). Identificou-se esta pesquisa tem uma abordagem bibliográfica e qualitativa. Foram analisados, a partir da análise de conteúdo, textos extraídos do Urublog (blog do torcedor do Flamengo, disponível no site do Globo Esporte) entre 2009 e 2013 bem como textos do blogueiro Rica Perrone, dessa vez não torcedor do Flamengo. Também compõem a análise deste trabalho, onze músicas de épocas diferentes e que tratam do clube aqui estudado. Dois livros infantis, um de autoria de Ziraldo e outro de Gabriel, o Pensador, se juntam a uma coletânea de charges do cartunista Henfil e as crônicas de Nelson Rodrigues. Como resultado, foi possível identificar, discursivamente, características próprias da nação no que tange ao Flamengo.

Palavras-chave: Futebol. Nação. Clube de Regatas Flamengo.

ABSTRACT

This thesis applies to a question succeeded each time the expression "The Scarlet-Black nation" (from Portuguese *nação rubro-negra*) was heard by the author. It refers to the soccer team of the Flamengo Regatta Club and are recurrent in communication media and supporters statements. The discourses around the expression "The Scarlet-Black nation" disclose marks which characterize discourses on the nation and the national identity. Therefore they are examined. The general objective of this research is to evaluate how the announcements emerging from the work-pieces suggest the identity of nation in the soccer context of the Flamengo Regatta Club by authors involved in it. The assumptions used in this thesis are related to language, imagery and nation that are guided by Mikhail Bakhtin (2004, 2011), and Michel Meffesoli (1995, 1996, 2007) and Juremir Machado da Silva (2006), Benedict Anderson and Eric Hobsbawm (2008, 2010). The organizations of soccer supporters and the sportive context are reviewed from Richard Giulianotti (2002), Maurice Murad (1996, 2007) and Mark Guterman (2009). The approach applied in this research was classified as literature and qualitative. Text extracted from Urublog (blog of a Flamengo's supporter available on the website Globo Esporte) between 2009 and 2013 are analyzed. Texts from Rica Perrone, another blogger non-Flamengo's supporter were investigated. Moreover, eleven songs of the Club from different eras are studied. Two children's books, one by Ziraldo and another by Gabriel, the Thinker (*Gabriel, O Pensador* from Portuguese) joined a collection of cartoons by cartoonist Henfil and chronics by Nelson Rodrigues.

Keywords : Soccer. Nation. The Flamengo Regatta Club.

RÉSUMÉ

Cette thèse s'applique à une question décorée à chaque fois que l'expression "La nation de Rouge et Noir" (Nação Rubro- Negra, en Portugais) a été entendue par l'auteur, en référence à l'équipe de football de Le Clube de Regatas Flamengo. Ils annoncent des marques qui caractérisent les discours sur la nation et l'identité nationale et ne sont donc examinées. Ainsi, cette recherche vise à évaluer comment les énonces émergents des ouvrages suggèrent l'identité de nation dans le contexte footballistique du *Clube de Regatas Flamengo*, avec les acteurs concernés. Les hypothèses utilisées dans cette thèse sont liés à la langue, à l'imagerie et à la nation qui sont guidés par Mikhail Bakhtin (2004 e 2011), par Michel Meffesoli (1995, 1996, 2007) et Juremir Machado da Silva (2006), et par Benedict Anderson et E. Hobsbawm (2008, 2010). Les organisations des supporters de football sont examinés dans le contexte du sport de Richard Giulianotti (2002), Maurice Murad (1996, 2007) et Mark Guterman (2009). Cette recherche fut identifiée en tant qu'approche littéraire et qualitative. Textes extraits de Urublog (blog de supporter une Flamengo disponible sur le site Globo Esporte) entre 2009 et 2013 furent analysés. Textes de Rica Perrone, autre blogueur mais non-Flamengo supporter, furent étudiées. De plus, onze chansons du Club de différentes époques sont étudiées. Deux livres pour enfants, un par Ziraldo et l'autre par Gabriel, le Penseur (*Gabriel , O Pensador*, du portugais) rejouent une collection de caricatures du dessinateur Henfil et des chroniques de Nelson Rodrigues .

Mots-clés: Football. Nation. Le Clube de Regatas Flamengo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Eu sou equipe.....	90
Figura 2 – A garra sou eu.....	94
Figura 3 - Camisa Papagaio Vintém	101
Figura 4 - Camisa Cobra-Coral	101
Figura 5 - Camisa não pode ser alterada	103
Figura 6 - Batalha de Iwo Jima, 1945	105
Figura 7 - Quem vai marcar a camisa rubro-negra?	108
Figura 8 - Escudo do Flamengo	111
Figura 9 - Camisa adotada desde 2004 pelo Flamengo	111
Figura 10 - Descoberta do Flamengo por Ziraldo	115
Figura 11 - O dia do flamenguista	119
Figura 12 - Nações Unidas	120
Figura 13 - Que torcida é essa?	125
Figura 14 - Mosaico: a maior torcida do mundo faz a diferença	126
Figura 15 - Rondinelismo	138
Figura 16 - O fator Andrade	141
Figura 17 - O retorno de Zico	146
Figura 18 - Fica, Zico!	148
Figura 19 - Márcio Braga explica a venda de Zico	149

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	METODOLOGIA	19
3	A RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E IMAGINÁRIO	24
3.1	LINGUAGEM.....	24
3.2	SOCIOLOGIA DO IMAGINÁRIO: REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA E PARTILHADA - UMA NAÇÃO EM CURSO	32
4	PRESSUPOSTOS SOBRE NAÇÃO: A SOCIALIDADE RUBRO-NEGRA.....	38
4.1	SOBRE AS TRIBOS	38
4.2	A NAÇÃO: CONTORNOS RUBRO-NEGROS	40
5	PERCURSO MIGRATÓRIO DO FUTEBOL	52
5.1	ESPORTE E SOCIEDADE	52
5.2	FUTEBOL: CAMINHOS PERCORRIDOS	57
5.3	O ESPORTE BRETÃO NO BRASIL	71
5.4	AS TORCIDAS DE FUTEBOL	83
6	CULTURA E LINGUAGEM DE UMA “NAÇÃO RUBRO-NEGRA”: INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	90
6.1	MITOS FUNDACIONAIS.....	90
6.2	BRASÃO, CORES, CAMISA E BANDEIRA: OS SÍMBOLOS DA NAÇÃO RUBRO-NEGRA	99
6.3	TORCIDA E TERRITÓRIO	112
6.3.1	‘Canto’ da torcida	130
6.4	JOGADORES: DESENHANDO EM VERMELHO E PRETO UMA NAÇÃO	135
6.4.1	Zico: o nome de uma Era	143
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	153
	REFERÊNCIAS	160
	ANEXOS	166
	ANEXO A – IRMÃO DE ZICO É PERSEGUIDO POLÍTICO DA DITADURA MILITAR 168	
	ANEXO B – MÚSICA AQUELE ABRAÇO (GILBERTO GIL).....	169
	ANEXO C – FILHO MARAVILHA (JORGE BEM JOR)	170

ANEXO D – HOMENAGEM A ZICO (ALEXANDRE PIRES)	171
ANEXO E – ILMO. SR. CIRO MONTEIRO OU RECEITA PRA VIRAR A CASACA DO NENÉM (CHICO BUARQUE).....	172
ANEXO F – BOA NOITE (DJAVAN)	173
ANEXO G – PÁSSARO (DJAVAN)	174
ANEXO H – RAP DO CENTENÁRIO (MCS JÚNIOR E LEONARDO).....	175
ANEXO I – SAMBA RUBRO-NEGRO (JOÃO NOGUEIRA)	176
ANEXO J – SAUDADES DO GALINHO (MORAES MOREIRA).....	177
ANEXO K – UMA VEZ FLAMENGO... (SAMBA ENREDO ESTÁCIO DE SÁ - 1995)	
178	
ANEXO L – PAÍS TROPICAL (JORGE BEM JOR)	179

1 INTRODUÇÃO

Esta tese tem como base os estudos sobre as relações entre a linguagem e a cultura. Para tanto, são avaliadas as manifestações culturais e os discursos que as permeiam e circundam permitindo, dessa maneira, a reflexão sobre a possibilidade das concepções de identidade e nação serem também deflagradas a partir de tais manifestações.

Parte-se do pressuposto de que a linguagem está intrinsecamente associada à cultura, na medida em que se desenha como o resultado do trabalho e do desenvolvimento sócio-histórico de uma sociedade. Assim sendo, o estudo da linguagem suscita uma abordagem de natureza sócio-histórica, evidenciando os processos de produção social e cultural, para que se conheçam, como apresentou Baccega, (1998, p. 17) “[...] as motivações, os interesses, as necessidades e, sobretudo, os condicionantes sociais presentes em um determinado segmento econômico, do qual fazem parte os interlocutores”.

Portanto, ao se falar em linguagem, também reflete-se sobre sua atuação na cultura, na medida em que essa a materializa, levando-a para uma ação efetiva e permitindo que sejam estabelecidas identificações, bem como seu papel no contexto histórico-social da humanidade. Sobre o tema Baitello Júnior (1999, p. 18) apresenta que “[...] a cultura é o macrossistema comunicativo que perpassa todas as manifestações e como tal deve ser compreendido para que se possam compreender assim as manifestações culturais individualizadas”.

A cultura é constituída pelo conjunto de manifestações produzidas pelo ser humano, a partir das linguagens verbal e não-verbal. As manifestações da cultura são consideradas, também, sistemas comunicativos que seguem às regras e normas preconizadas pela cultura vigente. A comunicação entre culturas diferentes permite que as criações ou manifestações culturais como a música, o cinema, as danças, os jogos e os brinquedos, dentre outros, atravessem/ultrapassem limites fronteiriços podendo ser considerados como marcantes no processo de integração e interação entre as diferentes sociedades. Neste sentido, entende-se que, para Bakhtin (2004, p. 123), a língua não pode ser considerada um fenômeno monológico. Ela se faz em suas linguagens, e se constitui como “[...] fenômeno

social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações”. Portanto, a língua se constitui como um fenômeno social que tem como elemento nuclear a palavra.

As relações dialógicas são apreendidas a partir dos discursos. Quando se faz uma análise partindo-se do dialogismo, descartam-se, por um lado, as possibilidades de limitação dos sentidos e, por outro, preservam-se os ditos e não-ditos. Conforme Bakhtin, durante o trabalho da linguagem faz-se necessária a produção de sentidos que, por sua vez, estão relacionados a uma moldura social e a uma audiência. Todos esses aspectos estão situados no que chamamos de comunicação. É nesse lugar comunicacional que se constitui a moldura social que formará os sentidos discursivos.

No contexto das manifestações culturais, esta pesquisa direciona-se ao futebol. Esse foco justifica-se por observarmos a relevância de se estudar essa manifestação cultural no âmbito das ciências da linguagem, tendo em vista a influência do referido esporte e sua popularidade no contexto de várias nações. O futebol encontra-se entre as principais manifestações culturais do mundo podendo-se afirmar, como apresenta Giulianotti (2002, p. 7), que há o “[...] reconhecimento da atração global do jogo”. Isso pode ser justificado pela simplicidade das regras, utilização de poucos equipamentos e estes são alguns exemplos apresentados pelo autor como características do esporte e que podem justificar sua popularidade. No entanto, o autor indica que a popularidade desse esporte tem pouca relação com essas características apresentadas como essenciais. A explicação para a massificação de tal prática esportiva, diz ele está no fato de que “[...] as características valorizadas no jogo nos dizem algo fundamental sobre as culturas em que ele é praticado”. É nesse contexto, que se percebe a possibilidade de o futebol se constituir em um vasto e interessante lugar de investigação. (GIULIANOTTI, 2002, p. 8)

Segundo Coutinho (2013, p. 7), “[...] poucos fenômenos sociais no mundo conseguem reunir semanalmente milhões de pessoas, nos mesmos lugares, entoando os mesmos cânticos, celebrando os mesmos ídolos”. Para o autor, o futebol apresenta-se como sendo esta manifestação à medida que, diferente das religiões, por exemplo, “[...] não promete respostas confortantes, não redime os fiéis

dos seus pecados e tampouco é garantia de felicidade”. Se mundialmente existe essa percepção a ponto de ser possível encontrar, conforme Agostino (2005), mais países ligados à Fifa – Federação Internacional de Futebol – do que à ONU, no Brasil, não é diferente. No mundo todo, indica Maurício Murad (2007), são mais de 100 mil escolinhas de futebol que recebem apoio da Fifa.

No palco dessa cena, o Brasil destaca-se como um dos protagonistas dos enredos futebolísticos e, popularmente, é conhecido como o país do futebol. Essa caracterização do país atribui-se às peculiaridades dos jogadores que se diferenciam dos europeus, por exemplo, pelo que, popularmente, é denominado como ‘ginga’¹ em campo.

A popularidade do futebol no mundo, mais especialmente no Brasil, se dá pelos enunciados por meio de linguagens (verbal e não verbal) apresentados de diferentes formas (na imprensa, na literatura, na música, no cinema, na dança, dentre outras) que reiteram seu destaque como manifestação cultural.

A busca por investigar o esporte inserido nesse contexto de popularidade teve seu início já no percurso realizado por esta pesquisadora na escritura da dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem em 2006. No entanto, o presente estudo se distancia do anterior por seu aprofundamento nas questões dos enunciados apresentados nas linguagens verbal e não-verbal em suas diferentes formas midiáticas. Nesse contexto, são observadas questões que tangenciam ou se deflagram como discursos sobre a nação e identidade nacional.

De acordo com dados divulgados pela CBF – Confederação Brasileira de Futebol –, o Brasil possui 783 clubes profissionais. Destes, cem disputam o Campeonato Brasileiro que é dividido em séries A, B, C e D². É nesse contexto que

¹ “A ginga é o movimento que incorpora a sincopa, o vazio que constrói a esquiva que torna o jogador invisível para o adversário. Esse movimento se faz ao sabor do ritmo do balanço, que os afro-americanos chamam de “suingue”. O nome ginga, creio eu, deriva como homenagem a Rainha Ginga Ngola Bandi Kiluanji. Ela que enfrentou os colonialistas escravistas de Portugal e é considerada a rainha invisível por suas táticas de deslocamentos conseguindo manter o reino do Ndongo (Angola) independente, é lembrada nos autos de coroação dos reis de Congo nas congadas do Brasil” (LUZ, 2011, p.1).

² Vinte clubes disputam a série A, vinte disputam a série B, vinte a série C e 40 a série D.

está inserido o clube que se torna objeto de investigação, oportunizando os dados para esta pesquisa: o Clube de Regatas Flamengo, doravante, neste estudo, denominado Flamengo.

A escolha do referido time de futebol decorre de critérios pré-determinados:

1. o time rubro-negro conseguiu em 2008 17% ³ da preferência nacional em pesquisa realizada pelo Datafolha em 390 municípios de 25 estados, confirmando assim o título de maior torcida no Brasil. São mais de 30 milhões de torcedores;
2. o Flamengo é “o time carioca que mais venceu Brasileiros, o time de maior torcida no Rio e no Brasil, o único carioca campeão do mundo, o único jamais rebaixado⁴” (MANSUR; RIBEIRO, 2009, p 22);
3. Mansur e Ribeiro (2009) afirmam que o Flamengo tem, em números absolutos, mais torcedores fora do que dentro do estado do Rio de Janeiro, seu estado de origem, onde também é o preferido dos torcedores. Conforme pesquisa do Ibope realizada em 2008 na região metropolitana do Rio de Janeiro, o número de torcedores chegou a 58%. A torcida flamenguista⁵ é, oficialmente, considerada a maior torcida do Brasil. Logo, sua torcida ultrapassa, conforme mencionado, limites fronteiriços do município, estado e país;
4. empiricamente, é possível perceber um grande número de referências ao time do Flamengo em músicas e outras manifestações artísticas.

Considera-se oportuno também destacar que é recorrente ler e ouvir dentre esse grande número de pessoas, que se localiza para além dos limites geográficos do próprio país, a produção de enunciados tais como: “eu e toda a

³ Segundo Mansur e Ribeiro (2009) os times que seguem o rubro-negro são: Corinthians (12%), São Paulo (8%), Palmeiras (6%), Vasco (6%), Grêmio (4%), Cruzeiro (3%), Internacional (3%), Atlético Mineiro (2%) e Botafogo (2%).

⁴ Sempre disputou a série A do Campeonato Brasileiro.

⁵ Os 17% de torcedores, segundo a pesquisa do Datafolha de 2008, corresponderiam, conforme Mansur e Ribeiro (2009) a mais de 32 milhões de torcedores no território brasileiro. Já na região metropolitana do Rio de Janeiro, ainda conforme afirmam Mansur e Ribeiro (2009) o Ibope apontou que, em 2008, a torcida rubro-negra chegou a 58%. Segundo os autores (2009), o Flamengo é o “único clube do País que tem, em números absolutos, mais torcedores fora do que dentro de seu Estado de origem” (MANSUR; RIBEIRO, 2009, p. 38)

torcida do Flamengo queremos isso”, “somos da nação rubro-negra”, “somos Flamengo até morrer”. Os discursos que deles emergem sugerem certa aproximação aos discursos sobre nação.

Para tanto, esta tese tenciona avaliar, por meio das referidas linguagens, elementos dos discursos provenientes de diferentes bases literárias sobre o Clube de Regatas Flamengo, os quais os autores, que fundamentam o referencial teórico, consideram como enunciadores da nação. Assim, destaca-se como objetivo geral analisar como os enunciados que emergem das obras sugerem a identidade de nação no contexto futebolístico do Clube de Regatas Flamengo com os atores nele envolvidos. Especificamente, os objetivos procuram: a) apresentar reflexões sobre a linguagem e a cultura, enfatizando o papel do esporte nas relações sócio-culturais; b) Analisar como a representação da nação aparece nas materialidades estudadas; c) Identificar as características de nação aparecem no imaginário representado nas obras analisadas; d) historicizar o futebol, com intuito de avaliar como o Clube de Regatas Flamengo é representado nas diversas manifestações culturais que permeiam o cotidiano do brasileiro.

No âmbito dessas reflexões, cabe destacar que a proposta deste estudo parte de um olhar “estrangeiro”, na medida em que, mesmo convivendo com torcedores de times de futebol, inclusive do Flamengo, não há uma relação de pertencimento por parte desta pesquisadora ao contexto que avalia. Consideramos que tal aspecto nos permitirá um distanciamento oportuno à elaboração da análise ora proposta.

O capítulo que segue a Introdução, aqui apresentada, trata da metodologia que delineou os caminhos desta tese. Nesse capítulo, identifica-se a pesquisa como bibliográfica e qualitativa. Para realizar a análise das materialidades destacadas, fez-se a opção pela análise de conteúdo.

O capítulo seguinte aborda reflexões da linguagem, tendo como base os pressupostos de Mikhail Bakhtin (2004, 2011), e imaginário a partir dos teóricos Michel Maffesoli (1995, 1996, 1998, 2001 e 2007) e Juremir Machado da Silva (2006). Essa relação se faz necessário para que seja possível caracterizar a nação, conforme Anderson (2008), compreende-se a relevância dos pressupostos que a

definem como uma comunidade imaginada nesse sentido, discorre-se como se dá esse ambiente imaginado. Algumas perguntas permeiam esta discussão. São elas: (1) com base em quê um grande número de pessoas passa a se sentir pertencente a um coletivo nacional que é apenas imaginado? (2) É fácil delimitar as fronteiras dessa imaginação coletiva?

Conforme Schawarcz (2008) explicita, não é fácil imaginar; a medida em que não há como fazê-lo sem uma base, no nada. O que se percebe nas leituras acerca da nação é que esta comunidade imaginada necessita, tal qual todas as formas de relacionamento humano, da linguagem que conduza a população que a constitui a de fato imaginar. É nesse momento que se apresenta M. Bakhtin (2004, 2011) e o seu conceito de dialogismo, indicando que a formação da linguagem e do discurso se dá a partir da interação humana com a realidade e que um discurso é absorvido por outro em um movimento constante, o que cria o ambiente propício para a formação da atmosfera que Maffesoli chamou de denominou de imaginário.

Na sequência, são discutidos conceitos e questões históricas relacionados à Nação, a partir das reflexões propostas por Benedict Anderson (1989, 2008) e Eric Hobsbawm (2008, 2010).

Na sequência, o capítulo cinco, faz o delineamento de aspectos sobre as manifestações culturais. Apresentam-se, assim, questões referentes ao esporte, com intuito de dar um direcionamento às reflexões sobre o futebol dentro de uma perspectiva histórico-cultural. Assim sendo, busca-se desenhar o percurso migratório dessa atividade esportiva no mundo e no Brasil. Ao esboçar o percurso pelo qual o futebol caminhou para se tornar o esporte de massa e ocupar o grande espaço em várias sociedades na atualidade, considera-se relevante abordar, também, questões que tragam à cena o desenvolvimento do esporte mostrando os caminhos trilhados pelo movimento esportivo. Neste sentido, este capítulo irá abordar, além de questões futebolísticas e pertinentes ao Clube de Regatas Flamengo, também como e por que se deu o desenvolvimento do esporte como um todo. Nesse contexto, são inseridos conhecimentos acerca das torcidas de futebol, tendo como base, inicialmente, os autores Richard Giulianotti (2002), Maurício Murad (2007) e Marcos Guterman (2009).

A apresentação e análise dos dados se fazem presentes no capítulo seis deste trabalho. O objeto analisado é composto por textos extraídos do Urublog (blog do torcedor do Flamengo disponível no site do Globo Esporte) entre 2009 e 2013. Grande parte desses textos são de autoria de Arthur Muhlenberg, no entanto, alguns deles são contribuições de outros torcedores ao ambiente virtual referido. Textos de Rica Perrone, outro blogueiro que, diferente de Muhlenberg, não é torcedor do Flamengo, também serão analisados.

Também utilizamos, como objeto para análise desta pesquisa, onze músicas de épocas diferentes e que tratam do clube aqui estudado. Dois livros infantis, um de autoria de Ziraldo e outro de Gabriel, o Pensador, se juntam a uma coletânea de charges do cartunista Henfil e a crônicas de Nelson Rodrigues, declaradamente torcedor do Fluminense. Dessa forma, além da linguagem verbal, inclui-se a linguagem não-verbal na análise. Por fim, segue a conclusão deste trabalho.

2 METODOLOGIA

Desde as linhas iniciais, neste estudo, evidencia-se o papel do futebol no contexto cultural. De quatro em quatro anos, muitos brasileiros parecem se debruçar sobre veículos de comunicação que lhe tragam informações vindas da sede da Copa do Mundo. Entretanto, antes de chegar ao maior evento futebolístico do mundo, é dentro dos estádios, espalhados pelo território brasileiro, que as disputas acontecem. Isso se dá por meio dos mais variados campeonatos dos quais participam os times brasileiros. Os grupos que compõem as torcidas que lotam os estádios são, portanto, os mais variados, heterogêneos. Da mesma forma, é diversa a fonte das informações recebidas do ‘time de coração’⁶.

Foi nesse contexto esportivo, especificamente do futebol, que surgiu a motivação para esta tese. Esta foi desenhada a partir do questionamento sobre a possibilidade de se encontrar similitudes entre o contexto futebolístico, no caso da pesquisa, o do Clube de Regatas Flamengo, e o de uma nação. Ao fazer a escolha por uma modalidade esportiva específica (o futebol) e um clube (o Flamengo), compreende-se ser possível classificar esta pesquisa como sendo um estudo de caso. Afinal, nessa classificação, conforme pressupõe Rauen (2002, p. 210), o objeto da pesquisa “tem valor em si mesmo. O alvo são as características que o caso tem de único, singular ou particular”, que significa dizer que “[...] estudar algo pelo seu valor intrínseco implica valorizá-lo em sua unicidade e não como suporte para a generalização, como fazem as pesquisas indutivas”.

A escolha pelo referido esporte se deu a partir da apresentação do futebol como a modalidade mais popular do mundo e do Brasil, reforçando o que foi visto na Introdução deste trabalho. Corroborando esta ideia Murad (1996, p. 16) afirma que “[...] o futebol é o ritual de maior substância da cultura popular brasileira, metáfora privilegiada de nossas estruturas básicas”. Já a opção pelo Clube de Regatas Flamengo se deu por observar-se que há uma recorrência por parte da mídia em usar o termo nação em vários momentos em matérias sobre o referido time de futebol – para exemplificar apresenta-se matéria apresentada no programa Esporte

⁶ Expressão popularmente utilizada para se referir ao time do qual o indivíduo é torcedor.

Espetacular, da Rede Globo⁷, representada na figura do Anexo A. Assim, questionava-se se esta afirmação de fato poderia ser feita.

Diante do cenário quanto à escolha do objeto a ser analisado neste trabalho, o estudo proposto se caracteriza como estudo de caso. Conforme Martins e Theóphilo (2009), as pesquisas caracterizadas como estudo de caso pedem uma avaliação qualitativa. A análise foi realizada com base no material coletado nos meios culturais já citados. Para Martins e Theóphilo (2009, p. 140) “contrariamente ao que ocorre na condução de uma pesquisa quantitativa, onde são distintos os momentos de coleta e análise, na construção de uma pesquisa qualitativa, coleta e análise ocorrem simultaneamente”.

Para tanto, optou-se pelo escopo das abordagens qualitativas de investigação. A pesquisa qualitativa direciona-se, conforme Minayo (1994, p. 22), para “[...] a investigação dos significados das relações humanas, em que suas ações são influenciadas pelas emoções e/ou sentimentos aflorados diante das situações vivenciadas no dia-a-dia”. Essa citação completa o que foi apresentado por Bauer e Gaskell (2005, p. 23) ao afirmarem que a pesquisa qualitativa “[...] evita números, lida com interpretações das realidades sociais, e é considerada pesquisa soft”. Ainda sobre esta abordagem Neves (1996, p. 2) aponta que “[...] os métodos qualitativos trazem como contribuição ao trabalho de pesquisa uma mistura de procedimentos de cunho racional e intuitivo capazes de contribuir para a melhor compreensão dos fenômenos”. Sendo assim, o percurso metodológico foi delineado no âmbito dessas premissas. A opção por uma escolha qualitativa, implicou numa busca para além de dados numéricos, de forma a desenhar, a partir de manifestações culturais aparentemente afastadas do esporte, como essas contribuíram para a formação do que a torcida do Flamengo chama de ‘nação rubro-negra’.

As reflexões sobre o referido tema aportaram-se em duas bases de investigação que ocorreram quase que simultaneamente: a seleção do referencial bibliográfico para a construção do escopo teórico e a busca pelas materialidades a serem analisadas. Assim, o corpus de análise apresentado nesta pesquisa é

⁷ A referida matéria trata da perseguição do irmão do jogador Zico durante a Ditadura Militar. Nela o ex-jogador é apresentado nos créditos como “ídolo maior da nação rubro-negra”.

constituído de várias materialidades, em linguagem verbal e não verbal, definidas a partir de um cotejamento dos principais elementos retirados das obras destacadas.

Como técnica utilizada para a análise dos dados, elegeu-se a Análise de Conteúdo. Nela “[...] buscam-se inferências confiáveis de dados e informações com respeito a determinado contexto, a partir dos discursos escritos ou orais de seus atores e/ou autores” (MARTINS; THEÓPHILO, 2009, p. 98). Para se formar o contexto apresentado neste trabalho, optou-se, como já foi dito, pelo cotejamento de diversas materialidades em diversos períodos de tempo e espaço. Tais materialidades foram categorizadas em: Mitos Fundacionais; Brasão, Cores, Camisa e Bandeira; Torcida e Território; e Jogadores. A categoria Torcida e Território ganhou uma subdivisão de ‘Cantos’ da torcida dedicada às músicas entoadas pelos torcedores nos estádios. Optou-se por essa categorização por entender-se que o agrupamento por subtemas contribuiu para o melhor desenvolvimento e, por conseguinte, o cotejo dos conteúdos na análise. As materialidades analisadas são compreendidas a partir do conceito de gêneros do discurso apresentado por Bakhtin (2011) que englobam a linguagem verbal e não verbal.

Convém destacar que o critério de escolha levou em consideração a relevância de se abranger um número significativo e diversificado de material de pesquisa que tratasse do referido tema. A partir desse cenário com relação às músicas, dentre as quarenta, determinamos como base os critérios: 1. Período. Músicas lançadas durante o período de 1940 a 2008. 2. Temática: a presença do nome do time no título ou nos versos e o amplo conhecimento popular. 3. músicas compostas por artistas/ torcedores rubro-negros que retratariam, de alguma maneira, o sentimento de compositores rubro-negros e que apresentavam referências a jogadores do referido time. Há também a presença de um compositor não torcedor do Flamengo, Chico Buarque, mas que faz referência ao clube rubro-negro em “Ilmo, Sr. Ciro Monteiro ou Receita para virar casaca de neném”(1969). Observa-se que há variação de estilo musical. 4. Músicas que apresentassem referências a jogadores do Flamengo. Mediante desse contexto, selecionaram-se as músicas: “Samba Rubro-Negro” (1954) de Wilson Batista e Jorge de Castro; “País Tropical”(1969), “Fio Maravilha”(1972), “Camisa 10 da Gávea” (1976), de Jorge Bem; “Vitorioso Flamengo”(1979); “Saudades do Galinho” (1983), de Moraes Moreira; “Boa Noite”

(1991), Djavan; “Uma vez Flamengo”(1995), “Samba Enredo do G.R.E.S. Estácio de Sá” (1995) .

Já para compor o elenco das demais obras que seriam analisadas no presente estudo, optamos por lançar nosso olhar por narrativas em linguagem verbal e também as em linguagem não verbal. Cabe destacar que o critério norteador foi as que colocassem em cena o Flamengo e seus elementos simbólicos. Para tanto, elegemos por crônicas futebolísticas (impressas e disponíveis na *web*), narrativas infanto-juvenis, história em quadrinhos e charges. Também são apresentados trechos e ilustrações de obras de Ziraldo (*O mais querido do Brasil em Quadrinhos*, 2009) e Gabriel, o Pensador (*Meu pequeno Rubro-Negro*, 2008), bem como charges do cartunista Henfil e textos, em sua maioria de Arthur Muhlenberg, que foram publicados entre 2009⁸ e 2013 no Urublog, blog do torcedor do Flamengo. Ressaltamos ainda a escolha por autores que reconhecidamente não torcem pelo time rubro-negro. Entre eles destacou-se Nelson Rodrigues, cujas crônicas foram publicadas em 1993 em livro intitulado *À sombra das chuteiras imortais* e Rica Perrone, autor dos textos publicados na *web*.

Com relação às matérias jornalísticas, optamos por aquelas que ocorreram durante o nosso período de doutoramento. Dentre essas, selecionamos para a análise as apresentadas no meio televisivo entre 2011 e 2012.

A análise das materialidades mencionadas contempla a perspectiva bakhtiniana (2004, 2011) sobre linguagem. Sobre imaginário, assunto que se compreende ser fundamental para se chegar às reflexões sobre nação, os objetos serão analisados sob a perspectiva da Sociologia do Imaginário apresentada por Maffesoli (1995, 1998, 2001, 2004 e 2007) e Juremir Machado da Silva (2006). A escolha de materialidades emergentes de diferentes lugares sociais, midiáticas e temporais, possibilitou identificar a relação existente entre a linguagem e a formação do imaginário, no contexto desta pesquisa.

Os pressupostos sobre a nação de Anderson (2008) e Hobsbawn (2008, 2010) nortearam a análise das materialidades apresentadas. Propõe-se, ainda, na

⁸ Parte dos textos analisados no ano de 2009 foi retirada do livro *Hexagerado* (2009), editado a partir de material produzido e publicado para o referido blog.

constituição da análise, a inserção de reflexões sobre a história do futebol mundial e brasileiro sob a perspectiva de Richard Giulianotti (2002), Maurício Murad (1996 e 2007) e Marcos Guterman (2009) estabelecendo-se as relações pertinentes com as narrativas construídas a partir de obras artísticas e midiáticas relacionadas ao Flamengo. Assim, na análise, apresenta-se parte da história do clube analisado e é nesse contexto que são apresentadas as relações com os autores teóricos.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, esta pesquisa caracterizou-se como bibliográfica, pois, conforme Martins e Theóphilo (2009, p. 54), “trata-se de estratégia de pesquisa necessária para a condução de qualquer pesquisa científica”. Para os autores, a pesquisa bibliográfica procura discutir o assunto com base em referências já publicadas. Lakatos e Marconi (2001, p. 183) completam afirmando que a pesquisa bibliográfica “não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob um novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”. Por se utilizarem na pesquisa aqui apresentada materiais de fontes secundárias, mesmo para a análise, compreende-se que esse procedimento técnico é o definido para todo o trabalho.

Cabe ainda destacar que, neste estudo, optou-se por não se fazer uma abordagem quantitativa. A opção por uma pesquisa qualitativa está no fato de permitir uma melhor apresentação e organização da análise no que tange os discursos emergentes do material selecionado.

3 A RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E IMAGINÁRIO

3.1 LINGUAGEM

A linguagem envolve, historicamente, o ser humano desde muito cedo. Corrêa (2002, p. 14) aponta que a relação humana com a linguagem “[...] é tão antigo quanto o tempo de uma vida humana”. O autor conceitua linguagem a partir de dois olhares: sua importância para a espécie humana e sob a ótica dos meios de comunicação. No primeiro caso refere-se à capacidade humana de produzir sentido; já sob o olhar dos meios de comunicação, explica que, a linguagem compreende todas as formas de comunicação (verbais e não verbais).

As ferramentas de comunicação, que se apropriam da linguagem verbal ou não verbal, possuem suas características próprias. Há, no entanto, um elemento comum a todas: o fato de estarem em um contexto social que faz com que as diversas vozes da sociedade estejam presentes nas formas de comunicação através dos diferentes códigos com os quais a linguagem chega aos espectadores, ouvintes, telespectadores e leitores. Assim, é possível afirmar que todas as áreas do conhecimento e do fazer humano estão intimamente ligadas à linguagem. Se partir do entendimento de que o conhecimento chega ao ser humano por meio das relações estabelecidas entre o sujeito e a realidade logo se encontra semelhança com a questão evidenciada por Sobral (2009) que expõe o fato de que a linguagem é apresentada e ensinada a partir de contatos que são estabelecidos com diversas formas de linguagem usadas em diferentes situações.

É por meio da linguagem que se dá boa parte da interação humana que permite ao homem constituir-se em um ser social. É seguindo nessa direção que a linguagem, explica Fiorin (2007) corroborando com Sobral, se apresenta como sendo uma instituição social que atua como mediador das interações do homem com a natureza e com outros homens, bem como veículo das ideologias.

Verbal ou não verbalmente, há um momento em que a linguagem parece fracassar e será substituída por outro elemento. Esse elemento, afirma Murad (2007) é a violência. O autor apresenta a violência como sendo uma linguagem, no entanto,

explica que ela o é a partir do momento em que as pessoas envolvidas não se expressam pela palavra e portanto não conseguem chegar a um acordo sem o uso da violência, que se torna a linguagem da intolerância. Essa, por sua vez, leva ao ódio que gera mais violência. Assim, quando a comunicação não se realiza por meio das palavras, é a violência que assume seu lugar sendo ela um dos discursos que propaga a intolerância resultando no ódio. Para Murad (2007), no século XX, foi grande a incomunicabilidade entre os povos, ocasionando o crescimento da falta de entendimento em todos os continentes.

Yaguello (2004, p. 17), no texto introdutório da obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, afirma que, para Bakhtin, a língua é como a “[...] expressão das relações e lutas sociais, veiculando e sofrendo o efeito desta luta, servindo, ao mesmo tempo, de instrumento e de material”. Nesse contexto a língua constitui-se, assim, em um signo ideológico e, dessa maneira, o pensamento molda-se pela ideologia.

Bakhtin (2004) afirma que o produto ideológico está inserido em uma realidade que pode ser natural ou social, e indica que, ao mesmo tempo, pode refletir e refratar outra realidade que se encontra fora do seu contexto. Isto é, para Bakhtin, todo signo é ideológico em sua essência, ou seja, o significado já vem marcado pela ideologia e tal marca, indica o caminho de algo que se encontra fora de si mesmo. O autor afirma que não existe ideologia sem signo a medida em que “[...] tudo que é ideológico é um signo”. O signo ideológico é ao mesmo tempo parte de uma realidade e seu reflexo. Logo, pode-se dizer que o signo refrata e, ao mesmo tempo reflete uma realidade. A refração significa que com os signos que cada sociedade possui, é possível, além de descrever, construir o mundo a partir das diversas interpretações desse mundo. Nessa linha de raciocínio a refração é exposta na maneira pela qual as contradições e a diversidade apresentam-se por meio das experiências dos diversos grupos humanos.

O autor russo propõe uma distinção entre o que chama de ‘a atividade mental do eu’ e a ‘atividade mental do nós’. O primeiro caso está próximo à reação fisiológica do animal não se encontrando modelada ideologicamente e caracterizando indivíduos pouco socializados. Sobre ela Bakhtin (2004, p. 115) aponta que “[...] tende para a auto-eliminação; à medida que se aproxima do seu

limite, perde a sua modelagem ideológica e consequentemente seu grau de consciência [...]”. Já o segundo caso, sugere uma consciência de classe, que nos leva a ideia de uma coletividade entendido que quanto maior a força e a organização de uma coletividade na qual o indivíduo está inserido, mais complexo será seu mundo interior.

Bakhtin ainda salienta que a atividade mental do *nós* pode apresentar diferentes graus e tipos do que o autor chamou de “modelagem ideológica” (BAKHTIN, 2004). Para ilustrar essas nuances, o autor utiliza o exemplo de um homem faminto afirmando que caso ele se encontre consciente de sua fome, cercado de muitas pessoas nas mesmas condições, porém se encontre isolado, sem classe “[...] terá uma coloração específica e tenderá para formas ideológicas determinadas [...]: a resignação, a vergonha, o sentimento de dependência e muitas outras tonalidades tingirão a sua atividade mental” (BAKHTIN, 2004, p. 115). Ao cambiarmos esta metáfora para o universo do futebol, percebe-se que qualquer torcedor de uma determinada agremiação, ao se ver isolado de outros torcedores na mesma situação, tendem a não se manifestar quanto à sua escolha e/ou preferência por um outro time também. No entanto, se este homem faminto fizer parte de uma coletividade que como ele também sente fome, mas não possui uma ligação material consistente, a fome é sentida de maneira isolada por cada indivíduo de modo que “[...] cada um suporta a fome no pequeno mundo fechado de sua própria exploração” (BAKHTIN, 2004, p. 116). Nesse contexto a consciência da fome será permeada por resignação, “[...] mas desprovida de sentimento de vergonha ou de humilhação. As experiências citadas, no entanto, são bem diferentes do que será experimentado por membros famintos de uma coletividade “[...] unida por vínculos materiais objetivos” (BAKHTIN, 2004, p. 116). A atividade mental aqui receberá nuances de protestos ativos, não haverá resignação, nem tampouco submissão.

O que se apresenta a partir do exemplo dado pelo autor, é que quanto mais essas experiências estejam ligadas por vínculos materiais mais se percebe a consciência de classe de determinada organização de indivíduos. É possível perceber tal necessidade da referida ligação material também entre os torcedores. Quanto mais esses grupos se perceberem ligados por tais vínculos, que podem se

manifestar de diversas maneira em diferentes gêneros do discurso, mais estes torcedores tendem a se manifestarem coletivamente com relação ao seu time.

Os vínculos materiais que são apresentados como forma de produzir a atividade mental do 'nós' se dá a partir da linguagem. Linguagem, esta, composta a partir de signos que devem fazer sentido para a comunidade que dela se apropria. Bakhtin (2011) destaca que qualquer língua, compreendida como sistema de signo, pode, ao menos de forma inicial, ser decodificada, traduzida para outros sistemas de linguagem. Nesse sentido, a língua permite que seu dizer seja apresentado em uma imagem, em uma música dentre outros. Assim, o que verifica é que a língua não é formada por "[...] um sistema abstrato de forma linguística nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações" (BAKHTIN, 2004, p. 123). A realidade em que se fundamenta a língua é a interação verbal.

Este autor (2011) percebe a linguagem dentro do campo da produção social. O linguista russo, valoriza a fala, a enunciação, afirmando que sua natureza é social e não individual. Nesse tocante, a fala está ligada às condições em que se realiza a comunicação. Os atos comunicacionais, por sua vez, estão ligados às estruturas sociais. Dessa maneira, a fala é uma manifestação individual da linguagem e é ela que permite que a linguagem torne-se concreta. Para Bakhtin (2011, p. 261), "[...] o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana". Nesse sentido, o que permite que um texto ou frase se apresenta como um enunciado transcende o texto ou a frase. O enunciado se faz, diz Sobral (2009, p. 92), explicando o conceito baktiniano, na "[...] ação concreta do autor de conceber (intencionalidade) e executar (enunciação) um dado projeto enunciativo numa dada situação de enunciação, algo que não anula as formas da língua, mas vai necessariamente além delas". Nesses termos o local do enunciado está situado nas fronteiras onde se cruzam as diversas vozes sociais de maneira contínua e multiforme. Nesse local, formam-se novas vozes sociais.

Sobral (2009) comenta que pode ser pronunciada por qualquer pessoa e pode ter um grande número de significações, corresponde a uma unidade de um

determinado sistema linguístico. Para Bakhtin (2009, p. 289) a oração como unidade da língua, assim como a palavra não pertence a ninguém “[...] e só funcionando como um enunciado pleno ela se torna expressão da posição do falante individual em uma situação concreta de comunicação discursiva”. Para Sobral (2009), o enunciado está situado entre o verbal e o não verbal, servindo de mediador: ele traz o não verbal em sua própria estrutura verbal já que o enunciado é marcado por elementos extra-verbais que acabam por se tornar intra-verbais. A palavra, diz Bakhtin (2011), costuma ser retirada de outros enunciados semelhantes aos que estão sendo ditos.

Todas estas vozes e os diálogos estabelecidos entre elas permitem, de alguma forma, que o imaginário coletivo se forme, já que se pode ver aí muito mais do que uma maneira de se criarem significados para coisas e ideias ao se pensar que se forma, a partir da língua, repertório de significados que são alimentados por novos significados e por práticas cotidianas as quais parecem traduzir a língua, como diz Bakhtin.

Vale ainda destacar que, para Bakhtin (2004), a linguagem é vista como um trabalho. Sua prática, para o autor, é de caráter institucional. Dessa forma, na linguagem, é possível perceber que o discurso terá refletido certa forma de ver o mundo. Essa, por sua vez, tem relação tanto aos autores como à sociedade. Assim, para pensar a linguagem, é necessário considerar os discursos provenientes dela. Por isso, Fiorin (2007) ressalta que a linguagem é uma instituição social diferente das outras já que conta com especificidades próprias. Mas é ela o veículo que transporta as ideologias e que serve de mediador entre as relações humanas com a natureza ou mesmo entre os próprios homens. A linguagem, afirma o autor, constitui-se em um acontecimento complexo que pode ser percebido sob olhares distintos já que seu espaço de pertencimento se encontra em diferentes campos. Isso porque, por um lado, ela é determinada pelas condições sociais e por outro há certa autonomia em relação às formações sociais.

Nesse contexto, Bakhtin (2004) aponta que a unidade linguística privilegiada é a enunciação. Há no discurso uma relação ativa entre uma enunciação e outra. Vale então considerar a enunciação ativa de “outrem”. É por meio de mecanismos de um discurso interior que, como Bakhtin comenta, a apreensão

apreciativa da enunciação de “outrem” se dá. Quem apreende a enunciação de “outrem” não é “privado da palavra”, mas está carregado de palavras interiores. O discurso de “outrem” é, necessariamente, mediado pelo discurso interior. Para Bakhtin, é no discurso interior que acontece a apreensão, a compreensão e a apreciação da enunciação de “outrem”. Dá-se o nome de dialogismo à relação entre os enunciados. O vínculo estabelecido entre os diversos enunciados se faz presente em todas as formas de produzir cultura (verbal, não verbal, popular, ou considerada de elite, letrada ou não). No futebol, campo de estudo desta tese, não é diferente. Assim, podemos encontrar no conceito bakhtiniano o entrelaçamento dos enunciados culturais.

Ao tratar de enunciado, Bakhtin (2011) salienta que ele (o enunciado) não apenas reflete algo já formado, já existente, fora dele, assim, há em um novo enunciado também um algo singular, uma novidade. Ao mesmo tempo, tudo o que é criado o é a partir de algo dado. Assim, para Bakhtin (2004, p. 113)

[...] na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é um território comum do locutor e do interlocutor.

Quando trata das palavras, Bakhtin (2004) coloca que, essencialmente, essas são vistas como signo ideológico e estudadas como processo e não apenas como produto, como instrumento ou como mercadoria. O nascimento da palavra está relacionado ao processo de socialização pelo qual passaram os indivíduos pertencentes a uma sociedade. Em um estágio posterior, apresenta, essa palavra é integrada “[...] organismo individual e tornar-se fala interior”. É na palavra que o mundo parece se miniaturizar e valores sociais contraditórios entram em confronto (BAKHTIN, 2004, p. 64).

Isso porque Bakhtin (2004, p. 36) apresenta a palavra como sendo “[...] o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por

sua função de signo”. A palavra carrega consigo um sentido ideológico. É por causa dessa bagagem que “[...] compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida” (BAKHTIN, 2004, p. 95). A palavra, explica Bakhtin (2004, p. 38), “[...] está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação” e por esse motivo identifica a maneira mais pura e sensível das relações que são estabelecidas entre os membros de determinada sociedade. A forma como as palavras utilizadas se relacionam com as coisas explica Faraco (2003) não se dá de maneira direta. Ela, a palavra, não toca as coisas. Seu alcance atinge os discursos que revestem as coisas adentrando nas camadas discursivas.

Cada enunciado apresenta em sua constituição uma série de vozes, de lugares, ou várias fontes, significando que um texto sempre está vinculado a outros que, por sua vez, são provenientes de textos de origens variadas, mas pressupõe um sistema de signos aceitos de maneira universal, ou seja, há sempre uma linguagem; é a chamada intertextualidade. Não há indiferença entre os enunciados, diz Bakhtin (2011, p. 297). Eles também não “[...] se bastam cada um a si mesmo; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros”. O autor continua a tratar do enunciado indicando que cada um deles possui ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais se liga pela identidade da “esfera de comunicação discursiva”.

É a intertextualidade que permitirá a formação de uma teia chamada imaginário. Vê-se aqui a explicação de que “[...] o texto (a diferença da língua como sistema de meios) nunca pode ser traduzido até o fim, pois não existe um potencial texto único dos textos” (BAKHTIN, 2011, p. 311).

Todos esses conceitos estão ligados ao princípio que o autor chamou de dialógico. Sobre esse conceito, Bakhtin (2011, p. 313) ainda salienta que “[...] o enunciado em sua plenitude é enformado como tal pelos elementos extralinguísticos (dialógicos), está ligado a outros enunciados. Esses elementos extralinguísticos (dialógicos) penetram o enunciado também por dentro”. Apesar disso o sentido do texto, compreendido como enunciado, reside no fato dele ser individual, único e singular. No entanto, afirma o autor (2011, p. 262), a utilização da língua organiza “seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados” chamados por Bakhtin de gêneros

do discurso. O texto, indica ele, só vive a partir dos contatos estabelecidos com outros textos. É somente nesse ponto de contato entre os textos que “[...] eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo” (BAKHTIN, 2011, p. 401). Esses contatos estabelecidos entre os diferentes textos são dialógicos e não mecânicos. São dessas diferenças discursivas que emerge o dialogismo. Fala-se em diferenças pois caso não fosse possível encontrar semelhanças nos depararíamos, segundo Sobral (2009) com incompatibilidade.

O que se pode compreender a partir desse contexto é que para Bakhtin (2004) o diálogo não apenas se apresenta como sendo o ato do ser humano se comunicar frente a frente, mas a interação entre, pelo menos, duas enunciações no ato da fala. No âmbito dessas reflexões, ao se observar os textos que se referem ao Flamengo, objeto de estudo desta tese, por exemplo, pode-se afirmar que estão vinculados a outros que tratam do próprio time, do adversário ou, de maneira mais ampla, do futebol brasileiro. Percebe-se, assim, um vínculo que se costura dialogicamente e ao longo do tempo. Esse exemplo é uma amostra de como o universo da cultura se apresenta como um grande diálogo, utilizado no sentido amplo da palavra, não apenas como um mero diálogo entre dois sujeitos.

É no interior desses enunciados que se formam os relacionamentos humanos. Para Bakhtin (2011), existem dois elementos que fazem com que o texto seja determinado como um enunciado: sua intenção (ideia) e a realização dessa intenção. Isso porque há um sistema de linguagem que forma cada texto (como enunciado) e esse sistema de linguagem, afirma Bakhtin (2011, p. 309), “[...] corresponde no texto tudo o que é repetido e reproduzido e tudo o que pode ser repetido e reproduzido, tudo o que pode ser dado fora de tal texto (o dado) [...]”. A ligação do enunciado com os elementos extralinguísticos bem como sua repetição e reprodução constroem as relações sociais que paulatinamente formam grupos, tribos e nações. Nesse sentido, coloca Bakhtin (2011, p. 272) , “[...] cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”. Um elo não pode ser separado dos outros que lhes dão origem. Tal ligação apontada por Bakhtin (2011) é identificada, quando se trata do Flamengo, em enunciados que se repetem em espaços temporais, geográficos e midiáticos diversos.

Em uma sociedade tecnológica, como a que se apresenta nos séculos XX e XXI, são as diversas formas de comunicação que, com a convergência das linguagens, servem como instrumento para a socialização humana. O papel essencial da comunicação é, para Moraes (2012, p. 50), “[...] uma forma de organizar, unir e conquistar espaços e anseios num grupo ou na comunidade [...]”. Todo discurso social, apresenta ainda a autora, “[...] é realizado pela comunicação, resultando em uma produção de sentido e coerência que é, não menos do que, a constituição do *nós*, da história e de uma sociedade” (grifo do autor).

Os enunciados repetidos e socializados a partir de uma comunicação permitem a formação de um *nós* coletivo e formam discursos que possibilitam a criação de uma atmosfera específica. À tal atmosfera, aponta Maffesoli, pode-se dar o nome de imaginário.

3.2 SOCIOLOGIA DO IMAGINÁRIO: REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA E PARTILHADA - UMA NAÇÃO EM CURSO

Ao se refletir sobre o imaginário, faz-se oportuno considerar o pensamento de Maffesoli (2001, p. 75) entre cultura e imaginário. Para o autor, no sentido antropológico da palavra, cultura está contida em “[...] uma parte de imaginário. Mas ela não se reduz ao imaginário. É mais ampla. Da mesma forma, agora pensando em termos filosóficos, o imaginário não se reduz à cultura. [...] Mas, claro, no imaginário entram partes de cultura”. Maffesoli (2001) diferencia cultura de imaginário apontando que a primeira apresenta uma série de elementos e fenômenos que podem ser descritos, enquanto o imaginário vai além disso, apresentando uma sutileza nem sempre possível de ser avaliada ou medida. Para o autor, o imaginário é o estado de espírito que caracteriza uma sociedade (MAFFESOLI, 2001).

Nesse contexto, a cultura pode ser identificada em suas mais diversas formas de manifestação (livros, filmes, obras de arte e modo de viver de um povo). Já o imaginário está em uma dimensão atmosférica, o que para Maffesoli caracteriza o que Walter Benjamin chamou de aura. Maffesoli (2001, p. 75) completa afirmando que “[...] o imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental,

que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável. O imaginário, (...), é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera. Algo que envolve e ultrapassa a obra”. O imaginário, completa Silva (2006, p. 18), é uma aura em mudança permanente, “[...] uma aura sem peso unitário [...]”.

Pode-se afirmar então que por meio da linguagem o imaginário é representado. Para Silva (2006, p. 7), “[...] todo imaginário é real. Todo real é imaginário. O homem só existe na realidade imaginal. Não há vida simbólica fora do imaginário”. O autor coloca ainda que o indivíduo é movido pelos imaginários que cria. Ainda explicando o conceito de imaginário, Silva (2006, p. 8) indica que “[...] todo imaginário é uma narrativa. Uma trama. Um ponto de vista. Vista de um ponto”. A construção de tal narrativa, avalia o autor, não tem um fim, é um processo constante, construído coletivamente e, por isso, de maneira anônima e não intencional. “O imaginário é um rio cujas águas passam muitas vezes no mesmo lugar, sempre iguais e sempre diferentes”.

Ainda de acordo com Silva (2006, p. 9), convencionalmente, faz-se uma oposição do imaginário ao real “[...] na medida em que, pela imaginação, representa-se esse real, distorcendo-o, idealizando-o, formatando-o simbolicamente”. Já em um pensamento mais antropológico, diz o autor, “[...] o imaginário é uma introjeção do real, a aceitação inconsciente, ou quase, de um modo de ser partilhado com outros, com um antes, um durante e um depois (no qual se pode interferir em maior ou menor grau)”. Para ele, o imaginário é uma língua e para penetrar nesta é necessário que o indivíduo compreenda e aceite as regras pré-estabelecidas. Assim, ainda segundo Silva (2006), a rede formada pelo imaginário é costurada por valores e sensações que são partilhados pelos indivíduos de forma concreta ou virtual e, por estar em constante mudança, está em um terreno movediço. “O imaginário é uma rede etérea e movediça de valores e de sensações partilhadas concreta e virtualmente” (SILVA, 2006, p. 9). No contexto deste trabalho, o futebol seria esse terreno movediço no qual indivíduos de diferentes classes sociais, graus de escolaridade e origens se unem em torno de algo comum: a paixão pelo esporte reconhecido, tacitamente, como a modalidade de referência do nosso país.

Ao usar as palavras de Stronneau para explicar o termo imaginário social, Legros et al. (2007, p. 11-12) apontam três elementos como significados para tal

expressão: (a) a dimensão mítica da existência social; (b) a imaginação de uma outra sociedade e (c) imaginário mais moderno e cotidiano (recente). O primeiro significado permite que sejam esclarecidos mitos dominantes de determinada época em determinado meio social e cultural. Já o segundo está ligado a ideologias revolucionárias presentes, muitas vezes, nas utopias. Por último, o terceiro significado é “[...] visto nas práticas de todos os dias: paisagem urbana, objetos familiares, encontros fortuitos, percursos usuais, distrações populares”.

A partir desses significados pode-se dizer que a sociologia do imaginário cerca a sociedade de maneira transversal, já que, como dizem os autores, ela é uma maneira de enxergar como se apresentam elementos do social. Interessam-se, desta forma, pela dimensão imaginária que se apresenta nas mais diversas atividades humanas.

Ao tratar do imaginário, é possível observar certa ambiguidade no que diz respeito ao termo citado. Ao explicar as ideias de Mafesolli, Legros et al. (2007, p. 100) dizem que a literatura e a arte geralmente refletem os comportamentos e valores que estão em processo de generalização na sociedade. Assim, continuam os autores, o “imaginário costura o real, multiplica-o em sub-universos corroborados pela significação”.

Silva (2006) procura explicar a concepção de imaginário de Maffesoli afirmando que este coloca o termo em um campo semântico mais geral, o que permite que a palavra “imaginário” ficasse mais compatível com os vários sentidos que lhe são atribuídos contemporaneamente. Para Michel Maffesoli, explica Silva (2006, p. 10), “[...] o imaginário é uma força, um catalisador, uma energia e, ao mesmo tempo, um patrimônio de grupo (tribal), uma fonte comum de sensações, de lembranças, de afetos e de estilos de vida [...]”.

Nesse sentido, o imaginário é um reservatório na medida em que soma imagens, sentimentos, lembranças que, juntamente com uma relação estabelecida entre o individual e o grupal, “[...] sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo. O imaginário é uma distorção involuntária do vivido que se cristaliza como marca individual ou grupal”. Para o autor (2006, p. 11-

12), enquanto o imaginado gira em torno do irreal se tornar real, o imaginário brota do real, ganha estrutura no ideal voltando ao real “[...] como elemento propulsor”.

Silva (2006, p. 11 - 12) ainda coloca que para Maffesoli o imaginário é um motor na medida em que “[...] é um sonho que realiza a realidade, uma força que impulsiona indivíduos ou grupos. [...] Como o reservatório, o imaginário é essa impressão digital do ser no mundo. Como motor, é o acelerador que imprime velocidade à possibilidade de ação [...]”.

Ao quebrar essa linearidade temporal, o mito e as diversas linhas que formam a teia do fantástico apresentam-se ao que é vivido pelo coletivo, o que Maffesoli, conforme Legros et al. (2007, p. 100- 101), chama de “dinâmica fundada sobre o *imaginal*”. A função desse processo, é mostrar que o sobrenatural, o maravilhoso, ou poético fazem parte e são próprios da sociabilidade presente em práticas rituais. Logo, o mundo social não se reduz a categorias econômicas, políticas ou intelectuais esfriadas. Ao se tratar de futebol, percebe-se essa ampliação, pois o torcedor ingressa no campo das paixões, do sentimento, do estar-junto, ao qual Maffesoli (2007) alude ao destacar a importância do imaginário na consolidação da socialidade.

Simultaneamente, o imaginário é o manancial em que se encontram o racional e o não-racional que impulsionam para a ação, na medida em que assimilam as ideias, não importando as contradições por elas apresentadas. Assim, para Silva (2006), a construção do imaginário individual acontece por: (a) identificação (reconhecimento de si no outro), (b) apropriação (desejo de ter o outro em si) e (c) distorção (reelaboração do outro para si). Já o imaginário social tem sua estrutura essencialmente ligada ao contágio: (a) aceitação do modelo do outro (lógica tribal), disseminação (igualdade na diferença) e (b) imitação (distinção do todo por difusão de uma parte). “No imaginário há sempre desvio.” (SILVA, 2006, p. 13).

Essa dualidade apresentada por Silva também pode ser observada em Durand que, conforme Moraes (2012, p. 73), classifica-a em dois regimes: o diurno e o noturno. O primeiro está ligado à noção de potência e “[...] coloca em confronto os contrários, fundamenta-se na exclusão, na contradição e na identidade”. É apolínea

e abrange a estrutura heroica e a racionalidade. O herói do dia, solar, diz Durand (2002, p. 159) apresenta-se como um “[...] guerreiro violento e opõe-se, por isso, ao herói lunar, que, como veremos, é um resignado. Para o herói solar são sobretudo os efeitos que contam, mais que a submissão à ordem de um destino”. Salienta-se que ao tratar desse regime como sendo apolíneo Durand faz uma referência ao mito Grego Apolo que segundo Formentin (2006, p. 34) não é caracterizado como “[...] um deus totalmente justo e bom” ele possui características por vezes sombrias. Em suas andanças, diz a autora, “Apolo se mostra muito corajoso. No entanto, em algumas histórias que dele são contadas, está presente um pouco de autoritarismo e crueldade”. Ao se remeter ao objeto de estudo deste trabalho, o Flamengo, alguns jogadores participantes do panteão do time são representados, nos textos analisados, com essa característica.

No caso do regime noturno, é possível perceber “dominantes digestivas e sexuais” (MORAES, 2012, p. 73). Abrange as estruturas místicas, e negam a fase trágica do tempo, noções de analogia e similitude, e dramática que se caracteriza pela harmonização dos contrários. Se o regime diurno liga-se a Apolo, o noturno faz referência a Dionísio. Assim, no regime diurno, vê-se a ordem, enquanto o desordenamento se encontra no regime noturno. Torcedores e também jogadores podem ser identificados por esta ‘festa’, esta desconstrução necessária para que se chegue à vitória. Tal qual no esporte o imaginário deve transitar entre os dois regimes. O equilíbrio permite que a razão diurna ganhe novas nuances pelo que se forma no emocional noturno. As três estruturas (heróica, mística e dramática) mediam o processo simbólico. Esse simbólico produz significados (MORAES, 2012).

Maffesoli (2001, p. 80) aponta que não há um imaginário individual. Para o autor, o “[...] imaginário coletivo repercute no indivíduo de maneira particular. Cada sujeito está apto a ler o imaginário com certa autonomia”. No entanto, percebe o autor, “[...] vê-se que o imaginário de um indivíduo é muito pouco individual, mas sobretudo grupal, comunitário, tribal, partilhado”. Isso porque, para ele, quando há a referência ao imaginário, refere-se também ao sentido de fazer parte de algo, de uma partilha, seja no campo da linguagem, de uma ideia de mundo ou, como diz o próprio autor de uma atmosfera. Assim, “[...] pode-se falar em “meu” ou “teu” imaginário, mas, quando se examina a situação de quem fala assim, vê-se que o

“seu” imaginário corresponde ao imaginário de um grupo no qual se encontra inserido” (MAFFESOLI, 2001, p. 76). Nesse sentido, completa o autor, “[...] o imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-nação, de uma comunidade, etc. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual”.

Outra discussão que vem à tona quando se trata do imaginário é em relação à imagem. Para Maffesoli (2001), a imagem é o resultado do imaginário e não seu suporte. “A existência de um imaginário determina a existência de conjuntos de imagens”, diz o autor (2001, p. 76). O autor francês aponta que o imaginário é alimentado por um conjunto de tecnologias que por sua vez partem de fontes imaginárias para realizar esta retroalimentação do imaginário. Esse processo, geralmente, se dá de maneira informal e molda a atmosfera de uma determinada sociedade como ocorre em jogos do Brasil e no cenário deste trabalho, com o Flamengo, que conta com torcedores não apenas no Rio de Janeiro, onde foi fundado, mas em todo país.

Para tanto, é necessário que se esteja sintonizado com o espírito coletivo. Maffesoli (2001, p. 80) explica que “[...] o imaginário, enquanto comunhão, é sempre comunicação [...]”. É o que ocorre com os membros de uma torcida no momento de um jogo ou mesmo em um episódio de confronto entre torcidas. Ainda para Maffesoli (2004), comunicação é o elemento que permite que signos e referências do mundo pós-moderno sejam ‘colados’. A comunicação faz com que um indivíduo esteja unido a outro. Para o autor, na ideia de comunicação há, necessariamente, o encontro que só é possível “[...] quando se participa de um destino comum [...]” (MAFFESOLI, 2004, p. 20). Há então a partilha, o laço social.

A partir dessa reflexão é possível observar que os discursos que emanam da sociedade são parte da criação de discursos que reforçam ou descontroem o que a coletividade apresenta. Muitos desses discursos se apresentam pelo simbólico que, por sua vez, se apresentam das mais variadas formas. No futebol, por exemplo, isso se expressa por meio dos brasões, bandeiras, hinos e cores. Ou seja, se expressa por elementos que irão tecer as fronteiras daquilo a que chamamos de nação e que veremos com maior profundidade nas páginas a seguir.

4 PRESSUPOSTOS SOBRE NAÇÃO: A SOCIALIDADE RUBRO-NEGRA

4.1 SOBRE AS TRIBOS

Antes de abordar reflexões sobre “nação”, considera-se relevante destacar alguns aspectos sobre as “tribos”, como tentativa de demarcar elementos que as diferenciam (nação e tribo). Conforme, anteriormente, destacado por esta pesquisadora (2006), todas as reflexões sobre a humanidade (dos mitos antigos à influência da indústria cultural) nos fazem atentar para o fato de que o ser humano vive e convive em sociedades.

Cada período histórico possui uma sensibilidade própria daquele momento e é ela que vai guiar as formas como as pessoas se relacionam e criam grupos/comunidades. Assim, Maffesoli (1998, p. 102) afirma que “[...] de um lado está o social que tem uma consistência própria, uma estratégia e uma finalidade. Do outro lado, a massa onde se cristalizam as agregações de toda ordem, tênues, efêmeras, de contornos indefinidos”.

A vida diária das comunidades contemporâneas se manifesta pela estética, que consiste no sentir em comum, no estar-junto. Trata-se, conforme Maffesoli (1998, p. 31), de um “[...] código genético que limita e determina a maneira de estar com os outros muito mais do que poderia fazê-lo a situação econômica e política”. O costume é o que não foi dito, é, justamente, o fundamento desse estar-junto.

Os mitos e os discursos que formam uma comunidade podem assumir a função de unir as pessoas dentro de uma determinada ideia coletiva em determinado momento. Maffesoli (1998) destaca que, se, em seu nascimento, muitos grupos/comunidades surgem pelo princípio de individualização, apoiando-se na separação de outros, essa atitude pode fazer com que esses grupos sejam dominados, perdendo-se, assim, em um sujeito coletivo. Essa teia de relacionamentos que gera tais grupos/comunidades, o autor denomina de neotribalismo.

No âmbito dessas reflexões, podem-se perceber várias tribos que já fazem parte da paisagem urbana: “*punks*”, “*patricinhas*”, “*hippies*”. Elas funcionam como comunidades emocionais que têm aspecto efêmero, a composição cambiante, inscrição local e falta de uma organização e de uma estrutura cotidiana. Podem estar em todas as religiões e, geralmente, não estão dentro de normas rígidas institucionais.

Maffesoli (1998, p. 18) estabelece um elo entre a emoção partilhada e a comunalização. Para o autor a “[...] ligação entre a emoção partilhada e a comunalização aberta é que suscita essa multiplicidade de grupos, que chegam a constituir uma forma de laço social”. Nesse sentido, na perspectiva dessas “neotribos” não se trata de uma narrativa partilhada e construída entre indivíduos de maneira racional mas de uma narrativa mítica que geralmente é edificada de maneira emocional e mais irracionalmente. Podem, segundo Maffesoli (1998, p. 15), “[...] existir heróis, santos, figuras emblemáticas, mas eles são, de certa maneira, tipos – ideais ‘formas’ vazias, matrizes que permitem a qualquer um reconhecer-se e comungar com os outros”. Essas figuras míticas, aponta Formentin (2006, p. 73) “[...] são figuras sociais que permitem criar a expressão do nós, a estética coletiva”.

Isso porque, como aborda Campbell (1990, p. 131) “[...] o herói é alguém que deu a própria vida por algo maior que ele mesmo”. Ele está disposto a se sacrificar por um povo, uma pessoa ou mesmo uma ideia. Esse herói é aquele que realiza algo que não está no nível normal. Portanto, realiza proeza (física ou espiritual) que, conforme o autor, parte de quem percebe a falta de algo em meio às experiências permitidas a outros membros da sociedade em que está inserido. No caso de ações que se apresentam de maneira física há, a prática de um feito que exija coragem, em batalha, por exemplo. Já no caso espiritual, explica Campbell (1990, p. 131), o herói “[...] aprende a lidar com o nível superior de vida espiritual humana e retorna com uma mensagem”.

Para isso, afirma o autor, os heróis podem escolher realizar certa proeza de maneira preparada e intencional ou serem lançados àquela aventura sem saber exatamente o que estão fazendo. Campbell (1990, p. 142) indica ainda que a sociedade contemporânea necessita de heróis, pois “[...] ela tem necessidade de uma constelação de imagens suficientemente poderosa para reunir, sob a mesma

intenção, todas essas tendências individualistas”. O autor (1990, p. 142) completa afirmando que “[...] a nação necessita de uma intenção, a fim de atuar como um poder uno”. Há para Campbell (1990), um herói lendário que o autor entende como aquele que funda algo (uma era, religião, cidade, modalidade de vida). Para isso, no entanto, esse herói precisa se desvencilhar do velho, do antigo e assim inovar. O que existe, assim, é a necessidade de “[...] partir em busca da idéia-semente, a idéia germinal que tenha a potencialidade de fazer aflorar aquele algo novo” (CAMPBELL, 1990, p. 145).

Murad (2007) explica que a diferença entre identidade e identificação está no fato de a identidade estar vinculada ao ser. O que permite que ela tenha características mais densas e profundas que podem ser vislumbradas quando tratamos do sentimento que envolve a nação. Nesse sentido, o herói do qual nos fala Campbell contribui para este fortalecimento do sentimento de identidade. Já as identificações estão mais relacionadas ao estar e suas características são mais superficiais e passageiras. Consideramos, então, partindo desses dois últimos conceitos elencados por Murad, que as neotribos formadas e observadas, especialmente em ambientes urbanos pós-modernos, necessitam de que seus membros apresentem identificações. Tais identificações, por sua vez, permitem que esses grupos formem suas identidades e, assim, se sintam parte de uma comunidade com raízes mais profundas.

4.2 A NAÇÃO: CONTORNOS RUBRO-NEGROS

O termo comunidade vem sendo discutido nas mais diversas áreas das ciências humanas. Para Bruno Souza Leal (2006), se por um lado ela pode ser vista como contraponto à noção de sociedade, por outro está associada a conceitos como território, identidade e tradição. Antes de destacar os conceitos relacionados ao termo nação, vale lembrar o que Anderson (2008) afirma. Diferente dos indivíduos modernos no que se refere à nação, não é possível estabelecer uma data de nascimento precisa, nem natural, o que também acontece em sua morte, caso isso venha a ocorrer. O autor também destaca que não há como escrever uma biografia precisa tendo em vista que não há um criador original para nenhuma nação.

Entretanto, apesar dessa falta de precisão, Hobsbawm (2008, p. 195) coloca que “[...] todos os Estados do planeta, pelo menos oficialmente, são ‘nações’; todos os movimentos de libertação tendem a ser movimentos de libertação ‘nacional’”. Isso se dá, ao menos em parte, pois, como Paulo Martinez (1996) afirma, a nação está colocada nos planos social, afetivo, espiritual e cultural. Daí parte a hipótese de ser a torcida rubro-negra classificada como nação. Essa, segundo o autor (1996, p. 15), constitui

[...] a égide do sentimento e da convicção de que cada indivíduo dotado de uma certa nacionalidade é parte indissolúvel de um todo formado pelo conjunto de valores materiais produzido com o esforço de todos e os demais valores compartilhados: as opiniões, as crenças.

Não se trata aqui do conceito geopolítico de Nação que envolve o Estado, enquanto instituição jurídica que tem uma organização político administrativa soberana ao qual estão subordinados seus membros. Mas o sentimento que contribui para o fortalecimento do sentimento de Nação que, em um segundo momento contribuirá para forjar o conceito de Estado-Nação entendida como um território politicamente organizado e com fronteiras delimitadas. Raul Antelo (1998, p. 12) indica que não se pode pressupor o nacional como sendo algo natural e sim “[...] uma identidade socialmente construída. O nacional é uma representação ou, em outras palavras, o nacional é uma tradução daí que longe de ser contínua, a **transmissão** do nacional aja por **intermitência** e por discontinuidades” (grifo do autor). Talvez seja a partir dessa constituição que Anderson (2008, p. 32) conceitua nação como sendo “uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo inerentemente limitada e, ao mesmo tempo, soberana”. De alguma maneira, Hobsbawm (2008, p. 18) complementa tal conceito apontando para outra característica e afirmando que nação é “[...] qualquer corpo de pessoas suficientemente grande cujos membros consideram-se como membros de uma nação”. Seus membros, portanto, devem ter um consenso de sua condição de nação.

O que não pode faltar é vontade de fazer parte dessa comunidade imaginária. E para considerarem-se membros de uma nação, Hobsbawm concorda com Anderson, é necessário que essa nação seja imaginada. Hobsbawm (1991, p. 63) complementa as palavras de Anderson ao afirmar que

[...] não há dúvida de que pode preencher o vazio emocional causado pelo declínio ou desintegração, ou a inexistência de redes de relações ou comunidades reais; mas o problema permanece na questão de por que as pessoas, tendo perdido suas comunidades reais, desejam imaginar esse tipo particular de substituição.

Ao pensarmos sobre as comunidades imaginadas, cabe destacar que não é possível que o imaginar aflore em terreno estéril. Da mesma maneira que enunciados são formados a partir de outros já existentes, não se pode imaginar com base em nada. Há para isso a necessidade de haver símbolos capazes de fazerem sentido dentro da lógica pertencente à dada comunidade. Na perspectiva de Carvalho (1990), estes símbolos estabelecem uma relação “[...] de significado entre dois objetos, duas idéias (sic), ou entre objetos e idéias (sic), ou entre duas imagens” que por sua vez se solidificam, conforme o autor, a partir de raízes imaginárias preexistentes. Assim, músicas, brasões, bandeiras fomentam o imaginário e são o cimento para a narrativa apresentada no interior comunitário daquilo que é tratado como nação.

Anderson (2008, p. 203) ainda utiliza o exemplo dos hinos nacionais para mostrar que “[...] existe um tipo específico de comunidade contemporânea que apenas a língua é capaz de sugerir – sobretudo na forma de poemas e canções”. Para ele, por mais simples que sejam letra e música, percebe-se nessa forma, de canto, “uma experiência de simultaneidade”. É nesse momento que pessoas que não se conhecem “[...] pronunciam os mesmos versos seguindo a mesma música”. Entoar em uníssono esta canção “[...] da realização física em eco da comunidade imaginada”. Isso porque, afirma o autor, no momento em que a canção é entoada, próximo ou longe dos ouvidos, não se conhece, nem mesmo onde se encontram, todas as pessoas que estão cantando no mesmo momento e da mesma maneira. A partir dessa perspectiva, diz Anderson (2008, p. 204) “Nada nos liga, a não ser o som imaginado”.

Assim, membros de uma torcida de futebol ao entoarem as canções que fazem parte do repertório do time, como hinos e músicas próprias da torcida ou produzidas pelo meio artístico, estão estabelecendo uma conexão com outras

peessoas que também o fazem, independente do espaço que ocupam na sociedade. Pois é nesse momento que estão sob uma mesma atmosfera, um mesmo imaginário.

Ainda falando da importância da língua na formação das nações, Anderson (2008) salienta que ao permitir que pessoas que não nasceram em determinada comunidade imaginada sejam também parte integrante desta, é possível verificar que não é no sangue que se fundamenta a nação e sim na língua⁹. É a partir de questões como essas que Antelo (1998), remetendo a Anderson, aponta que devemos pensar a identidade nacional como sendo ficcional. O autor explica que isso não quer dizer que essa identidade seja 'falsa', mas que se constitui de maneira discursiva. É nesse sentido também que Hobsbawm (2010) afirma que apesar de a língua relacionar-se de maneira íntima com o território e com as instituições associadas a uma nação, tal ligação não, necessariamente, acontece de maneira obrigatória. Assim, esses elementos se constituem em componentes simbólicos para a formação da nação.

Já para Hall (2011, p. 62), quando trata de minorias étnicas, o termo 'comunidade' é um reflexo do sentimento de identidade grupal (um sentimento comum) que se apresenta entre os membros de tais grupos. O autor, no entanto, reflete sobre os perigos desse tipo de conceito já que esse modelo pressupõe o relacionamento de um grupo de pessoas de uma mesma classe que formam grupos homogêneos "[...] que possuem fortes laços internos de união e fronteiras bem estabelecidas que os separam do mundo exterior".

Especialmente no que se refere aos laços internos de união citados por Hall, vale pensar em Anderson (2008) quando este fala que as mudanças na consciência trazem consigo, obrigatoriamente, amnésias, esquecimentos e é, a partir deles que, em momentos específicos, nascem as narrativas que formarão nos indivíduos o sentimento que possibilitará chamar de nacional.

Nesse sentido o autor traz como exemplo a fotografia que ao mesmo tempo em que documenta determinado momento histórico de maneira contínua, aponta para um fato que se perderá na memória. O autor destaca que é possível

⁹ O autor lembra que grande parte das nações contemporâneas aceita o princípio da naturalização.

dizer que ocorre com as nações o que ocorre com as pessoas modernas. Para Anderson (2008, p. 278), “[...] a consciência de estarem inseridas no tempo secular e serial, com todas as suas implicações de continuidade e, todavia, de ‘esquecer’ a vivência dessa continuidade – fruto das rupturas do final do século XVIII -, gera necessidade de uma narrativa de ‘identidade’”. É o que se vê no futebol, por meio do retrato de um gol, da reação da torcida no momento de uma vitória ou da briga entre um jogador e o árbitro.

Nessa linha de reflexão, Sá (2010, p. 175) afirma que “[...] o Estado apareceu como um conjunto de práticas sociais entre agentes, instituições e poderes que, a partir das dinâmicas intra e inter-Estados, articulam indivíduos e grupos que se encontram conectados e territorializados durante os tempos”. Estado, portanto, pressupõe um território. Ao mesmo tempo, Antelo (1998) compara o campo do nacional com o da literatura apontando que ambos desconhecem fronteiras definidas com precisão.

Mas a formação do Estado Nacional moderno se dá, como fenômeno político, a partir do século XVIII “[...] como forma de cada povo exprimir a sua identidade dentro de espaços físicos, políticos e culturais próprios” (MARTINEZ, 1996, p. 12). O Estado nasceu, portanto, com aspectos formais, jurídicos e políticos que eram reconhecidos internacionalmente, como representante de determinada comunidade. Quanto à expansão do Estado, cabe lembrar que, em se tratando da expansão dos Estados monárquicos, esta se dava pelas guerras ou pelos casamentos dinásticos.

Segundo Hobsbawm (2008, p. 56), “[...] é o Estado que faz a nação e não a nação que faz o Estado”. A partir dessas colocações, é possível dizer que o Estado precede a nação. Conforme Sá (2010, p. 175), “[...] pode, sim, existir uma ‘minoría agitadora’, antes da criação de um Estado, porém o recrutamento da ‘massa de apoio’ para o sentimento de nacionalidade exige a existência de um Estado”.

É importante perceber que para estabelecer estes símbolos é necessário que haja, ao mesmo tempo, o esquecimento e o sentimento de pertencimento. Esquecer pontos negativos ou que contradigam, como, por exemplo, o fato de que o esporte considerado o mais brasileiro não tem suas origens em terras tropicais e

que, inicialmente, não era para brasileiros jogarem. Ou ainda sobrepor, de forma a apagar, fatos a outros. Assim, o tetracampeonato da Seleção Brasileira apagaria todas as derrotas já sofridas, como uma redenção, uma história construída que dá ao indivíduo o sentimento de pertencer àquele grupo. É importante pensar no esquecimento também como a lacuna deixada nas narrativas formando assim discursos descontínuos e que apresentam rupturas.

Assim, afirma Antelo (1998, p. 23), “[...] a linguagem é esquecimento, presença lacunar, donde concluiríamos que a matéria da linguagem é o vazio e que, portanto, o texto se articula como um interstício”. O que aconteceu em períodos em que, por exemplo, o time ganhou poucos campeonatos, não tinha nenhum grande ídolo? Que narrativas se formaram nesses momentos? Essas perguntas formam as lacunas na memória, muitas vezes, preenchida por narrativas que tornam ainda mais emocionantes a conquista.

Anderson (2008) aponta três fatores que foram essenciais para a construção do Estado Nacional moderno: (a) a mudança da maneira pela qual o latim passou a ser utilizado pelos humanista renascentistas, (b) a Reforma Religiosa e (c) a difusão de línguas nacionais para fins administrativos. Segundo o autor (2008, p. 73), o “[...] latim que agora eles queriam escrever era cada vez mais ciceroniano, e, além disso, cada vez mais afastado da vida eclesiástica e cotidiana”; a Reforma, que deve grande parte do sucesso ao capitalismo editorial, e que traduziu as teses de Lutero e a própria bíblia para o alemão e o terceiro fator foi “[...] a difusão lenta, geograficamente irregular, de determinados vernáculos como instrumentos de centralização administrativa” (ANDERSON, 2008, p. 75). O autor, no entanto, afirma que é

[...] plenamente possível conceber o surgimento das novas comunidades nacionais imaginadas sem um desses fatores, ou mesmo sem nenhum deles. O que tornou possível imaginar as novas comunidades, num sentido positivo, foi a interação mais ou menos casual, porém explosiva, entre um modo de produção e de relações de produção (o capitalismo), uma tecnologia de comunicação (a imprensa) e a fatalidade da diversidade lingüística humana. (ANDERSON, 2008, p. 78)

A formação da nação está, portanto, ligada ao desenvolvimento de um forte grupo social: a burguesia. Uma classe que, como diz Anderson (2008, p. 119),

“[...] em termos figurados, nasceu como classe apenas por múltiplas repetições”. Para o autor, os membros dessa classe, especialmente os industriais, viam, de uma maneira geral, a existência de tantos outros semelhantes a eles. Isso acontecia através da língua impressa. Falando da história em termos mundiais, Anderson (2008, p. 119) afirma que a burguesia “[...] foi a primeira classe a construir uma solidariedade a partir de uma base essencialmente imaginada”.

Os movimentos nacionalistas europeus aconteceram entre 1820 e 1920. Seu início coincidiu com o final desses movimentos na América. Assim, conforme Anderson (2008, p. 107), “[...] a ‘nação’ foi uma invenção sem patente, e seria impossível registrá-la. Pôde ser copiada por mãos muito diversas, e às vezes inesperadas”. Muitas vezes esses Estados tinham sua expansão alcançada por causa de guerras travadas com territórios vizinhos. Anderson (2008) também fala, ao tratar da independência de países como a Bélgica, da luta que este travou contra a Holanda. Nesse sentido, fica difícil não pensar que a formação da nação está ligada, de alguma maneira, à questão bélica. Acompanhando esse raciocínio, cabe observar que a medida que se formavam os exércitos, mais os interesses do Estado passavam a depender da participação de cidadãos comuns (HOBSEBWM, 2008). Se fazia necessário, assim, prever, estrategicamente, como seria imposto o grau de sacrifícios que os civis fariam ao entrar em uma guerra. Destacam-se aqui a Revolução Francesa e a Revolução Americana. Ambos movimentos solidificaram na França e nos Estados Unidos sentimentos de pertencimento e a formação de Estados fortes. Ambos os casos exemplificam as afirmações citadas anteriormente.

Anderson (2008, p. 202) ainda afirma que o que impressiona nas grandes guerras do século XX não é, exclusivamente, a quantidade de pessoas mortas e sim a grande quantidade de pessoas “dispostas a entregar a vida”. Completa o autor,

[...] morrer pela pátria, a qual geralmente não se escolhe, assume uma grandeza moral que não pode se comparar a morrer pelo Partido Trabalhista, pela Associação Médica Americana ou talvez até pela Anistia Internacional, pois essas são entidades nas quais se pode ingressar ou sair à vontade.

Nesse sentido a nação pode pedir sacrifícios de seus cidadãos. Hobsbawm (2008, p. 109) também trata da participação popular nas guerras do

século XX ao apontar a surpresa que governos com características bélicas tiveram “[...] ao verem seus povos pegarem em armas, embora por pouco tempo, em um acesso de patriotismo”. Brauner (2010, p. 53) reforça esta ideia ao, traduzindo Ernest Renan indicar, que “[...] os indivíduos se unem mais no sofrimento do que na alegria, já que o valor de positividade da identidade nacional está ligado ao fato de defendê-la, ou seja, quando os valores da coletividade estão acima de quaisquer interesses individuais”.

Hobsbawm (2007) apresenta em texto que discute a nacionalidade no século XX e XXI que a homogeneidade produzida nos Estados Nacionais europeus como consequência das guerras vividas por este continente ao longo do século XX vem mudando ao longo das últimas décadas (fim do século XX e início do XXI) especialmente com as transformações econômicas pelas quais o mundo passou.

Diferente dos emigrantes do século XIX, que se mantinham ligados à terra de origem por meio de cartas, visitas ocasionais ou por um nacionalismo que Hobsbawm (2007, p. 90) chamou de “nacionalismo de longa distância” realizado por intermédio de organizações que financiavam grupos políticos dos seus países de nascimento, os emigrantes do século XXI estão próximos de seus países de origem graças à revolução tecnológica visível no custo e na velocidade dos transportes e das comunicações. Assim, a emigração já não sugere uma escolha permanente, ou ao menos durável, entre um ou outro país.

Além da globalização, Hobsbawm (2007, p. 91) aponta outro fator que vem afetando a questão da nação e do nacionalismo: a xenofobia. Não se trata de um aspecto novo mas que vem sendo fortalecido com a globalização de movimentos que “[...] reforçou a longa tradição popular de hostilidade econômica à imigração em massa e de resistência ao que se vê como ameaças à identidade cultural coletiva”. Essa questão aparece mesmo em países que possuem sua formação histórica organizada a partir de grandes movimentos migratórios como as nações europeias e os Estados Unidos. Hobsbawm (2008, p. 91) explica tal fenômeno afirmando que “[...] a nova globalização de movimentos reforçou a longa tradição popular de hostilidade econômica à imigração em massa e de resistência ao que se vê como ameaças à identidade cultural coletiva”. Essa força dada pela globalização à xenofobia é identificada ao se perceber que a ideologia capitalista de mercados

livres, implantada em governos nacionais e instituições internacionais falhou no que se refere ao livre trânsito de força de trabalho, falha que segundo Hobsbawm (2008) não foi percebida no que tange o comércio ou o capital.

No final do século XX, “[...] todos os Estados do planeta, pelo menos oficialmente, são ‘nações’” (HOBSBAWM, 2008, p. 195) nem todos, no entanto, atendem aos fatores que Anderson aponta, eles podem não estar presentes. Ou seja, a diversidade linguística é algo ainda presente em muitos Estados-nação. Muitas vezes, ela se dá pelo movimento populacional em massa que acontece atualmente e que “[...] nos trazem a lembrança a fragilidade ou o murchar de nossas próprias raízes familiares” (HOBSBAWM, 2008, p. 199).

Na América, especialmente no Brasil, “[...] a primeira formação identitária foi modelada por um olhar estrangeiro, um olhar de fora, ou seja, pelos relatos dos viajantes estrangeiros”. Foram os europeus “[...] que primeiro disseram quem eram e o que era valor no continente americano” (SÁ, 2010, p. 177).

A partir dessa perspectiva e entendendo que identidade é algo que se constitui não de forma racional, mas antes a partir do imaginário que estabelece o lugar do ‘Eu’ e o lugar do ‘Outro’, é importante colocar que as diferentes linguagens contribuirão para essa formação da identidade, especialmente, em um momento em que, como disse Hall (2006), estão se tornando fragmentadas. Para o autor (2006, p. 13), “[...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”. Esse ‘Eu’ procura o Outro para formar essa identidade. O Outro, segundo Bhabha (2013, p. 95) deve ser “visto como a negação necessária de uma identidade primordial [...] que introduz o sistema de diferenciação que permite ao cultural ser significado como realidade lingüística, simbólica, histórica”. Hall (2006, p. 37-38) complementa explicando que “a formação do eu no ‘olhar’ do Outro, de acordo com Lacan, inicia a relação da criança com sistemas simbólicos fora dela mesma e é, assim, o momento da sua entrada nos vários sistemas de representação simbólica”¹⁰.

¹⁰ Optou-se neste trabalho tratar do Outro como substantivo próprio que caracteriza uma ordem que é anterior e exterior a nós mesmos.

Os meios de comunicação, de acordo com Maia (2006, p. 15) “[...] promoveram uma re-organização dos processos de aprendizagem, de conversação cívica e de mobilização”. A grande quantidade de imagens e informações sobre conflitos, culturas e modos de vida passou a ser acessada com cada vez mais frequência e intensidade com o advento da tecnologia de satélite. Nesse sentido, afirma Maia (2006, p. 15), a “[...] conversação cívica extrai insumos tanto de noticiários e programas de natureza informativa quanto daqueles de entretenimento e ficção que colocam em cena experiências, conflitos e lutas concretas de indivíduos e grupos na sociedade”. A autora (2006, p. 15) esclarece assim que “[...] a mídia configurou a sociedade contemporânea de modo profundo, durável, e irreversível”. Nesse sentido verifica-se que os veículos de comunicação sofreram alteração ao longo do tempo mas as identidades permanecem e são reforçadas por essas novas formas de fazer a comunicação. De certa maneira, essa ideia corrobora a apontada por Anderson (2008).

Conforme Sá (2010, p. 30), a historicidade apontada por Hobsbawm torna-se um elemento relevante na construção do imaginário de nação, na medida em que enseja um processo discursivo “[...] imbricado, que objetiva o estabelecimento do sentimento de identidade nacional”.

Quanto a isso, deve-se tratar da perspectiva de Hall (2006, p. 48) de que as “[...] identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação”. Para o autor (2006, p. 49), “[...] a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural”.

Nesta procura por uma identidade, há o diálogo entre as diversas linguagens e o encontro entre as diversas vozes que se fazem sentir nas mais variadas formas de manifestações culturais. “As culturas sempre se recusaram a ser perfeitamente encurraladas dentro das fronteiras nacionais. Elas transgridem os limites políticos” (HALL, 2011, p. 35). “Os Estados-nação impõem fronteiras rígidas dentro das quais se espera que as culturas floresçam”, aponta Hall (2011, p. 34). O autor ainda explica que foi esse o relacionamento estabelecido primeiramente “entre as comunidades políticas nacionais soberanas e suas ‘comunidades imaginadas’ na era do domínio dos Estados-nação europeus”, tendo sido esse mesmo modelo

seguido pelas políticas nacionalistas e de construção da nação no momento em que os processos de independência se deram. Ao se falar de culturas, é interessante ressaltar o que Costa (1984, p. 19) aponta “[...] todo ato cultural é, simbolicamente, um ato violento. Sem violência não há cultura”. Pode-se dizer que essa violência está ligada à impossibilidade da cultura de se manter dentro de limites rígidos como afirma Hall (2011).

Nesse processo, Hall (2006, p. 38) explica que a identidade é formada “[...] ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. Ela está em constante transformação e é por isso que o autor coloca que ao invés de tratarmos “[...] da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento” (HALL, 2006, p. 39). Dessa forma, a maioria das nações, para Hall (2006, p. 59), são formadas de “[...] culturas separadas que só foram unificadas por um longo processo de conquista violenta – isto é, pela supressão forçada da diferença cultural”. Dessa maneira não importa, conforme Hall (2006, p. 59), “[...] quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca identificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional”. Pode-se perceber em meio a este processo violento ao qual se refere Hall a presença de manifestações culturais que contribuem para unir determinado grupo em torno de algo comum. Nesse sentido, diz Eagleton (2014), há no esporte, nesse caso o futebol destacado pelo autor, um “significado político extraordinário”. O autor convida à seguinte reflexão

Basta pensar em como seria transformada a paisagem social e política britânica se não mais existisse o futebol para fornecer às pessoas a tradição, o ritual, o espetáculo dramático, o senso de existência corporativa, a hierarquia, a lealdade, a agressividade selvagem, o combate gladiatório, o espírito de rivalidade, o panteão de heróis e a apreciação de habilidades estéticas que fazem falta tão grande ao cotidiano capitalista.¹¹

¹¹ EAGLETON, Terry. **Balzac encontra Beckham**. Disponível em: <
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0512200416.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

Na busca por uma identidade e pensando em identidade, como afirmou Murad (2007), trata-se de um sentimento mais profundo e relacionado ao ser. Há, então, o dialogismo, que foi tratado por Bakhtin (2004 e 2011), na medida em que há um diálogo entre as diferentes narrativas fazendo com que as várias vozes sociais tornem naturais os discursos que formarão as raízes profundas da identidade. Esses dois conceitos apresentados pelo autor russo são necessários para que a profundidade apresentada por Murad seja reforçada. O discurso que emana da sociedade, assim, retorna em discursos que ganham uma nova roupagem nas mais diversas formas de linguagem, nas mais variadas vozes sociais.

5 PERCURSO MIGRATÓRIO DO FUTEBOL

5.1 ESPORTE E SOCIEDADE

A função de ritual era característica marcante do esporte, em seus primórdios. Competir aparecia em um segundo plano, uma vez que, naquele período, o ser humano competia com o ambiente em que vivia. Rubio (2001, p. 107) afirma que “[...] nos primórdios de sua existência, o homem vivia não em condições paradisíacas, mas em dura luta pela existência, sob imperativo das necessidades vitais mais imediatas”. Nessa perspectiva, o outro, o oponente, não era apenas outra pessoa, pode ser um animal ou mesmo um ambiente.

Para os gregos, há a pressuposição de que os competidores devem estar em iguais condições para que a ‘batalha’ seja justa. Os gregos acreditavam em uma educação integral (a paideia) que não seria possível sem a presença da educação física. A sociedade ocidental recebe influência grega ao se apropriar do esporte como integrante de uma educação completa. Logo, a atividade física contribuía para exercitar o corpo e a mente. As principais modalidades disputadas em competições *gregas* eram a corrida (é bom que se diga pedestre e a versão armada), o lançamento de disco e de dardo, o salto em distância e alguns tipos de lutas. “Muitas das metáforas principais de expressão da existência social na Grécia eram relacionadas diretamente ao teatro e aos esportes, culturas altas para os gregos e, em todos os sentidos, atos de nobreza” (MURAD, 2007, p. 108). Mais do que em qualquer outro setor da vida pública era no teatro e no esporte que surgiam as principais oportunidades de inclusão social para escravos e mulheres, afirma Murad (2007). Esses segmentos sociais “[...] jogavam o *epyskiros* e tinham o direito de celebrar os ritos associados a este ‘futebol’ inaugural” (MURAD, 2007, p. 108).

Historicamente a atividade física vem acompanhando a humanidade como elemento imprescindível para a condição humana. Isso, diz Rubio (2001), se faz presente em vários âmbitos das sociedades, da formação física do corpo à competição inerente a tal atividade. O autor (2001, p. 107) coloca ainda que o esporte moderno é resultado de um processo de “[...] esportivização da cultura

corporal de movimento das classes populares inglesas, cujos exemplos mais citados são os inúmeros jogos com bola, e também de elementos da cultura corporal de movimento da nobreza inglesa”.

O esporte chega ao século XIX na companhia de uma série de transformações sociais e políticas que se iniciaram no século XVII (Revolução Industrial, Iluminismo e Revolução Francesa). Os ‘sistemas ginásticos’ modernos, assim como na antiga Grécia, estão associados a elementos educativos, mas que procuram “[...] responder a uma demanda advinda da defesa dos Estados Nacionais e ao aumento da produção capitalista” (RUBIO, 2001, p. 123). As mudanças sociais do século XIX, como a diminuição da jornada de trabalho e um tempo de lazer para as classes trabalhadoras, permitiram que o esporte começasse a se expandir e a ganhar certa organização. Esse movimento começa pelas escolas. Segundo Rubio (2001, p. 128)

[...] o modelo esportivo passou a servir como norteador da educação inglesa, voltada para a formação física e moral daqueles que iriam explorar e colonizar o mundo da ‘livre troca’. Os homens que levariam adiante o liberalismo precisavam ser solidários na ação e ter iniciativa dentro das regras que regia o mercado. O esporte passou a ser uma metáfora do jogo capitalista.

Embora o objetivo inicial fosse a formação de líderes, observa-se que nem todas as pessoas tinham as condições de se tornarem esses ‘líderes’, afinal, para se ter líderes faz-se necessária a presença de liderados (isso fazia com que muitos esportes fossem direcionados para as classes que, culturalmente, se preparavam para liderar). A partir de 1870, o modelo que a Inglaterra adotou para a prática de atividades físicas nas escolas seguia duas linhas: nas escolas públicas, jogos organizados, que tinham como objetivo formar bons oficiais e empreendedores, e, nas escolas primárias, ginástica, visando dar disciplina para a classe que formaria os operários e os soldados (RUBIO, 2001). A Inglaterra desenvolveu, portanto, não apenas as ferrovias ou a indústria têxtil, mas também o esporte, sua organização e regras que, “[...] baseado na tradição helênica da ‘igualdade de oportunidades’ entre os competidores, o esporte veio a servir perfeitamente a essa mesma ideologia dentro do liberalismo” (RUBIO, 2001, p. 128).

Em países como a França, a Alemanha, a Suécia e a Dinamarca, o “movimento ginástico” tem sua preocupação maior voltada para a defesa do Estado e para a guerra, ambas baseadas nos processos de afirmação da nacionalidade. Segundo Rubio (2001), enquanto a Alemanha, a Dinamarca e a Suécia preocuparam-se em aplicar o ‘método ginástico’ em seus exércitos como forma de fortalecê-los, desenvolver o espírito nacionalista e sobreviver às investidas da ameaçadora França, cujo objetivo não era esse, entre os franceses, a ginástica só foi introduzida na segunda metade do século XX e era direcionada, exclusivamente, ao Exército.

Na Alemanha, sob influência do Iluminismo, assim como na Grécia antiga, havia a exigência de um mínimo de atividades individuais (como corridas, saltos, arremessos e lutas), e também a introdução de jogos (de peteca, bola, pinos) que possuíam características que poderiam “[...] sugerir variadas interpretações como excursões ao campo, transporte de sacolas cheias de areia e suspensão de escadas oblíquas” (RUBIO, 2001, p. 124).

Em todos os países europeus, a maior semelhança no que diz respeito à disseminação do ‘movimento ginástico’ está no fato de todos os países localizarem-se no continente e precisarem, portanto, defenderem suas fronteiras. A defesa do indivíduo e a da nação era o principal objetivo da atividade física naquela época.

No desenvolvimento do esporte, ao longo da história, se percebem dois polos de abrangência: um individual e outro coletivo. Ambos, no entanto, parecem ir além de suas modalidades. As narrativas criadas em torno de eventos, especialmente a partir do século XIX, chegam ao público de maneira muito mais emocionante. Formentin (2006, p. 36) aponta para o fato de tais eventos, “[...] muitas vezes, serem transmitidos de maneira espetacular pelos veículos de comunicação para milhões de pessoas no mundo todo”. São exemplos disso, segundo a autora, os Jogos Olímpicos, a Copa do Mundo, a Liga Americana de Basquete e de Futebol Americano.

Nesse sentido, Almeida (2001, p. 80) completa afirmando que, esses momentos são de “[...] aglomeração e ordenação virtual de público em torno da celebração de valores, virtudes. São momentos em que a História é reordenada e

reapresentada em liturgia visual”. Nos períodos em que eventos esportivos como a Copa do Mundo de Futebol ou as Olimpíadas acontecem,

[...] o público é envolvido por palavras e imagens cheias de emoção e, ao mesmo tempo por informações que, de alguma forma, informam (mostrando a cultura local, falando sobre esportes que nem sempre são populares). Os sentimentos que parecem pertencer a apenas um indivíduo são mostrados de maneira coletiva. (FORMENTIN, 2006, p. 37).

Mesmo tendo suas origens fundadas na paz, muitas vezes, ligadas à religião, como é o caso das Olimpíadas, o esporte e os eventos esportivos podem ser, de certa maneira, simulações de guerras ocorridas entre várias nações. Os territórios conquistados não são físicos (terras ou cidades), são locais morais com suas representações visíveis no pódio que consagra os ganhadores. Todos os contatos e combates sociais e econômicos que acontecem no mundo também ocorrem nas competições esportivas simuladas visualmente e com realismo controlado. “As normas da competição simulam os tratados internacionais que regulam a convivência harmônica entre os homens e as nações. As provas simulam a prática dessa convivência. O último colocado possui a perfeição do Vício, o primeiro, a perfeição da Virtude” (ALMEIDA, 2001, p. 80).

No século XX, por exemplo, para Hobsbawm (2008, p. 170), no espaço compreendido “[...] entre as duas guerras, o esporte como um espetáculo de massa foi transformado numa sucessão infindável de contendidas, onde se digladiavam pessoas e times simbolizando Estados-nações, o que hoje faz parte da vida global”. Segundo o autor, até aquele momento, os grandes eventos esportivos faziam parte dos interesses apresentados pela classe média. Ainda para Hobsbawm (2008, p. 171), no período entre as guerras, o esporte internacional transformou-se, “[...] como George Orwell logo notou, uma expressão de luta nacional com os esportistas representando seus Estados ou nações, expressões fundamentais de suas comunidades imaginadas”. Nessa perspectiva verifica-se que, se, por um lado, a guerra pode ser utilizada para representar identidades nacionais para certos países por outro em países que não possuem a tradição bélica, como o Brasil, o futebol pode ser tomado como uma metáfora do termo “nação”.

Foi nesse sentido, por exemplo, que em 1984, um encontro do Conselho Europeu criou um comitê para tratar sobre “A Europa dos Cidadãos” que englobaria as dimensões humanas e individuais da construção da Europa. Nessa reunião, os chefes de Estado e de governo admitiram que, “[...] para progredir, a Europa Comunitária não poderia limitar-se a questões de economia e de política, mas deveria, sim, procurar dotar-se de uma ‘alma’” (MURAD, 2007, p. 49). A partir daí que, em 1985, a Comunidade Europeia adotou um relatório apontando para questões que colocam a atividade desportiva como contribuinte no que tange o reforço do sentimento de pertencimento a uma mesma comunidade por parte dos cidadãos europeus. “Parte integrante do nosso patrimônio cultural, o desporto sempre foi um meio muito particular de estabelecer laços entre os povos, para além das barreiras linguísticas e dos estereótipos nacionais” (Relatório Addonnino apud MURAD, 2007, p. 50).

Nesse sentido, afirma Murad (2007, p. 146), contemporaneamente, “[...] os esportes, de uma maneira geral, redefiniram seu lugar como instituição e cultura nos últimos 150 anos, aproximadamente, assumindo os paradigmas da Revolução Industrial: organização, rendimento e triunfo, que afinal buscavam *citius, altius, fortius*”.

Conforme Murad, (2007, p. 151), “[...] o terreno¹² esportivo, como qualquer outro contexto de ocorrência de um determinado fenômeno cultural, é, muitas vezes, lugar de lutas, de embates, até mesmo de confrontos entre distintas concepções epistemológicas, teóricas, metodológicas, técnicas e ideológicas”. O autor apresenta o futebol como uma metáfora humana para alcançar a eternidade. “[...] simbologias esportivas universais que nos ajudam a entender tantos projetos e tantas realizações da vida humana em sociedade. Em outros termos, o significado agônico atribuído ao esporte pela Grécia clássica” (MURAD, 2007, p. 87).

Na sequência, no âmbito dos esportes, procuramos focalizar de forma mais enfática o futebol, uma vez tratar-se da manifestação coletiva escolhida para esta investigação.

¹² Segundo o autor esta é a nomenclatura dada pelos franceses.

5.2 FUTEBOL: CAMINHOS PERCORRIDOS

É difícil precisar quando o futebol surgiu, onde se jogou a primeira partida em que pessoas corriam atrás de uma esfera. Existem indícios no mundo inteiro. Da antiga China, passando pela Europa com as civilizações antigas da Grécia (com o *episcyros*) e de Roma (com o *harpastum*) e chegando ao continente americano todos, em algum momento, tocaram os pés em uma bola. Uma hipótese, em especial, aponta para a América Central e o Amazonas como fontes culturais do futebol. Segundo Giulianotti (2002), nesses locais, jogos de bola eram praticados por tribos indígenas em 1500 a.C.. Apesar da grande controvérsia que a origem desse esporte possa causar, acredita-se que a China guarda a mais antiga história do futebol. As regras antigas do esporte chinês parecem ser as que mais se assemelham ao atual regulamento. Conforme aponta Giulianotti (2002, p. 15), “[...] durante o período neolítico, manufaturavam-se bolas de pedra para serem chutadas em jogos na província de Shan Xi. Mais tarde, durante a dinastia dos Han (206 a.C. – d.C.220), jogava-se *cuju* com regras muito semelhantes às do futebol”.¹³

Segundo o autor, os romanos iniciaram os povos conquistados nos jogos de bola. Tal atividade, afirma ainda Giulianotti, apresentava raízes entre povos indígenas de outras partes do mundo e era elemento constituinte de cerimônias religiosas. Nas Américas, o esporte não se restringia à região central. Muito antes da invasão europeia, a população indígena do Chile costumava jogar *pilimatun* e os da Patagônia praticavam o *tchoekah*. Todos eles geraram, em algum momento, certa desconfiança por parte das classes dominantes. Na China, por exemplo, o imperador Zhu Yuanzhang chegou a proibir o esporte em 1389. Quem desobedecesse era punido com a amputação dos pés. Na China, 2600 a.C, era o Tsü Tsü um tipo arcaico do “futebol”, diz Murad (2007).

Esse esporte era um dos rituais de guerra da antiga China. Após os combates bélicos, explica Murad (2007, p. 104), “[...] a tribo vencedora jogava um ‘futebol’ ritual com a cabeça do chefe inimigo e/ou com as cabeças dos seis guerreiros mais valentes, briosos e respeitados da aldeia derrotada”. Nesse caso,

¹³ No jogo chinês, segundo Giulianotti, existiam dois times com doze jogadores cada, chutava-se uma bola e marcava-se gol quando a bola era chutada para dentro de um espaço determinado, além disso, os organizadores dos torneios fiscalizavam os jogos.

afirma o autor, há toda uma simbologia que aponta ser essa prática positiva para quem o fizesse, pois o sangue jorrado das cabeças mais importantes da tribo adversária fertilizaria a terra onde o alimento seria plantado bem como permitiria do corpo, através dos pés, assimilar tudo o que aquelas cabeças poderiam fornecer: valentia, inteligência, força etc.

O fascínio pelo esporte parece desafiar a constituição humana. Gomes, no documentário *Bahêa minha vida* (2011) afirma que isso se dá, porque, nele, faz-se “[...] com os pés o que normalmente no esporte só se faz com as mãos” abdicando-se, assim, de uma das principais características humanas citadas por Campos no documentário supracitado (2011). Para Murad (2007, 98), “[...] o que fascinava o poeta (Homero) era a lógica do jogo que exigia que os atletas, homens ou mulheres, olhassem para o lado para perceber o outro”. O autor ainda coloca que o jogo de bola nos pés era uma das poucas modalidades não interditadas ao público feminino.

Estas civilizações, grega e romana, afirma Murad (2007, p. 99), conheceram, “[...] em suas culturas, formas proto-históricas de futebol ritualizado que atuavam como elementos integrantes e constitutivos de *ethos* e *mores*, respectivamente, daquelas coletividades”.

De maneira geral, as regras quase não existiam e isso incluía número de jogadores e suas habilidades, tamanho do gol, pouca ou nenhuma fiscalização e a possibilidade de dominar a bola com a mão. Normalmente, os times eram formados por grupos masculinos de cidades e povoados vizinhos que eram rivais. Se comparado com o futebol moderno, seu antecessor era bastante violento.

Nos séculos XII e XIV, era comum os jogadores carregarem punhais, que causavam ferimentos sérios, tanto acidental quanto intencionalmente. Pontapés na canela, socos e lutas diversas eram comuns entre jogadores rivais para vingar agravos antigos; ossos quebrados, ferimentos graves e mortes eram consequências esperadas. (GIULIANOTTI, 2002, p. 17).

Em alguns momentos da história do futebol, o esporte foi muito jogado em dias religiosos. Os jogos de futebol eram caóticos e realizados entre aldeias ou

idades rivais. Eles eram parte importante, segundo Giulianotti (2002), dos períodos de festas juntos com outros divertimentos que o autor chama de “rústicos”, como brigas de galo e apostas em cachorros.

Assim, diz Murad (2007), o futebol em seu formato atual é, possivelmente, resultado de uma longa história formada de uma série de encontros culturais que, por sua vez, apresentaram diferentes tipos de jogos de bola. A modernização do futebol será organizada pelos ingleses. O esporte começa a ser implantado nas escolas públicas no início do século XIX, “[...] no interior da Revolução Industrial” (MURAD, 2007, p. 147). Conforme Giulianotti (2002, p. 18), o futebol, “[...] tal como o conhecemos hoje, foi denominado *association football* quando suas regras foram pela primeira vez institucionalizadas; *soccer* vem de *as(soc)iation football* mais o sufixo (er)”.

Na Inglaterra, diz Murad (2007, p. 147), “[...] o futebol foi disciplinado e elitizado, deixando as ruas e os folguedos de carnaval, abdicando assim, de suas raízes populares e às vezes violentas, originárias do *mob football* inglês, do *soule* francês, o *rouler la boule* e o *la souile* belgas e o *gioco della pugna* e o *gioco del calcio* italianos”. É dessa forma que, segundo o autor, o futebol nasce como sendo o “[...] esporte de gentlemen, com os nobres e seus filhos que freqüentavam as *public schools* da conservadoríssima e imperialista Era Vitoriana” (MURAD, 2007, p. 147). Esse período é marcado pelo autoritarismo político, rigidez cultural e elitismo social. “O futebol da época era a expressão da Inglaterra, de suas realidades, de suas identidades” (MURAD, 2007, p. 147).

Durante o século XIX, o futebol se expandiu e algumas batalhas de classes e regionais começaram a acontecer. A principal delas aconteceu dentro das classes médias, essas, por sua vez, estavam divididas por região. O motivo do confronto deu-se em virtude da divergência de opiniões sobre a questão “profissionalismo”. O sul da Inglaterra defendia o amadorismo e o elitismo geral (o principal representante deste grupo é o Corinthians Football Club que, por exemplo, recusou o pênalti por não acreditar que cavalheiros cometessem faltas). Já no norte e na região central da Inglaterra, “[...] as classes médias profissionais, os industriais e a pequena burguesia controlavam a maioria dos clubes bem-sucedidos” (GIULIANOTTI, 2002, p. 19).

O desenvolvimento da classe burguesa e o aperfeiçoamento do modelo por ela implantada (especialmente em virtude da industrialização dos grandes centros) fizeram com que muitos trabalhadores se deslocassem do campo para as cidades. Nesse processo de urbanização, o futebol tem um papel importante que é possível observar pelo crescimento do número de torcedores na Inglaterra. Em 1888, a média de público era de 4.600 pessoas, número que teve significativo aumento no início do século XX chegando a 23.100 pessoas no período que antecedeu a Primeira Guerra Mundial. Os torcedores da classe média espremiavam-se nas arquibancadas em meio a uma multidão de trabalhadores que lotavam os estádios. “A atração da massa pelo futebol encontrava-se precisamente no meio de uma constelação de práticas culturais populares que também incluíam beber e apostar” (GIULIANOTTI, 2002, p. 20). Os torcedores poderiam ser comparados a trabalhadores entrando nas fábricas, que, por sua vez, podem ser comparadas aos estádios que perto dos pequenos hipódromos, realmente podem lembrar as grandes indústrias desse período.

Se antes do ‘emburguesamento’ do futebol as decisões das partidas eram feitas a partir do diálogo de duas pessoas escolhidas pelos dois times, a partir de 1891, um indivíduo imparcial seria o responsável pelas decisões a serem tomadas dentro de campo. Institui-se, assim, a figura do árbitro.

No final do século XIX, especialmente por meio da movimentação de pessoas (sejam marinheiros, imigrantes, estudantes ou pelo próprio processo colonial), o futebol sai dos limites do território inglês. Este movimento torna o esporte bretão conhecido no mundo inteiro. A influência política e econômica da Inglaterra foi fundamental para esta expansão internacional. Esse jogo industrial foi introduzido nas classes mais populares com certa facilidade pela educação e pelas redes comerciais. São nesses campos estrangeiros que a força da cultura britânica acaba se sobressaindo em relação ao futebol (GIULIANOTTI, 2002). Durante muito tempo, por exemplo, a língua oficial das associações de futebol local foi o inglês, assim como os termos utilizados popularmente para se referirem ao esporte. No entanto, mesmo com sua modernização, questões de etnia, nacionalidade e classe social continuaram muito presentes.

Segundo Giulianotti (2002), entre o final do século XIX e início do século XX, período em que ocorreu a difusão do futebol, grande parte das nações europeias e latino-americanas estavam negociando fronteiras e formando suas identidades nacionais. Nesse momento, de uma forma ou de outra, o futebol se tornou um dos grandes colaboradores para unificar esse sistema nacional que já contava com outras formas de compartilhamento de linguagem como a educação e os veículos de comunicação. Reforçando essa afirmação, Agostino (2005, p. 33) coloca que não foi por acaso que a codificação do futebol se deu “[...] no mesmo momento histórico em que os Jogos Olímpicos modernos nasceram”. Na medida em que ganhava o mundo, o futebol já conseguia se colocar como a possibilidade de uma afirmação, uma identificação coletiva.

Além disso, conta Agostino (2002), o esporte dava a oportunidade do questionamento quanto à superioridade do homem branco nas regiões coloniais. Assim, conta o autor, “[...] dos anos 20 em diante o futebol nas colônias gradativamente assumiu uma força própria, compondo um dos elementos cruciais de uma identidade nacional em desenvolvimento” (AGOSTINO, 2002, p. 41 - 42).

Essa identidade coletiva ganhava nomes através dos clubes de futebol que, na maioria das vezes, privilegiava o lugar geográfico em que se localizava a agremiação. Nesse sentido, Giulianotti (2002, p. 54) coloca que “[...] os clubes foram criados com propósitos sociais e culturais locais, muito mais do que como ‘privilégios’ modernos para maximizar a renda dos esportes”. O autor segue afirmando que no Reino Unido, principalmente, os nomes escolhidos pelos clubes dão ênfase à dimensão municipal.

Times representam ‘cidades’, ou reúnem seus cidadãos (‘United’). A mobilidade geográfica moderna (de um lugar conhecido) pode ser enfatizada (‘Wanderers’, ‘Rovers’ ou ‘Rangers’). Essas denominações modernistas contrastam de alguma maneira com a nomenclatura ‘pós-moderna’ encontrada nos esportes americanos, em que os times são denominados simbolicamente conforme forças naturais ou criaturas; por exemplo, Chicago Bears, Atlanta Ravens, Toronto Maple Leafs. (GIULIANOTTI, 2002, p. 54).

Mas, é interessante reforçar que, como disse Giulianotti (2002), diferente de outros esportes também de origem inglesa, o futebol se expandiu por locais que não eram dependentes como colônias da Inglaterra. Dessa forma, esses rivais futebolísticos “[...] eram livres para seguir seu próprio desenvolvimento cultural” (GIULIANOTTI, 2002, p. 44). Globalmente, coloca o autor, a Inglaterra parece ter feito pouco para manter a liderança em termos políticos e administrativos. É nesse cenário que a Federação Internacional de Futebol (FIFA) é fundada em 1904. A ideia era criar uma entidade que centralizasse a organização do futebol em todo o mundo. Seu nome aparece no idioma francês. Os países fundadores foram a Bélgica, Dinamarca, França, Holanda, Espanha, Suécia e Suíça e sua sede está localizada na Suíça.

Durante o século XX, os Estados perceberam o poder do jogo. Durante a Primeira Guerra Mundial, por exemplo, o futebol serviu para convocar jovens ingleses para o exército. Na época, o alistamento não era obrigatório na Inglaterra. O Exército percebeu que durante as partidas realizadas nas cidades por onde passava, os jovens eram atraídos para o alistamento.

Terminada a Primeira Guerra, foi a vez de regimes totalitários se darem conta da importância desse esporte para propósitos ideológicos. Mesmo não gostando de futebol, Mussolini “[...] entendeu que as metáforas do futebol podiam ser assimiladas aos valores guerreiros, exatamente porque o futebol moderno nasceu nessa espiral belicista do fim do século XIX” (AGOSTINO, 2005, p. 34). Esse entendimento talvez explique os títulos mundiais da Itália em 1934 e 1938 e ainda o título Olímpico de 1936. Durante a Segunda Guerra Mundial, o jogo era usado para levantar a moral das tropas alemãs e de países ocupados.

A primeira Copa do Mundo foi disputada em 1930, no Uruguai. A decisão da organização de um evento mundial de futebol foi tomada em 1928 pela Fifa, presidida por Jules Rimet. Todos os países membros foram convidados para participar, mas apenas França, Romênia, Bélgica, Iugoslávia, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Estados Unidos, México, Paraguai, Peru e Uruguai aceitaram o convite. Para o evento, foi construído um gigantesco estádio, o Centenário, com capacidade para cem mil pessoas.

O mundo parecia despertar para o futebol como “[...] uma disputa entre identidades” (GUTERMAN, 2009, p. 64). Exemplos disso na América Latina são a Argentina e o Uruguai. Segundo Giulianotti (2002), nos países citados, o jogo de futebol foi um importante meio para criar os primeiros sentimentos de identidade nacional. Na Argentina, conta o autor (2002, p. 50), o esporte torna-se profissional em 1931, “[...] quando a Argentina moderna estabeleceu-se como nação futebolística líder. O futebol rapidamente ergueu-se junto a outros símbolos nacionais míticos, como o gaúcho, o tango e o churrasco”. Muito parecido com o percurso feito na Argentina, no Brasil e em outros países, o futebol no Uruguai, inicialmente, também estava sob o controle da elite britânica e de alguns profissionais locais. Nessa época, grandes movimentos migratórios vindos da Europa traziam trabalhadores que se instalavam em Montevidéu. “Os novos uruguaios tinham poucos símbolos culturais para uni-los enquanto ‘nação’, mas o futebol logo preencheu esse vácuo” (GIULIANOTTI, 2002, p. 51).

Em 1934 e 1938, a Copa foi realizada na Europa (Itália e França, respectivamente). Até 1990, as sedes da Copa do Mundo vão se revezando entre a Europa e a América Latina¹⁴. Como será observado mais adiante, somente em 1994 essa rotina será quebrada. Depois da Segunda Guerra, período em que a competição não foi realizada, o Brasil foi o país sede. Em 1950, o anfitrião ficou com o vice-campeonato. Para Agostino (2002, p. 35), não é apenas a perda da Copa do Mundo que incomoda o brasileiro, “[...] mas a derrota de um projeto de Brasil. Quando a Segunda Guerra acabou, o país acreditava que podia se inserir numa nova ordem, rompendo as fronteiras do seu subdesenvolvimento”.

O sofrimento dos Suecos pela Copa de 1958 talvez não seja tão intenso quanto dos brasileiros em 1950. Antes da estreia do Brasil na Copa de 1958, Nelson Rodrigues (1993, p. 60) escreveu sobre o pessimismo dos torcedores brasileiros com relação ao time que seguia para a Suécia. Para Rodrigues,

[...] desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e

¹⁴ Uruguai (1930), Itália (1934), França (1938), Brasil (1950), Suíça (1954), Suécia (1958), Chile (1962), Inglaterra (1966), México (1970), Alemanha Ocidental (1974), Argentina (1978), Espanha (1982), México (1986) e Itália (1990)

na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor-de-cotovelo que nos ficou dos 2 x 1. E custa crer que um escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo passou em vão sobre a derrota. Dir-se-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse “arrancou” como poderia dizer: — “extraíu” de nós o título como se fosse um dente.

E, hoje, se negamos o escore de 58, não tenhamos dúvida: — é ainda a frustração de 50 que funciona. (RODRIGUES, 1993, p. 60).

Em 1954, em uma Europa ainda em reconstrução depois dos estragos da Segunda Guerra, a Suíça foi o país eleito como sede da competição que recebeu onze equipes europeias, três americanas, além da Turquia e da Coreia do Sul (GALEANO, 2014). A escolha se deu por causa da neutralidade do país durante o conflito. Durante a Guerra Fria, o futebol também foi utilizado para mostrar o poder de potências como a União Soviética ou a Hungria. Nesse mesmo sentido, o processo de descolonização afro-asiático contribuiu para o movimento de globalização do futebol. Para os países que estavam se libertando de suas metrópoles, ficou claro que para “[...] construírem um processo de afirmação nacional, seriam necessários um território, uma população que se entendesse como tal e um governo, além de um time de futebol” (AGOSTINO, 2005, p. 36).

A Copa de 1958 foi realizada na Suécia e a seleção campeã, entre as dezesseis que participaram da competição, foi a brasileira. Foi nesse mundial, transmitido ao vivo pela TV aos suecos, que um atleta, de dezesseis anos, se destacou entre os demais jogadores. Seu nome: Pelé e junto com Garrincha compunham um grupo de cinco jogadores reservas de atletas brancos que, segundo Galeano (2014) transformaram a seleção brasileira daquele ano que “[...] se tornou demolidora a partir do momento em que os jogadores se rebelaram e impuseram ao técnico a equipe que eles queriam” (GALEANO, 2014, p. 115) e a equipe foi campeã invicta.

Quatro anos depois, no Chile, o mundo pode ver ao vivo pela televisão¹⁵, o Brasil conquistar o mundial pela segunda vez consecutiva, feito que poucas

¹⁵ O mundial de 1962 foi o primeiro que, segundo Galeano (2014, p. 132), pode ser visto “ao vivo pela televisão em transmissão internacional, embora fosse em preto e branco e chegasse a poucos países”.

equipes conseguiram realizar até 2014 ¹⁶. Tal qual em 1958 a seleção brasileira terminou o campeonato invicta ganhando de 3 a 1 da Tchecoslováquia. Galeano (2014) destaca que em 1962 dois jogadores de destaque foram afastados por contusão. Di Stéfano, convocado pela seleção espanhola, machucou o joelho direito na véspera da estreia e foi afastado. Pelé, iniciou a competição mas sofreu uma distensão muscular e foi substituído por Amarildo.

Em 1966 foi a Inglaterra que levantou a taça jogando em casa. Uma Copa marcada pelo esquema tático defensivo, como aponta Galeano (2014). O México é o país que organiza o campeonato mundial de 1970. Nesse ano o Brasil é campeão pela terceira vez. Depois do jogo da final contra a Itália, Galeano (2014, p. 154) conta que os jornais ingleses se referiam ao futebol apresentado pelo Brasil afirmando que “Deveria ser proibido um futebol tão belo”. Com a conquista o país ganha o direito de propriedade da taça Jules Rimet objeto que em 1983 foi roubado, derretido e vendido. A taça que está em exposição é uma réplica.

A América Latina é marcada nas décadas de 1960 e 1970 pela implantação de regimes autoritários nos países que compõe seu território. De alguma maneira esses governos se apropriaram da popularidade do futebol para apresentar um modelo de governo positivo. Guterman (2009) afirma que a apatia social que se estabeleceu, especialmente no Brasil, contribuíram para a derrubada de governos democráticos. Nesse contexto, aponta ainda o autor, poucas coisas eram capazes de mobilizar as massas mais do que o futebol. Em 1978 a Copa foi realizada na Argentina.

Os times que disputariam a final foram definidos no saldo de gols. Para que o time da casa chegasse a final ao invés da seleção brasileira era necessário que a Argentina ganhasse do Peru, já desclassificado, por quatro gols de diferença. A campanha do Peru fazia com que houvesse um clima de confiança por parte dos brasileiros. Segundo Guterman (2009) o que ocorreu foi o ‘milagre de Rosário’, em alusão ao estádio em que jogaram Argentina e Peru. O placar necessário foi alcançado aos cinco minutos do segundo tempo tendo sido acrescido de mais dois

¹⁶ O Uruguai conquistou o título em 1930 e 1950, a Itália em 1934, 1938, 1982 e 2006, Argentina em 1978 e 1986, a Alemanha em 1954, 1974, 1990 e 2014, a França em 1998, a Espanha em 2010, a Inglaterra em 1966 e Brasil em 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002.

gols até o fim do jogo. Finalista, a Argentina jogou contra a Holanda sagrando-se campeã mundial pela primeira vez. Nessa competição ficou claro, para os que ainda duvidavam que “[...] o futebol havia se tornado, definitivamente, instrumento de afirmação de poder nacional para países sob regime ditatorial” (GUTERMAN, 2009, p. 198). Para os generais argentinos, aponta Guterman (2009, p. 198), “[...] ganhar a Copa em casa era um dever cívico, cujo cumprimento se daria pelos meios que fossem necessários – muito além do campo esportivo”.

Em 1994, o maior evento esportivo do mundo foi realizado nos Estados Unidos, país com pouca tradição no futebol e que chegou às oitavas de final¹⁷. Para Wisnik (2008, p. 20) esse desinteresse por parte dos norte americanos no que diz respeito ao futebol, ou ao soccer, está no fato de que ele, o futebol, “não se presta a uma demonstração cabal e serial de competência, e não se estrutura como uma bateria de provas decisivas de performance”. Nessa Copa, o mundo pode assistir, afirma Agostino (2002, p. 32), “a implosão dos impérios multinacionais europeus”.

Não se via mais a União Soviética em campo e sim a Rússia. A afirmação do futebol africano também se deu neste evento. A África não era só uma novidade, uma ‘zebra’, como foi em 1990 com a seleção de Camarões, era uma realidade. A seleção da Nigéria teve melhor colocação, por exemplo, do que a Argentina, bicampeã mundial. Nessa competição o Brasil se sagrou campeão pela quarta vez, título que não conquistava desde 1970. Dessa forma tornou-se o país que mais conquistou títulos mundiais até então. O Brasil que se apresentou nos campos norte-americanos era, segundo Galeano (2014, p. 240), “[...] muito menos brasileiro que aquele futebol esplêndido de 1958, 1962 e 1970”. O Brasil continua Galeano (2014, p. 240), “[...] tinha vendido sua alma ao futebol moderno. (...) aqueles times do passado eram formados por onze brasileiros que jogavam no Brasil. Na equipe de 94, oito dos onze jogavam na Europa”.

Em 1998, a Copa foi disputada e vencida pela França. E, em 2002, mais uma novidade, na realidade foram duas: a primeira Copa realizada na Ásia e, também, pela primeira vez, com duas sedes (Coreia do Sul e Japão). O campeão

¹⁷ Jogo disputado contra o Brasil em 4 de julho de 1994.

mais uma vez foi o Brasil. Em 2006, a competição é realizada na Alemanha¹⁸, dessa vez unificada. E, em 2010, a sede da Copa na África do Sul¹⁹ mostra que o futebol percorreu, de fato, todos os cantos do globo terrestre. Murad (2007, p. 105) aponta que estatísticas da Fifa indicam que o futebol é hoje o segundo esporte²⁰ na preferência da população chinesa. Essa afirmação inserida no contexto apresentado por Murad mencionado anteriormente²¹, forma o terreno para que o próprio Murad (2007, p. 105) cite o romancista e pensador galego Camilo Jose Cela, o defensor de que “[...] as coisas entranhadas num coletivo alcançam perenidade. Basta qualquer faísca para que, estimuladas, reapareçam, mesmo que sob outras formas”.

Além disso, de certa forma, como afirma Leandro no documentário *Bahêa minha vida* (2011) sempre que um grupo entra em campo – seja profissionalmente ou de forma amadora –, recupera-se a “[...] esperança de construir um mundo de pessoas que podem estar submetidas às mesmas regras, os mesmos deveres e direitos ali sem ter ninguém privilegiado em relação a outro exceto pelo talento, pelo mérito”.

Algo parecido foi dito por Mario Vargas Llosa (apud MURAD, 2007, p. 13). Segundo o escritor, “[...] o futebol é o ideal de uma sociedade perfeita: poucas regras²², claras, simples que garantem a liberdade e a igualdade dentro do campo, com a garantia do espaço para a competência individual”. O futebol é, para Murad (2007, p. 17), “[...] a síntese de múltiplas determinações objetivas e subjetivas – emocionais, existenciais, culturais, sociais, históricas”. É, como complementa o autor (2007, p. 17), “[...] uma metáfora possível de estruturas existenciais básicas, uma representação da vida social. É um dos rituais de maior substância da chamada cultura popular ou, como prefiro e assim denomino, cultura das multidões”.

Nesses termos, completa e concorda Murad (2007, p. 14), o futebol é “[...] a modalidade mais espontânea, imprevisível, simples, estável, barata e democrática para os seus praticantes, fatores que podem ajudar a entender a sua imensa e

¹⁸ Teve como campeão a Itália que se sagrou tetra campeã.

¹⁹ Pela primeira vez a Espanha conquista o título mundial.

²⁰ Perde apenas para o tênis de mesa.

²¹ Na China de 2600 a.C. tribos vencedoras em confrontos bélicos praticavam um ritual futebolístico com a cabeça do chefe inimigo.

²² São 17 regras contra 1.800 do futebol americano (MURAD, 2007, p. 14)

diversificada popularidade”. Os elementos que tornam a formulação do futebol singular permitem, mais do que em outros esportes, diz Wisnik (2008, p. 19), “[...] uma margem narrativa que admite o épico, o dramático, o trágico, o lírico, o cômico, o paródico”.

Agostino (2002) aponta que o fato de existirem mais países filiados a FIFA do que à ONU pode ser explicado por uma realidade apontada na segunda metade do século XX. Nesse período, afirma o autor (2002, p. 202), “[...] o mundo assistiu a um fluxo ininterrupto da formação de novas nações, resultado do processo de descolonização afro-asiático”. Nesse contexto o futebol tornou-se “[...] um dos elementos decisivos na formação da identidade nacional que se seguiu à implosão dos velhos impérios” (AGOSTINO, 2002, p. 202).

A relação estabelecida entre a globalização, a identidade nacional e a xenofobia é enfatizada pode ser demonstrada, conforme aponta Hobsbawm (2007), pela atividade pública que combina esses três elementos: o futebol. A televisão global possibilitou a esse esporte universalmente popular transformar-se em um complexo industrial capitalista de âmbito mundial. Desde que adquiriu um público de massa, esse esporte tem sido o catalisador de duas formas de identificação grupal: a local (com o clube) e a nacional (com a seleção nacional, composta com os jogadores dos clubes). Em momentos anteriores à globalização, coloca o autor, essas duas formas de identificação grupal: local e global eram complementares. A transformação do futebol em um negócio mundial e o rápido surgimento de um mercado global de jogadores nas décadas de 1980 e 1990 tornaram incompatíveis os interesses empresariais, políticos e econômicos, nacionais e globalizados, e o sentimento popular.

Nesse contexto o negócio global do futebol é, conforme Hobsbawm (2007, p. 93) “[...] dominado pelo imperialismo de umas poucas empresas capitalistas com nomes de marcas também globais - um pequeno número de superclubes baseados em alguns países da Europa, que competem entre si tanto nas ligas nacionais quanto, preferivelmente, nas internacionais”. Uma minoria dos jogadores contratados por esses superclubes tem a nacionalidade do país onde se situa o clube, situação observada especialmente a partir da década de 1980, com a

presença cada vez mais frequente de jogadores oriundos de países não-europeus, muitas vezes ex-colônias européias²³, diz Hobsbawm (2007) .

Do ponto de vista dos clubes, essas mudanças provocaram um enfraquecimento da posição dos que não estão envolvidos em superligas internacionais ou supertorneio. Hobsbawm (2007, p. 94) dá destaque para os clubes dos países que exportam atletas, em especial os localizados nas Américas e na África. “A crise dos outrora altivos clubes de futebol do Brasil e da Argentina o comprova”. Por esse ponto de vista, o futebol como empresa internacional entrou em choque com o futebol que se apresenta como parte da expressão da identidade nacional de um país. Esse efeito é verificado tanto pela disposição de organizar prioritariamente torneios internacionais entre superclubes ao invés dos torneios tradicionais como copas e campeonatos nacionais, quanto pelo fato dos interesses dos superclubes concorrerem com os das seleções nacionais, que trazem consigo a bagagem política e emocional da identidade nacional e que devem ser formadas por atletas portadores de passaporte do país.

Estas características das seleções nacionais não estão presentes nos superclubes, que, conforme apresenta Hobsbawm (2007), podem ser mais fortes do que as próprias seleções dos seus países, estas não são permanentes. Diferente de outros tempos, como no período inicial da formação do futebol moderno, hoje há uma tendência das seleções nacionais serem formadas por conjuntos de jogadores, muitos dos quais – o autor destaca nesse quesito o caso brasileiro - jogam em clubes estrangeiros, que, por sua vez, perdem dinheiro quando da saída destes jogadores para treinamentos e jogos por suas seleções. Assim, diz Hobsbawm (2007, p. 94) “[...] do ponto de vista dos superclubes e dos superjogadores, o clube tende a ser mais importante do que o país”.

Apesar disso, a identidade nacional têm tido força suficiente para afirmar-se e conseguir se impor a partir de torneios internacionais de seleções, como é o caso da Copa do Mundo, “[...] como o elemento principal e mais poderoso da presença econômica global do futebol” (HOBSEAWM, 2007, p. 94). Destaca-se que para muitos países da África e mesmo da Ásia, que viram alguns de seus jogadores

²³ Segundo Hobsbawm (2007, p. 94) em 2002 a África tinha aproximadamente 3 mil jogadores atuando nas ligas européias.

se destacarem internacionalmente, especialmente em clubes da Europa, a existência da seleção nacional de futebol “[...] estabeleceu, em alguns casos pela primeira vez, uma identidade nacional independente das identidades locais, tribais ou religiosas” (HOBBSAWM, 2007, p. 95).

Há também o comportamento xenofóbico e racista entre os torcedores, especialmente dos países imperiais. Estes torcedores dividiram-se entre o orgulho dos clubes e pelas seleções nacionais (incluindo os jogadores negros e estrangeiros que fazem parte de seus elencos) e a importância cada vez maior de competidores oriundos de povos considerados inferiores por um longo tempo nos cenários nacionais. Hobsbawm (2007, p. 95) destaca que a xenofobia apresenta para a sociedade a crise de uma identidade nacional que se define culturalmente a partir do contexto dos Estados nacionais, “[...] nas condições de acesso universal à educação e à informação e em uma época em que a política das identidades coletivas exclusivas, (...), busca expressamente a regeneração de uma comunidade em uma sociedade cada vez mais remota”.

Assim, as grandes identidades, em que se pode citar como exemplo a dos Estados nacionais, estão convertendo-se, diz o autor, em identidades grupais autorreferentes ou identidades particulares não- nacionais. O lema ao que sustenta tais identidades particulares é conforme Hobsbawm (2007) *ubi bene ibi pátria* [onde existe o bem, aí está a pátria] isso tem como reflexo o enfraquecimento da legitimidade do Estado nacional para os que em seu território vivem, assim como percebe-se, diz o autor, a diminuição das exigências que esse Estado pode fazer aos seus cidadãos. Nesse contexto apresentado pelo autor verifica-se que é possível que os indivíduos estejam mais preparados para morrer ou matar em lugares de onde emergiram o conceito de nação e não mais pelo Estado nacional.

5.3 O ESPORTE BRETÃO NO BRASIL

O país mais bem sucedido dentro dos campos de futebol do mundo é o Brasil: são cinco os títulos mundiais conquistados pela Seleção Brasileira²⁴. É o único país que participou de todas as edições da competição, desde 1930, no Uruguai. Além disso, produz grandes nomes do futebol mundial – como diria Veríssimo (2010, p. 20) a superprodução faz com que os talentos brasileiros ‘transbordem’-. Dentre eles, o maior é Pelé, considerado por muitos o Rei do Futebol.

Mas para chegar ao quinto título mundial, em 2002, na Copa do Japão e da Coréia do Sul, um longo caminho foi percorrido. Este trajeto acabou por formar “[...] um ritual coletivo de intensa densidade dramática e cultural, pleno de conexões múltiplas com a realidade brasileira” (MURAD, 1996, p. 16). Nesse contexto Murad (1996) aponta que ao se ver o futebol como um rito ele envolve forte formação discursiva, “[...] metalinguagem complexa das relações e dos significados da sociedade brasileira, de suas contradições e dos modos históricos de sua manifestação” (MURAD, 1996, p. 16). É para compreender o contexto em que se formou o Clube de Regatas Flamengo, objeto deste trabalho, que se apresentará nas próximas páginas os percursos que levaram o futebol a ter a popularidade descrita por autores como Murad (1996).

Há certa unanimidade por parte dos estudiosos do futebol brasileiro ao considerar o principal introdutor do futebol no Brasil como sendo Charles Müller²⁵. Nascido em São Paulo, Charles era filho do engenheiro escocês John Müller e da brasileira Carlota Alexandrina Fox Müller²⁶. Em 1884, aos nove anos de idade, Muller foi estudar na Inglaterra de onde só retornou em 1894. Na bagagem, trouxe duas bolas e um manual de regras do jogo. A introdução do esporte no Rio de Janeiro não se deu por caminhos muito diferentes. Oscar Alfredo Cox era filho do equatoriano George Emmanuel Cox, que trabalhava como diplomata para os

²⁴ O Brasil foi campeão da Copa do Mundo nos anos de 1958 (Suécia), 1962 (Chile), 1970 (México), 1994 (Estados Unidos) e 2002 (Coréia/Japão).

²⁵ A grafia do nome de Charles Müller pode também ser encontrada como Charles Miller.

²⁶ Filha dos ingleses Henry Fox e Harriett Matilda Rudge Fox.

ingleses. Oscar foi estudar na Suíça e lá conheceu o esporte que viria em sua bagagem de volta.

Como é possível ver, inicialmente, o jogo trazido pelos ingleses tinha um ar aristocrático no Brasil. O que de fato não acontecia na Inglaterra.

O futebol inglês nasce em meio ao crescimento da massa operária. Era um jogo que trazia para locais públicos toda a raiva das classes baixas do país, atulhadas nas cidades cada vez mais hostis. A repressão ao futebol jogado na rua, comum no início do século XIX na Inglaterra, é a prova de que o esporte era visto como coisa da ralé, ainda mais porque invariavelmente acabava em pancadaria e depredação. (GUTERMAN, 2009, p. 17)

No Brasil, na maioria dos times desta época, a presença de brasileiros era pequena e havia o caráter de amador. Não se almejava, nesse tempo, a vitória, mas o aperfeiçoamento físico da ‘raça’.

Em 1898, o Mackenzie foi fundado. Esse é considerado o primeiro clube brasileiro organizado somente para o futebol e do qual faziam parte somente brasileiros. Em 1900 foi a vez do Paulistano e, em 1902, do Fluminense, time ligado à elite carioca. Conforme mencionado, quase todos os times/clubes que foram fundados na América Latina nesse período levavam o nome da região em que estavam localizados. Pereira (2000, p. 230) destaca que “[...] apareciam nos mais diversos subúrbios cariocas associações que faziam de sua região a marca maior de sua identidade, o que ficava, muitas vezes, caracterizado nos seus próprios nomes”. O autor complementa que no Rio de Janeiro, os moradores se organizavam em clubes que levavam o nome do local em que teria sua sede. Dessa forma, constituía laços entre os habitantes da região “[...] evidenciando a lógica associativa que norteava a criação de muitos desses novos centros esportivos que iam aparecendo pela cidade” (PEREIRA, 2000, p. 231).

Portanto a prática que já era corriqueira em clubes mais elegantes da então capital brasileira (como Flamengo e Botafogo) passa a também fazer parte de agremiações de menor expressão. E mesmo em clubes que não adotavam o nome do local se deixava clara a ligação com a vizinhança. É, segundo Pereira (2000, p. 231), o caso do Primavera F.C. que, em 1917, deixou claro no estatuto o local em

que deveria ser a sede: “[...] perímetro de Campo Grande”. Cabe aqui destacar que, não só em terras brasileiras como também no velho mundo, o esporte emergiu como nacional. Giulianotto (2002) escreve nesse sentido que

[...] exceto nas grandes cidades, a maior parte dos times anuncia orgulhosamente seus vínculos com uma localidade urbana. (...) os clubes foram criados com propósitos sociais e culturais locais, muito mais do que como ‘privilégio’ moderno para maximizar a renda dos esportes (GIULINOTTI, 2002, p. 54)

Além disso, no início da formação do futebol no Brasil, era comum surgirem clubes como “[...] resposta a demandas de uma comunidade (GUTERMAN, 2009, p. 52). Como exemplo cita-se o *Palestra Itália* que, em 1914, foi criado e deu origem ao Palmeiras. O objetivo desse time era integrar jogadores italianos e os filhos desses migrantes. Afinal, comenta Guterman (2009, p. 52), como escreveu Vicente Ragozzetti no *Fanfulla* (jornal dos imigrantes italianos), “[...] em São Paulo havia ‘o clube de futebol dos alemães, dos ingleses, dos portugueses, dos internacionais e mesmo dos católicos e protestantes’, razão pela qual era necessário ter o clube dos italianos, a maior comunidade estrangeira do estado”. Foi também o que aconteceu com o Vasco. Fundado inicialmente como clube de regatas em 1898, “[...] fundiu-se com o Lusitânia, um time formado apenas por portugueses, em 1915” (GUTERMAN, 2009, p. 54). O time formado por negros e operários, “[...] apoiado pela forte e abastada colônia portuguesa, dava as condições para que os seus jogadores – (...) - treinassem mais que os das outras equipes” (PEREIRA, 2010, p. 26).

Essas ligações étnicas não necessariamente devem ser relacionadas aos casos de violência. Já que, para Wisniski (2008, p. 47) esta prática esportiva está “[...] longe de se resumir a um teatro alegórico em que os times encarnam etnias, partidos políticos e ideologias em choque. Sequelas dos conflitos bélicos, trazidas para o futebol, não são tomadas necessariamente ao pé da letra”. O que se pode observar é que há um grande número de clubes europeus que está ligado em sua formação a um passado fascista que resultou em um presente xenofóbico. A partir dessa perspectiva Foer (2005) leva o leitor de sua obra a uma corrente teórica que compreende que há a necessidade dos diversos grupos humanos de se

identificarem com um grupo. O autor (2005, p. 173) afirma ser esse um instinto “inevitável, imemorial, profundamente entranhado. Já que a vida moderna deslocou a família e a tribo de suas posições centrais, a nação tornou-se o único veículo para esse impulso”.

Foer aponta ainda uma distinção no que se refere ao nacionalismo. Segundo o autor pode-se falar em um nacionalismo liberal (que aceita outras nacionalidades) e a variedade intolerante em que não há o respeito pelas determinações oriundas de outras nacionalidades. Mas para o autor não é possível identificar “[...] motivo para que o nacionalismo culmine necessariamente nesses sentimentos funestos” (FOER, 2005, p. 173). Ao tratar sobre isso o autor indica que o time sérvio do Estrela Vermelha²⁷ pode ser enquadrado nessa última categoria de nacionalismo.

O final da primeira década do século XX seria marcado, no Brasil, por uma série de mudanças. Entre elas, a entrada do operário em cena como resultado da industrialização em São Paulo. Esse elemento facilmente seria ‘contagiado’ pelo futebol, pois, dentre outros elementos que concedem ao futebol vocação popular, é o fato de ele ser barato. Não há necessidade de despender grande quantidade de dinheiro para jogá-lo.

Entretanto, não é apenas este baixo custo do esporte que o tornou popular tendo em vista que nas primeiras décadas do futebol no Brasil há o fortalecimento do jornalismo nacional. Neste período, assinala Brauner (2010, p. 13) “[...] os jornais perdiam o seu exclusivo caráter político ou ideológico, ganhando, digamos assim, em credibilidade”. O autor (2010, p. 14) afirma ainda que dentro dos veículos impressos foi a crônica “[...] a grande responsável pela difusão e sucesso do futebol”. Não é incomum, já nesse período, identificar cronistas preocupados com a prática esportiva no Brasil. Lima Barreto, por exemplo, escreve Brauner (2010) se posiciona contra o esporte bretão por acreditar que ele impunha a sociedade brasileira características próprias da cultura branca europeia, e portanto, da elite, em detrimento dos pobres e negros que compunham, em sua maioria, o Brasil.

²⁷ Segundo Foer (2005, p. 13) no Estrela Vermelha “os torcedores violentos ocupam um lugar de honra, e mais que isso: reúnem-se com dirigentes do clube para atualizarem o plano de ação de suas gangues. Seus líderes recebem remuneração.”

Em dado momento desse processo de popularização o esporte passa a ser visto por alguns como o “ópio do povo”. Fala-se, indica Wisnik (2008, p. 43) em “[...] consumação do não espírito de um mundo sem espírito”. Assim, o que o autor chama de “vidas vazias” passam a ser preenchidas por “conteúdos insignificantes”. Wisnik, no entanto, liga esta forma de ver o jogo com o fato das religiões ou teorias de organização político-econômica, como é o caso do socialismo, que pretende salvar a humanidade, “[...] lançando-a a um outro tempo, ou além do tempo, enquanto o futebol, que não se propõe a nada senão à ocupação do tempo, acaba por ocupar o seu lugar de modo intrascendente” (WISNIK, 2008, p. 43).

Nesse contexto, um grande número de pessoas e um jornalismo amadurecido, é que surgiu, segundo Guterman (2009), o primeiro grande jogador brasileiro foi Arthur Friedenreich. Ele é resultado do encontro de um alemão com uma negra brasileira. Em 1919, Fried, na seleção brasileira, fez o gol que deu ao Brasil o título Sul- Americano. O jogo foi contra o Uruguai. A partir desse gol o país observou que

[...] seus negros e seus pobres (o que dava quase no mesmo) podiam ter algum valor. O país, inebriado pela conquista inédita, enamorado de seus craques exóticos e já com sintomas evidentes de estar tomado pela febre do futebol, concedeu que esse esporte havia transbordado as muralhas dos clubes de ricos brancos, ainda que estes não suportassem essa ideia, resistindo a ela o quanto pudessem. (GUTERMAN, 2009, p. 46)

As massas populacionais que começavam a se aglomerar nos centros urbanos amedrontavam a elite brasileira. Neste momento (início da década de 20), o futebol começa a ser visto como forma de controle social, assim como o foi na Inglaterra. A popularização do esporte que deixava a aristocracia com um sentimento de desagrado “[...] oferecia a oportunidade de canalizar a violência para o campo controlado de um esporte popular” (GUTERMAN, 2009, p. 59).

Como já foi dito, a primeira Copa do Mundo aconteceu no Uruguai, país escolhido por estar comemorando o centenário de sua independência. Nesse período, o futebol desorganizado do Brasil parecia ganhar outro rumo, mesmo que, inicialmente, fosse apenas por parte dos torcedores.

Desde a independência até a década de 1930, os brasileiros se vangloriavam de seu país, não tanto pelos feitos realizados pela nação, mas por tudo aquilo com que a natureza a presenteara em grandezas e belezas. Esse tipo de nacionalismo ufanista se desfez a duras golpes da realidade, quando se percebeu a distância que separava o país de outros mais desenvolvidos, a falta de perspectivas internas para vencer as desigualdades e injustiças. (MARTINEZ, 1996, p. 7).

A Copa de 1934, na Itália, talvez tenha sido o marco desses primeiros anos do futebol no Brasil. Mais uma vez a desorganização e falta de verba fizeram com que a delegação brasileira viajasse em cima da hora. Dessa forma, o tempo de adaptação e treinamentos prévios foram cortados. O resultado foi a participação mais rápida da seleção em uma Copa do Mundo: 90 minutos. O Brasil foi derrotado por 3 a 1 pela Espanha, resultado que indicava que o fim do amadorismo do esporte no Brasil seria consolidado. “Vários jogadores saíram do país para atuar na Europa ou nos vizinhos, Uruguai e Argentina, que já remuneravam os atletas” (GUTERMAN, 2009, p. 66), uma reivindicação vinda, pelo menos, desde 1932.

É nesse contexto que o futebol passa a ganhar força. Se os feitos não se realizaram em outras áreas, foi nos estádios que o brasileiro começou a perceber, na década de 1930, onde poderia se destacar. Esse é o período em que o Presidente Getúlio Vargas chega ao poder. Para Guterman (2009), Vargas não poupou esforços no sentido de dar ao Estado o controle sobre o futebol. É nesse momento, conta Murad (2007, p. 134), que “[...] os espaços esportivos comunitários alcançaram relevo na paisagem brasileira”. E foi tal esforço empreendido por Vargas que tornou mais rápido o processo de profissionalização do esporte. O futebol, assim como tantas outras manifestações culturais, passa a servir de apoio para ‘invenção’ de uma ‘raça brasileira’.

Na Copa de 1938, realizada na França, a Seleção Brasileira ficou com o terceiro lugar. No contexto da segunda metade da década de 1930, Murad (2007, p. 130) destaca que Gilberto Freyre percebia o futebol como um “[...] elemento identitário de uma comunidade simbólica”. São destaques nos estudos de Freyre, conforme Murad (2007, p. 130), os jogadores Leônidas, “negro dionisíaco e carnavalizado ‘inventor da bicicleta’” e Domingos “mulato apolíneo e estóico, ‘inventor do drible curto’”. Segundo o autor, tanto Leônidas, quanto Domingos, são

“[...] de origem muito pobre, são os mitos indiscutíveis do início da transição do futebol elitista e racista, num país historicamente elitista e racista, para um futebol popular e democrático” naquele período. Com a euforia causada pela posição alcançada na competição, conta Brauner (2010, p. 52), “[...] o Brasil autoproclamou-se o país do futebol, embasado, inclusive, em teses e teorias de intelectuais de respeito”, como o próprio Gilberto Freyre, citado anteriormente.

Aliás, o drible, afirma Murad (2007, p. 131), provavelmente é o aspecto que distingue o futebol meio malabarista “jogado à brasileira”. Para o autor (2007, p. 131), “[...] é um grave equívoco confundi-lo com o *dribbling* do *association*”. Isso porque, explica o autor, inicialmente driblar significava passar a bola, que ia “‘gotejando’: proveniente do *to dribble*, babar, gotejar. Depois adquiriu e consagrou um outro significado, ou seja, driblar é passar com a bola, ultrapassar o adversário junto com ela ‘carregando-a’”. Aponta o autor que esse seria o momento em que se parece estabelecer uma “[...] ruptura com a origem inglesa, a opção por um contorno de jogo menos anguloso (...), mais ondulante, artístico, talvez, e, por isso, quem sabe, mais suave”.

Para Wisnik (2008, p. 270) é um movimento “que se dá e não se dá” que explora a confusão causada na expectativa do adversário. Nesse sentido o autor afirma que o drible pode ser elipse, que perturba a linearidade colocando em cena um efeito poético; chiste, “[...] produzindo uma prazerosa e desconcertante suspensão do recalcado” e síncope, “[...] o acento rítmico fora do tempo forte do compasso – o acento contramétrico, como acontece na música popular com a combinação das rítmicas europeia e africana, que lhe permite passar pelo espaço esperável no tempo esperado”.

É na década de 1930, coloca Coutinho (2013, p. 22), que se registra “[...] a ascensão de um Estado que se inventa nacional. (...) No campo simbólico, o futebol assumiu papel de destaque no processo de composição do imaginário nacionalista”. Data também dessa década o início do processo de profissionalização do futebol brasileiro. Este fato é apresentado como um divisor de águas quanto a popularização do futebol no Brasil. Nesse sentido “[...] os clubes que escolheram vincular sua base identitária ao imaginário nacionalista que se difundia conquistaram

o respaldo institucional do Estado e ainda contaram com a associação a propaganda oficial” (COUTINHO, 2013, p. 27).

Nesse contexto o Clube de Regatas Flamengo, objeto deste estudo, é “reinventado”, processo que diz Coutinho (2013, p. 27), passa pela “[...] reinvenção dos símbolos que permitiriam a superação dos valores racistas e elitistas que norteavam as ações do clube nos seus primeiros anos”. Assim, com relação ao Flamengo observa-se que o profissionalismo do futebol rompeu drasticamente com a superioridade da civilização europeia representada pelo remo. É esta a explicação que Coutinho (2013, p. 31) dá para diferenciar a torcida do remo e do futebol, mesmo quando esses dois esportes são praticados no mesmo clube, “[...] não compartilham torcidas, nem mídia, e muito menos uma história que apresente similaridade em suas trajetórias”.

Durante as décadas que se seguem, ocorre a chegada de veículos de comunicação de massa como o rádio. Com eles, a criação de mitos e heróis passa a ser mais intensa e proclamada, através de discursos por todo o país.

Em 1950, com uma Europa ainda se recuperando da Segunda Grande Guerra, o Brasil é escolhido para ser sede da Copa do Mundo. Na final, no Maracanã, enfrenta o Uruguai e perde por 2 a 1. Nesse dia, observou-se a comoção de jogadores uruguaios diante da tristeza que se viu no estádio. Outros, depois, disseram que se soubessem o que estavam fazendo, não teriam feito gols.

O país, que começava a se orgulhar de seus feitos, e o Maracanã era um dos mais vistosos deles naquela oportunidade, viu-se de repente como um derrotado, no momento mesmo em que todas as circunstâncias lhe pareciam favoráveis, como se o destino não quisesse que o Brasil fosse grande, afinal. (GUTERMAN, 2009, p. 99)

A Copa de 1954, na Suíça, também não é uma boa lembrança dentro da história futebolística brasileira. A derrota contra a Hungria por 4 a 2 foi cheia de violência e mostrou um Brasil sem preparo emocional para enfrentar a situação. A recuperação brasileira veio em 1958 com o primeiro título, na Suécia, contra os donos da casa e uma vitória de 5 a 2. Nessa competição o mundo do futebol consagra Pelé, garoto de 18 anos que se destaca em um time que ainda contava

com grandes jogadores como Garrincha e Zagalo, “o ‘jogo bonito’ de seus cinco ilustres jogadores de frente – Didi, Garrincha, Vavá, Pelé e Zagalo – era sem igual na Europa e deixou o Reino Unido como nunca se pensara” (GIULIANOTTI, 2002, p. 45).

Sobre essa edição do Mundial, Guterman (2009, p. 130) afirma que “[...] nascia ali, não somente o rei do futebol, mas a seleção que seria sinônimo de arte, no resto do mundo. E os negros, sobre cujos ombros restou a enorme responsabilidade pelo fracasso de 1950, estavam redimidos, assim como os próprios brasileiros”. Nesse contexto cabe destacar que “[...] a bem-sucedida associação entre Nação e Seleção Brasileira, consolidada entre as décadas de 1930 e 1950, nos transformou no ‘país do futebol’. (...) De Belém a Porto Alegre a seleção nacional de futebol consegue mobilizar manifestações espontâneas de adesão que se assemelham” (COUTINHO, 2013, p. 22). Em 1962, no Chile, a Seleção Canarinho manteve o título mundial em final realizada com a Tchecoslováquia que terminou com o placar marcando 3 a 1 favorável ao Brasil.

Em 1970, no tricampeonato, a equipe brasileira “tornou-se um mito, uma equipe para ser vista como representante máxima do jogo bonito”, disse a revista inglesa *World Soccer*, em 2007 (GUTERMAN, 2009, p. 162). Nessa Copa, o gaúcho Emilio Garrastazu Médici, reconhecidamente fã de futebol, era o presidente do Brasil. O governo de Médici foi, segundo Guterman (2009, p. 161) aquele que

[...] melhor soube aproveitar o momento e suas próprias características para atingir o objetivo de qualquer regime de exceção almeja, isto é, criar uma espécie de cumplicidade com a maior parte da população em torno de seus projetos de grandeza.

A derrota para a Polônia, na disputa pelo terceiro lugar na Copa de 1974, revelou mudanças no esporte se comparado aos anos de 1950 e 1960. Seguindo essa colocação, Guterman (2009, p. 192) indica que “[...] o futebol brasileiro dos anos 1970, a despeito de todo o ufanismo em torno dele, apontava uma entressafra de craques fora de série que levaria anos para ser superada” (GUTERMAN, 2009, p. 192).

No final da década de 1970, o meia do Flamengo, Arthur Antunes Coimbra, mais conhecido como Zico, é convocado para a Seleção Brasileira. Ele é apresentado como uma luz para honrar as tradições futebolísticas do Brasil. Na década de 1980, as regras do futebol brasileiro passam a permitir publicidade estampada nas camisas dos jogadores e o Flamengo é o primeiro time de expressão a adotar a ideia com a Petrobras. Outra novidade foi a contratação de um técnico exclusivo para a Seleção Brasileira: Telê Santana.

No final de 1981, pouco antes da Copa de 1982, disputada na Espanha, o Flamengo, comandado por Zico, torna-se o primeiro time brasileiro campeão do mundo desde o Santos de Pelé, vinte anos antes.

O time escalado para a Copa da Espanha por Telê Santana, segundo Guterman (2009, p 210), era brilhante e considerado, “praticamente imbatível”. Entretanto, chegaria o dia em que, como em 1950, “[...] os deuses do futebol resolveram lembrar aos confiantes brasileiros que a beleza desse esporte está justamente no imponderável” (GUTERMAN, 2009, p. 211). O Brasil perde por 3 a 2 para a Itália de Paolo Rossi. A “era Telê Santana” marca uma geração de jogadores como Zico e Sócrates, por exemplo, que apresentaram um futebol magnífico, mas perdedor. A última Copa da década de 1980 foi perdida nas quartas de final, para a França, nos pênaltis.

A frustração da Copa de 1986 não foi dissolvida pela participação em 1990. O Brasil foi desclassificado pela Argentina por 1 a 0. O símbolo desta geração foi o volante Dunga que “[...] encarnou a ‘modernidade’ do futebol: era um jogador de senso tático, excelente passe e objetividade. Não brilhava, mas era eficiente. Não por outra razão que aquele período do futebol brasileiro (...) ficou conhecido como ‘Era Dunga’” (GUTERMAN, 2009, p. 234). Características próprias do futebol europeu que nem sempre parece ser aceito pelos torcedores brasileiros que identificam o futebol brasileiro como mais ‘alegre’.

No referido período, há um aumento na exportação de jogadores brasileiros para times europeus nacional. Nesse sentido, aqui cabe uma observação de Hall (2006) quanto à questão da identidade. Para o autor (2006, p. 13), “[...] na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam,

somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente”. No entanto quando se fala em identidade fragmentada, também se fala em uma identidade que, por vezes, não está resolvida ou está em contradição com as demais existentes.

O mesmo Dunga foi o capitão da Copa de 1994, nos Estados Unidos, que teve como principais destaques a dupla de ataque: Bebeto e Romário. A final de 1994 foi contra a *Azzurra*, adversário que desclassificou a seleção verde e amarela da Copa da Espanha. O jogo terminou empatado, mas o Brasil ganhou nos pênaltis. Vinte e quatro anos depois, o país voltava a ser, de fato, o país do futebol. Nesse período os jogadores brasileiros já estão pelo mundo e ganham a Europa.

Em 1998, sob o comando de Zagalo, o Brasil tenta o pentacampeonato, mas é derrotado pela França (3 a 0), na casa do adversário. E Zagalo, assim como a seleção brasileira, não se tornou o único pentacampeão mundial. “A bagunça na seleção era reflexo da desorganização do futebol brasileiro”, conta Guterman (2009, p. 253). Entre 1997 e 2000, denúncias de corrupção e manobras que mudavam as regras do Campeonato Brasileiro surpreenderam os torcedores.

Em 2001, um ano antes da Copa do Japão e da Coreia, Luiz Felipe Scolari foi escolhido para comandar a Seleção Brasileira. A Seleção harmoniosa que Scolari queria não tinha espaço para jogadores como Romário. Assim, a ‘Família Scolari’ foi sendo montada com jogadores como Rivaldo, Ronaldo e Cafu, este, capitão do time no campeonato mundial. O Brasil se sagrou campeão diante da poderosa Alemanha do goleiro Oliver Kahn. O placar foi de 2 a 0. A história do futebol brasileiro mostra definitivamente que este é um esporte das massas quando ao receber a taça Cafu estampa na camisa ‘100% Jardim Irene’, bairro pobre da cidade de São Paulo onde nasceu.

Assim como o resto do mundo, o futebol brasileiro, que “exporta” muitos atletas, especialmente para a Europa, também passa a receber estrangeiros vindos de países vizinhos como a Argentina e o Uruguai e da Europa²⁸. Mas a repatriação

²⁸ São exemplos o argentino Carlito Tevez e o sérvio Petkovic

também é uma constante. São exemplos de jogadores repatriados nos últimos anos Romário, Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho, Wagner Love e Adriano.

Com tantos intercâmbios, percebe-se também certa mudança no estilo de jogar de jogadores e de coordenar as equipes, no caso dos treinadores. Essas mudanças se apresentam em muitas equipes que privilegiam o esquema tático em detrimento da criatividade, por exemplo. Muitos desses times ganham destaque nas competições, mas nem sempre encantam os espectadores por permitirem certa previsão do que vai acontecer em campo.

Esse fato é atribuído, em parte, ao grande número de jogadores que passam a jogar fora do país, em terras em que a bola nos pés pouco era vista. Murad (2007) cita, como exemplos, o caso dos Estados Unidos onde “[...] somente a partir de 1975 que o soccer tornou-se prioridade na pauta de investimento esportivo, como a chamada Era Pelé, quando o Rei do Futebol foi contratado pelo Kosmos, para o período 1975-77”. Foi nesse período, segundo o autor, que o futebol se popularizou. A realização da Copa do Mundo de 1994 foi, “[...] simultaneamente consequência e causa desse processo de transformação” (MURAD, 2007, p. 52). Essa menor popularidade do futebol na sede do mundial de 94 pode ser explicada, conforme Wisnik (2008, p. 22), pelo fato do referido esporte ter ofertado “[...] uma curiosa e nada desprezível contraparte simbólica a hegemonia do imaginário norte-americano, assinalando, nesta, um intrigante ponto de falha do seu empuxo totalizador”. No Brasil esta falha, completa o autor, foi curiosamente transformada em seu ponto forte.

No futebol é necessário que os atores desta cena aceitem a condição que há a possibilidade de ganhar – que remete, segundo Wisnik (2008, p. 51) “[...] a sensação plena e fugaz da completude -, perder – que, conforme o autor, leva “[...] à experiência de um corte que devolve ao sentimento de falta - e empatar – ou “voltar ao zero a zero do reinício” -. O futebol constitui-se, assim, em um sistema simbólico que permite que o futebol reinicie a cada nova partida.

Quando vigora dentro dessas contradições, o futebol é um instrumento de elaboração de diferenças, um campo festivo e polêmico de diálogo não verbal, projetado no terreno da disputa lúdica, que atualiza a necessidade de que haja um outro para que eu seja, de que um outro me afirme ao me negar. (WISNIK, 2008, p. 51)

Outro exemplo citado por Murad (2007) é o do Japão. O governo japonês, a partir de 1991, formulou uma política de desenvolvimento esportivo, financeiro e empresarial do futebol. Lá “[...] como eles mesmos entendem e proclamam, a planificação deveria ser, acima de tudo, pedagógica” (MURAD, 2007, p. 43). Entre outras metas havia o projeto de sediar uma Copa do Mundo, o que aconteceu em 2002 junto com a Coreia. Foi para o Japão que Artur Antunes Coimbra, Zico, foi em julho de 1993. Ele foi contratado como jogador e técnico do Kashima Antlers. Mas, seu contrato era “[...] muito especialmente como símbolo e professor desse desporto para todos os japoneses” (MURAD, 2007, p. 43). Sua despedida dos gramados japoneses foi em outubro de 1994.

Cabe ressaltar que, no Brasil o futebol vai para além das competições e jogos disputados pela Seleção Brasileira. O esporte “[...] não deixa de ser assistido durante esses longos períodos de ausência da equipe brasileira. Por isso os clubes de futebol acabam sendo mais vivenciados pelos torcedores do que a própria seleção” (COUTINHO, 2013, p. 22-23). O cenário em que se apresentam os clubes brasileiros é um pouco diferente de outros países, compara Coutinho (2013) indicando, por exemplo, haver a existência de torcidas de bairros que torcem para clubes de sua comunidade, mesmo que eles não tenham destaque. Não é incomum, no entanto, a existência de torcedores que se reúnem em seus bairros “[...] para apoiar clubes que estão jogando a milhares de quilômetros de distância. No Brasil, a torcida tem um caráter nacional. E o maior representante desse fenômeno de nacionalização da torcida é o Clube de Regatas do Flamengo” (COUTINHO, 2013, p. 23-24).

5.4 AS TORCIDAS DE FUTEBOL

O que faz com que pessoas definam um time para o qual torcerão por um longo tempo, para não dizer ‘até morrer’? Fazer esta escolha parece depender menos da razão do que se imagina. Não há uma lógica. Os torcedores, diz Coutinho (2013, p. 8), “[...] não variam as suas preferências de acordo com o sucesso das equipes em campo. A adesão às cores de uma instituição ocorre de acordo com as representações sociais que passam a compor a identidade de um clube de futebol”. Por esse raciocínio, chega-se a gratuidade de que fala Wisnik (2008, p. 44) que

aponta-se o futebol a mais “[...] reconhecível e intercambiável das atividades supérfluas, e, por mais interesses econômicos que estejam envolvidos, expande-se historicamente por um fundo de motivações gratuitas”.

O documentário *Bahêa minha vida*, dirigido em 2011 por Márcio Cavalcante, trata da torcida do Esporte Clube Bahia. Nele, Campos (2011) estabelece a diferença entre público, plateia e torcedor. Para o historiador, o primeiro assiste ao evento, o segundo, a plateia, aplaude, já os torcedores interferem, “torcedor faz parte do espetáculo”. Os primeiros torcedores de futebol no Brasil eram, como se podia esperar de um esporte que tinha como base as classes mais altas da sociedade, muito educados.

Antes que a massa de torcedores se tornasse uma realidade irresistível no futebol brasileiro, a graça e o cavalheirismo das arquibancadas, ao menos nos primeiros anos, refletiam a intenção declarada dos pioneiros do futebol de fazer do esporte uma expressão de sua educação e de seu espírito esportivo (GUTERMAN, 2009, p. 26).

Essa colocação é completada por Coutinho (2013, p. 33) que afirma que nos tempos do amadorismo, “[...] a imagem do torcedor ativo, capaz de interferir no andamento da partida em disputa, era ainda incipiente no imaginário esportivo”. No primeiro campeonato paulista disputado em 1902, o destaque ia para as mulheres presentes. O futebol, diz Guterman (2009, p. 25), aos poucos foi mostrando sua vocação para as massas e o primeiro sintoma de que “[...] a paz nas arquibancadas começaria logo a ser perturbada por elementos estranhos à elite – gente que, provavelmente, já havia entendido como funcionava o jogo e, portanto, exigia bom desempenho”. São esses torcedores que começam a usar uma das armas mais eficientes para demonstrar sua insatisfação: a vaia. Assim, a medida em que há a profissionalização do futebol o torcedor comum, aquele que não está ligado institucionalmente ligado ao clube, começa a ser percebido como compondo a maior parte da torcida e passa a ser valorizado pelo apoio ativo que dá a equipe (COUTINHO, 2013).

Conforme destaca Giulianotti (2002), torcedores e jogadores tendem a conceder aos clubes, muito mais do que à nação, as manifestações diárias de

lealdade. Fernandez (1974, p. 41) aponta a classificação de Dante Panzeri quanto à qualidade dos torcedores que vão a campo. Para o autor, existem aqueles que apenas vão ver o jogo e os que vão ver a vitória “Os primeiros são aqueles que só gostam (ou não gostam) do espetáculo. São os que aplaudem mas não agridem”. Já o segundo grupo de torcedores, é aquele que, popularmente, costuma-se chamar de ‘doente’, ‘fanático’. Ele vai ao estádio influenciado por suas paixões, angústias e alegrias.

Quando o futebol caracterizava-se pelo amadorismo a torcida restringia-se ao sócio do clube. No Flamengo, conta Coutinho (2013, p. 33) estes associados reuniam-se “[...] na garagem de remo do clube para seguir em grupo para os jogos do time de futebol”. Assim, diz o autor, o que se via em estádios da zona norte da cidade do Rio de Janeiro (como por exemplo no bairro de Olaria) era uma torcida flamenguista sem expressão, o que mostra o quanto tais territórios ainda não se mostravam dominados pelos rubro-negros. O time amador precisava do apoio de seus torcedores da zona sul em jogos realizados no subúrbio. Para tanto se começou a organizar caravanas que cruzavam a cidade junto com o time. A medida que estas caravanas aumentavam, crescia o significado dado ao público que comparecia aos jogos. Estes comboios que seguiam pelas ruas da cidade para apoiar seus atletas em campos adversários “[...] renderam as primeiras manifestações de exaltação da torcida como fator determinante para o rendimento do time” (COUTINHO, 2013, p. 34). Este autor ainda destaca que a última temporada amadora do Flamengo aconteceu em 1932. O debate entre o futebol amador e o profissional ainda acontecia se refletia na torcida que, segundo o autor, começava a ser exaltada pela capacidade de motivar muito mais do que por manter hábitos polidos.

Mas mudança mais significativa para Coutinho acontecerá em 1936 quando o Jornal dos Sports anuncia a organização de uma Competição das Torcidas²⁹. Esta estratégia, além de fomentar a divulgação do jornal também contribuiu para a abertura de um diálogo com novos atores sociais que deveriam ser

²⁹ Coutinho destaca que o Jornal dos Sports tinha uma posição clara quanto a profissionalização do futebol. O autor ainda apresenta que no período em que a referida competição foi apresentada ao público os times que atuavam como profissionais no Rio de Janeiro eram Flamengo e Fluminense enquanto dos que se destacavam ainda como amadores eram Vasco e Botafogo.

chamados a formar uma nova torcida dentro de um futebol que se pretendia profissional. Consagra-se a presença do trabalhador dentro de um campo que, mesmo ocupado desde o final do século XIX, não era reconhecido como parte do jogo. A partir da segunda metade da década de 1930 estes novos atores são apresentados como símbolo do espectador que frequenta as arquibancadas brasileiras.

Com isso, o espectador passivo passa a dar lugar a uma torcida mais festiva, ativa e apaixonada. “Na medida em que esses novos atores sociais entravam em cena, novos comportamentos surgiam e causavam espanto e admiração da imprensa esportiva” (COUTINHO, 2013, p. 48). Os torcedores rubro-negros, afirma o autor, apareciam nas arquibancadas fantasiados, levando cartazes e faixas. Assim, elementos constitutivos do campo passional, como o sofrimento, a morte, a tragédia, antes pouco vistos nas arquibancadas passaram a ser referência no que diz respeito ao futebol e a sua relação com a torcida. Nessa perspectiva, diz Coutinho (2013, p. 48) “[...] uma torcida composta por pessoas que conheciam bem a adversidade não poderia exaltar um clube sofisticado”. Foi assim, diz o autor que o concurso que consagrou a torcida do Flamengo como a mais animada viu emergir a identidade popular que se verifica nos dias atuais.

A primeira torcida organizada de que se tem notícia no Brasil é a Charanga Rubro-negra. Foi fundada em 11 de outubro de 1942 e Jayme de Carvalho foi quem reuniu um grupo de torcedores com instrumentos musicais para irem a um Fla-Flu, nas Laranjeiras. “O apelido Charanga foi inventado pelo famoso radialista rubro-negro, Ary Barroso. O locutor considerava que aquela torcida tocava um pouco desafinada e comentou, ‘isso não é uma torcida é uma charanga’” (PEREIRA, 2010, p. 135). A torcida adotou o nome que já foi citado em música como a da década de 1950 – Samba Rubro-negro – composta por Wilson Batista e Jorge de Castro. A música original tornou-se tema do tricampeonato carioca de 1953-1954-1955 e foi adaptada duas vezes: em 1979, por João Nogueira e, em 2008, por Diogo Nogueira. Jaime Carvalho e a Charanga do Flamengo também acompanharam os jogos disputados no Rio de Janeiro durante a Copa de 1950. Na competição, segundo Wisnik (2008) Jaime foi eleito o chefe da torcida organizada brasileira.

Flamengo joga amanhã, eu vou pra lá.
 Vai haver mais um baile no Maracanã.
 O mais querido, é o clube do meu coração,
 Eu já rezei pra São Jorge, pro Mengo ser campeão!
 O mais querido é o clube do meu coração,
 Eu já rezei pra São Jorge, pro mengo ser campeão!
 Pode chover, pode o Sol me queimar, **eu vou pra ver charanga do Jorge tocar.**
 Flamengo, Flamengo,
 Tua glória é lutar,
 Quando o Mengo perde eu não quero almoçar, eu não quero jantar.
 Eu juro... (grifo nosso)

Maurício Murad (2007, p. 59) comenta que além da torcida flamenguista, outra organização de torcedores, a Torcida Uniformizada do São Paulo, fundada por Laudo Natel e Manoel Porfírio da Paz, em 1940, forma a base para a organização de torcedores dos clubes.

As torcidas desse período caracterizam-se pela carnavalização, como chamam autores como Murad (2007) e Giulianotti (2002). Nesse momento, a marca maior, que justifica a caracterização com a maior festa popular do Brasil, era a presença de cânticos e alegorias. Os autores não negam a presença de conflitos nesse momento inicial. No entanto, coloca Murad (2007, p. 59) eram “[...] localizados; a sociabilidade, quase familiar, era predominante”. Ainda conforme o autor, é na década de 1970 que os grupos violentos começam a aparecer nas arquibancadas brasileiras. O movimento contrário a esses grupos tem seu início na década de 1990. Algumas torcidas organizadas, conta Murad (2007, p. 59), “[...]se fizeram presentes nos estádios, portando bandeiras desenhadas com imagens de líderes de esquerda, como Che Guevara, e mensagens políticas, além de palavras de ordem incentivando a paz entre os torcedores e valorizando o futebol como evento de massa”.

Murad (2007, p. 34) apresenta uma afirmação que contraria o que vem à tona nos veículos de comunicação acerca das representações coletivas como o futebol. Conforme explica o autor, “[...] a imensa maioria das torcidas é constituída por um público pacífico, embora vibrante, apaixonado [...]”. Para ele, os torcedores violentos fazem parte do que chamou de ‘organizados’. O autor traz como exemplo a cidade do Rio de Janeiro que é a sede da maior torcida do Brasil: a flamenguista e

da terceira maior: a do Vasco da Gama. Nesse ambiente, conforme a Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (Astorj), são considerados torcedores organizados e registrados 140 mil, o que, conforme Murad (2007, p. 35), constitui “uma minoria no somatório geral dos fãs. Mais do que isso: os 5% responsáveis pelas cenas frequentes de vandalismo lamentável não são números relativos ao universo total dos torcedores, mas sim à parcela organizada deles. Portanto, uma minoria dentro de uma minoria”. Esses dados reforçam o que o autor apresenta na introdução geral de sua obra (2007, p. 11) em que parte do princípio “[...] de que esse esporte não é violento em si, ao contrário do que muitas vezes transparece no imaginário popular e na *espetacularização* da mídia”.

Stuart Hall (2009) aponta que a sociedade atual vive um momento de fragmentação da identidade, iniciada no início do século passado. Nesse sentido, Murad (2007, p. 13) aponta “[...] os grandes rituais coletivos como produtores de um fascínio agregador incomparável”. O autor afirma que “[...] num mundo assim fragmentado, as pessoas podem ter uma identidade única, pelo menos durante 90 minutos. As pessoas têm certeza que estão incluídas, veem seu pertencimento concretizado”. O futebol³⁰ sintoniza o individual e o grupal. Dessa forma, coloca em prática um dos pilares democráticos que entre os gregos clássicos era considerado o melhor e mais produtivo dentro das atividades humanas: a ação coletiva, sem excluir a importância da iniciativa individual. Dentro de campo, coloca Murad (2007, p. 12), isso se dá “[...] pela estrutura e dinâmica própria do jogo. (...) ‘ninguém ganha nada sozinho’”. Fora de campo, coloca o autor, isso se dá “no estabelecimento dos laços de inserção e no sentimento de pertença a uma coletividade. A identidade é ritualisticamente socializada, na liturgia antropológica do futebol, sem se eliminar, contudo, a delicada e necessária indiossincrasia”. O autor apresenta da seguinte forma esta questão:

³⁰ Murad não nega a existência desta característica em outros esportes, mas trata com especificidade do futebol.

Figura 1 – Eu sou equipe



Fonte: MURAD, 2007.

Nesse sentido o esquema de Murad (2009) aponta para o sentimento de pertença do indivíduo a uma coletividade que vem a ser a equipe. Isso se dá pelos rituais estabelecidos não só durante os noventa minutos de jogo, mas também nos diversos discursos que permeiam os times de futebol. Quando se trata dos discursos, devem-se incluir as músicas (dos hinos às compostas fora dos muros das sedes), pois como apresentou Anderson (2008, p. 204) anteriormente ao serem entoados em uníssono, esses cantos resgatam no indivíduo o sentimento de pertença. Tudo sem, necessariamente, haver o contato físico, apenas através do “som imaginado”.

6 CULTURA E LINGUAGEM DE UMA “NAÇÃO RUBRO-NEGRA”: INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, a interpretação e análise das materialidades (em linguagem verbal e não verbal) estão pautadas no percurso teórico e nos procedimentos metodológicos apresentados nas páginas anteriores.

Destaca-se que tais materialidades, coletadas nos mais diferentes suportes comunicacionais, podem ser consideradas importantes elementos culturais na sociedade em que estão inseridos.

A análise é constituída de modo que os elementos, que formam a nação e os discursos, permeiam o imaginário e provocam no torcedor do time o sentimento de pertença, e procurem elucidar a indagação de que um time de futebol, com todos os seus atores – torcedores, jogadores, cores, hinos etc. - poderia se constituir em uma nação? Conforme já mencionado, esse questionamento motivou o presente estudo.

6.1 MITOS FUNDACIONAIS

No final do século XIX, em meio a todas as mudanças, seis rapazes do bairro do Flamengo, Zona Sul do Rio de Janeiro, não se conformavam com o fato de o bairro não ter um clube de regatas, esporte em evidência na época, para competir com bairros vizinhos como o de Botafogo. Mesmo com recursos ínfimos, o grupo formado por José Agostinho Pereira da Cunha, Mário Spindola, Nestor de Barros, Augusto Lopes, José Félix da Cunha Meneses e Felisberto Laport comprou uma embarcação no dia 6 de outubro de 1895. Juntamente com Joaquim Bahia e Maurício Rodrigues Pereira, o grupo navegou pelos mares do Rio de Janeiro – saída da Praia de Maria Angu, onde hoje está a Praia de Ramos e deveria chegar à Praia do Flamengo - com a Pherusa, “[...] primeiro patrimônio do clube que estava prestes a nascer” (MANSUR; RIBEIRO, 2009, p. 10).

A embarcação, no entanto, virou com o vento forte. Joaquim Bahia decidiu buscar ajuda nadando. Seus companheiros foram resgatados por um barco que passava no local. “Quatro horas depois, saudado como herói da cidade, Joaquim Bahia chegou são e salvo à praia” (MANSUR; RIBEIRO, 2009, p. 10). Pouco depois, Pherusa é roubada e os jovens compram a Scyra, o segundo barco do Flamengo. Essa breve explicação sobre a formação do Clube de Regatas Flamengo pode fortalecer as explicações sobre a popularidade do clube.

Contrariando essa hipótese Coutinho (2013) descarta a ideia de estar no remo as raízes populares do Flamengo. No entanto, sublinha-se que esta narrativa que remonta os tempos do esporte náutico parece dialogar com outras na medida em que a ideia da ‘garra’, da força de vontade dos remadores aparece em outros textos que tratam do futebol do referido clube em momentos diversos. Nesse sentido apresenta-se o que salienta Bakhtin (2011) no sentido de que um enunciado pode aparecer repetido de diversas formas e o contato entre eles forma o diálogo do qual trata o autor russo.

A narrativa mítica se constrói em um terreno de dificuldade, no espírito empreendedor de um grupo de jovens que a cria já em sua primeira aventura e que não desiste diante dos obstáculos. Um ponto de vista que, como nos disse Silva (2006), construirá a teia que contribuirá para a formação do imaginário no que diz respeito ao referido clube. A temática da formação do clube e, mesmo os discursos que dela surgem, é apresentada de maneira recorrente em outros contextos. Isso nos permite apontar outra questão levantada também por Silva no referencial teórico deste trabalho. O autor coloca que as águas do imaginário, muitas vezes, repetem o lugar pelo qual passam (o clube e sua fundação, nesse caso) e se apresentam “sempre iguais e sempre diferentes” (SILVA, 2006, p. 8).

Nesse caso, é uma narrativa que se propaga ao longo dos anos em discursos diversos e de diferentes maneiras. Há o que Bakhtin coloca como sendo a presença de várias vozes sociais repetidas ao longo do tempo de forma ilimitada. Assim, cabe ressaltar as palavras do autor russo (BAKHTIN, 2011, p. 313) quando este diz que se deve levar em consideração que mesmo a mais complexa das orações “no fluxo ilimitado da fala pode repetir-se um número ilimitado de vezes em

forma absolutamente idêntica, mas, como enunciado, nenhuma oração, mesmo a de uma só palavra, jamais pode repetir-se: é sempre um novo enunciado”.

Em um local temporal e em uma estrutura diversos, porém, em um mesmo contexto narrativo, apresentam-se os versos da música "Boa Noite", de Djavan, (1991) cantam:

Inda bem que eu sou Flamengo
Mesmo quando ele não vai bem
Algo me diz em rubro-negro
Que o sofrimento leva além
Não existe amor sem medo
Boa noite!

Nessas linhas melodiosas, percebe-se o entremear de uma narrativa do devir, tendo o sofrimento como condição necessária à passagem para algo bom. Tal situação permite comparar a aflição vivida pelos remadores-fundadores do clube com as narrativas que envolvem a passagem pelo sacrifício para se obter um bem maior. Verificam-se, portanto, os versos, reiterando esse discurso. Eles dialogam no tempo e espaço com outros enunciados. Os versos, conforme afirma Bakhtin (2011), repetem-se, enquanto fala, mas formam o novo enquanto enunciado. Na primeira narrativa, que trata dos primeiros remadores do Flamengo, fala-se da história do clube propriamente dito, o primeiro mito fundacional.

Na música “Boa Noite”, vê-se que a mesma narrativa heroica e de superação será apresentada como uma metáfora para esse elã vital de sobrepor quaisquer obstáculos. Esse novo enunciado reforça, no entanto, um discurso dado. Mesmo utilizando a mesma língua que outros autores que tratam do Flamengo, não se percebe a repetição de algo já dito por alguém ou seja, o compositor se coloca como sujeito. Identifica-se aí a interação estabelecida entre os dois discursos a partir da possibilidade de se verificar que um discurso é ocupado por outro.

Esse problema vai encontrar ressonância em Muhlenberg (2009-a, p. 54)³¹ quando o blogueiro rubro-negro, ao comentar o jogo Avaí e Flamengo³², inicia

³¹ O endereço do blog é: <http://globoesporte.globo.com/rj/torcedor-flamengo/platb/>. Os textos referentes ao Campeonato Brasileiro de 2009 foram publicados em livro. A obra está referenciada no final deste trabalho.

o seu texto alertando o leitor para ter compostura e honrar o Manto. Naquele momento, o time rubro-negro não atravessava uma boa fase no Campeonato Brasileiro e alguns torcedores se queixavam. Muhlenberg afirma que uma “atitude ridícula e desnecessária é essa viadagem de ‘não torço mais por esse time’, não vou mais ao Maraca’ e outras frescuras”. “Ainda bem”, continua o blogueiro, “que 99% da torcida do Flamengo sabe se comportar, porque se fôssemos todos como esses pela-sacos que tão dando faniquito o Flamengo jamais teria sido 31 vezes Campeão Carioca, cinco vezes Campeão do Brasil, Libertadores, Mundial etc.”. Para completar, Muhlenberg (2009-a, p. 54) alerta “Se for pra ficar pedindo pra sair toda hora então você não é Flamengo”. Isso porque seria como negar os emblemáticos versos do hino popular rubro-negro que diz que uma vez torcedor do Flamengo, somente a morte interromperia esse compromisso tácito com o clube.

Nessa primeira passagem de Muhlenberg, é possível identificar, assim como na música “Boa Noite”, a ligação com a narrativa fundacional. No entanto, como destaca Bakhtin, a fala se repete, mas, enquanto enunciado, forma, junto com outras materialidades, o novo. A música de Djavan e o texto de Muhlenberg apontam para uma linha em comum: a garra que é apontada na narrativa da fundação do clube. O que permite estabelecer relação dialógica entre as materialidades apresentadas a partir do conceito bakhtiniano de que o diálogo se percebe quando, na fala, há a interação entre os enunciados. Ainda na perspectiva de Bakhtin (2011) tem-se a individualidade e a singularidade de cada um dos textos apresentados: (a) o momento em que surgiu o clube, (b) a música Boa Noite e (c) o texto de Muhlenberg. No entanto, percebe-se que tal qual o pensamento apresentado por Bakhtin (2011, p. 401) o texto só vive a partir dos contatos estabelecidos com outros textos. Quando se estabelece esse contato entre os textos é que “[...] eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo”. Assim, por mais que se indique não ser o remo a razão da popularidade do clube aqui estudado, o discurso gerado por tal narrativa estabelece contato com os textos que são aqui apresentados.

³² Jogo, realizado em 23 de agosto de 2009, terminou em Avai 3x 0 Flamengo

O cronista e dramaturgo Nelson Rodrigues desenha algumas características representativas para torcedores e jogadores rubro-negros e que podem ser atribuídas à “seção terrestre” do clube. A saber:

O Flamengo joga, hoje, com a mesma alma de 1911. Admite, é claro, as convenções disciplinares que o futebol moderno exige. Mas o comportamento interior, a gana, a garra, o *élan* são perfeitamente inatuais. Essa fixação no tempo explica a tremenda força rubro-negra. Note-se: — não se trata de um fenômeno apenas do jogador. Mas do torcedor também. Aliás, time e torcida completam-se numa integração definitiva. O adepto de qualquer outro clube recebe um gol, uma derrota, com uma tristeza maior ou menor, que não afeta as raízes do ser. O torcedor rubro-negro, não. Se entra um gol adversário, ele se crispa, ele arqueja, ele vidra os olhos, ele agoniza, ele sangra como um César apunhalado. (RODRIGUES, 1993, p. 14).

Nessa mesma linha discursiva, Henfil (2007) apresenta a charge (figura 2), em que um torcedor pede garra e lembra que ele, representando todos os torcedores, é a garra. Aqui é possível verificar a capacidade de tradução de uma língua por outras linguagens, como apresentou Bakhtin (2011). A ‘garra’ é um enunciado que se faz presente nos discursos verificados desde a narrativa de fundação do clube. Este enunciado é repetido de diversas maneiras ao longo do tempo (conforme visto na canção Boa Noite e no texto de Nelson Rodrigues).

Figura 2 – A garra sou eu



Fonte: HENFIL. **Urubu**. Rio de Janeiro: Desiderata, 2007. p. 29.

Essas considerações iniciais tencionam sublinhar o quão coletiva é a construção do imaginário. Não há um autor único para essa questão, mas a

‘atmosfera’ de um clube que apresenta a atitude de não desistir nos momentos de crise. Nesse sentido, percebe-se que tal narrativa se forma a partir de discursos que parecem dialogar ao mesmo tempo que se entrecruzam vindos de pontos diferentes da sociedade. Dessa forma, a coletividade do discurso permite que se costure o real, característica que, como explicou Mafesolli (2007), faz parte do imaginário.

A referida atmosfera construída coletivamente, de maneira anônima encontra um ponto de partida (a fundação do clube), mas não um ponto final. “O imaginário é um rio cujas águas passam muitas vezes no mesmo lugar” sendo ao mesmo tempo iguais e diferentes. Mesmo assim, não deixará de existir já que a narrativa que forma o imaginário, como destaca Silva (2006), forma-se em um processo constante. As diferenças que se tocam nos pontos de contatos dessas águas do rio, utilizado como metáfora por Silva, não são mecânicos, como afirma Sobral (2009). São dessas diferenças, afirma o autor, que emerge o dialogismo, apontado por Bakhtin. Apesar da diferença não se pode descartar a semelhança. Caso isso aconteça, não haveria diferença e sim incompatibilidade (SOBRAL, 2009). Se na narrativa da fundação do clube o que se observava era a força de vontade dos remadores que organizaram o primeiro grupo de regatas do clube em trechos das textualidades supracitadas, que têm como elemento nuclear a ‘garra’ dos torcedores. Assim, desloca-se o sujeito portador de tal força de vontade mas mantém-se a semelhança da narrativa. Percebe-se a partir dessas materialidades que todo discurso carrega consigo espaços ocupados pelos discursos de outrem, como afirma Bakhtin (2011), que recupera algo que já existiu e que pode projetar para o futuro.

Logo, se os textos possuem seus autores, o discurso que os forma, por ser coletivo, não possui um autor único. Nos trechos destacados para este trabalho vê-se o que Silva (2006) aponta como imaginário social que tem sua estrutura ligada ao que o autor chamou de contágio: aceitação do modelo do outro (lógica tribal), disseminação (igualdade na diferença) e imitação (distinção do todo por difusão de uma parte). “No imaginário há sempre desvio.” (SILVA, 2006, p. 13).

A partir dessas materialidades apresentadas inicialmente, é possível também já identificar o diálogo proposto por Bakhtin bem como a presença do dialogismo em várias manifestações culturais independente se tal manifestação se

dá de forma verbal ou não. Já se percebe, também, que para a formação da atmosfera a qual se refere Maffesoli e Silva, bem como a costura do real também apresentada por Maffesoli, exige-se que os textos dialoguem entre si, ou seja, mantenham pontos de contatos, por mais diferentes que estes se apresentem, conforme Bakhtin.

Merece destaque, ainda, sobre a criação do clube, que o Grupo de Regatas Flamengo foi fundado no dia 17 de novembro de 1895, no número 22 da Praia homônima, prática comum, conforme mencionado anteriormente. Entretanto, optaram pelo dia 15 de novembro, Proclamação da República, como data oficial, com intuito de comemorar o aniversário em um feriado nacional. Arthur Muhlenberg, aos 15 de novembro, costumeiramente publica textos comemorativos a esta data no Urublog – ressalta-se que não em referência ao 15 de novembro brasileiro e sim corroborando com o discurso de uma provável república vermelha e preta. Imaginária, no entanto real. Em 2013, o autor apresenta em seu texto a formação rubro-negra em epopeica com tom ufanista:

Salve, salve, felizes proprietários de um coração rubro-negro. Hoje comemoramos 118 anos de elegância, bem vestir e protagonismo febril. O Flamengo, que foi criado no 2º dia, quando se separaram as águas e os céus, mas que comemora no dia 15 a fundação que se deu em 17 de Novembro, é tão foda que até hoje é a única coisa no mundo que faz aniversário dois dias antes de ter nascido. Somos mesmo muito especiais. (MUHLENBERG, 2013-a)

Já Rica Perrone (2013-b) que, como Nelson Rodrigues, não é torcedor do Flamengo, destaca sobre a criação do Flamengo em um texto intitulado Religião: “Religiões explicam a origem do universo. Para eles, num simples aperto de mão em 15/11/1895 o mundo passou a existir.” Aqui verifica-se a presença dos elementos extralinguísticos dos quais nos afirma Bakhtin (2011) que influenciam na formação de novos enunciados de maneira dialógica. A explicação para a formação do mundo nas religiões se dá por elementos míticos, mágicos lembrados por Perrone (2013-b) ao indicar que o simples aperto de mão fez o mundo existir para o flamenguista.

No caso do texto de Muhlenberg percebe-se a presença do discurso publicitário (felizes proprietários de um coração rubro-negro). Entenda-se aqui que

tal discurso não parece colocar à venda o sentimento, mas indica que esse proprietário fez uma opção por um clube. De certa maneira, aqui se apresenta a possibilidade de ser convidado a entrar em determinada comunidade imaginada de que tratou Anderson (2008) anteriormente. Além disso, o “protagonismo febril” ao qual se refere Muhlenberg parece ‘traduzir’ as palavras de Nelson Rodrigues apresentadas anteriormente ao falar da maneira como torcida e time se complementam em campo. O mesmo Nelson Rodrigues parece dar o significado para o ‘febril’ de que trata Muhlenberg: “Se entra um gol adversário, ele se crispa, ele arqueja, ele vidra os olhos, ele agoniza, ele sangra como um César apunhalado”. Tanto no texto de Muhlenberg quanto no de Nelson Rodrigues também é possível perceber a passionalidade do regime noturno, tratado por Durand.

As cores iniciais foram azul e dourado, mas

[...] o sol e a maresia faziam as cores desbotarem com facilidade e, por isso, foi proposta a mudança para o vermelho e preto. No entanto, um suposto mau agouro também teria contribuído para a alteração, já que os remadores não tiveram sucesso nas primeiras competições. (MANSUR; RIBEIRO, 2009, p. 11)

A primeira vitória do Clube de Regatas Flamengo ocorreu em 1898 com o barco Irerê. Na ocasião, simpatizantes de todas as classes sociais já torciam pelos remadores e a sede do clube era conhecida como República da Paz e do Amor (MANSUR; RIBEIRO, 2009). Essa heterogeneidade do primeiro grupo de torcedores, aliás, pode ser um outro índice que classifique a torcida rubro-negra como uma nação.

Sobre o nome com o qual ficou conhecida a sede rubro-negra, Pereira (2010, p. 10) afirma que foi um “[...] ato imerso em um sentimento jovial de uma república recém-proclamada no Brasil”. A República da Paz e do Amor é, de certa forma, uma pequena representação do que se constitui a república brasileira, formada por todas as cores, sons, raças, grau de escolaridade, poder aquisitivo e origens (imigrantes europeus especialmente). Há nesse sentido, uma certa relação com a data definida como a do aniversário do clube. Assim, vislumbra-se mais um elemento formador da nação tendo em vista que, como colocou Anderson (2008)

esta é uma comunidade imaginada, entrelaçada por acordos tácitos e símbolos comuns que vão compô-la como tal.

Na primeira década do século XX, o futebol começa a dividir com o remo a simpatia da população. O time de futebol do Clube de Regatas Flamengo só foi oficializado em dezembro de 1911.

Uma dissidência entre jogadores e diretoria do Fluminense³³ fez um grupo de atletas, liderados por Alberti Borgerth, que já era remador do Flamengo havia alguns anos, deixar o clube. Campeões cariocas daquele ano, os ex-tricolores ingressaram como sócios do Flamengo. (MANSUR; RIBEIRO, 2009, p. 12-13)

Em 1955³⁴, Nelson Rodrigues trata sobre o assunto. Depois de esclarecer que o clube de regatas já existia e que “[...] já começava a tecer a sua camoniana tradição náutica” (RODRIGUES, 1993, p. 13), o autor coloca que em 1911, há uma briga entre membros do time de futebol do Fluminense. “Discute daqui, dali, e é possível que tenha havido tapa, nome feio, o diabo. Conclusão: — cindiu-se o Fluminense e a dissidência, ainda esbravejante, ainda ululante, foi fundar, no Flamengo de regatas, o Flamengo de futebol”. Assim, pode-se perceber que da mesma maneira que Sá aponta que a formação identitária brasileira forma-se a partir do olhar estrangeiro, no Flamengo, o futebol, como elemento identificador do clube, se dá a partir do olhar estrangeiro.

Ainda nesse caso, vale lembrar que, assim como a nação, a formação do futebol no Brasil está ligada à burguesia. Partindo para o objeto de estudo desta pesquisa, também se pode afirmar que o clube, de uma maneira geral, e o futebol, especificamente, são forjados a partir da classe burguesa identificada aqui pelo grupo que se fazia representar no Fluminense. Se a burguesia, como disse Anderson (2008) nasceu por causa das múltiplas repetições discursivas, com o Flamengo não foi diferente. Foram discursos como os apresentados ao longo desse trabalho que fazem com que os torcedores vejam a existência de semelhantes.

³³ Segundo Guterman (2009, p. 28) o primeiro clube a ser formado para o futebol no Rio de Janeiro, em 1902.

³⁴ Em texto intitulado Flamengo Sessentão e publicado em 26 de novembro de 1955. Os textos apresentados aqui são parte do livro *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*, lançado pela Companhia das Letras em 1993.

Desse modo, diferente de outros clubes, o time de futebol do Flamengo nasce da necessidade de determinado grupo se estabelecer como tal. De alguma forma, faltava a esse grupo uma identidade maior com o clube de onde partiram a ponto da discussão tornar a relação impossível. Assim, é possível concordar com o que foi apontado por Anderson (2008) e Antelo (1998) com relação a formação da nação. É o discurso, a língua que concebe a nação, assim as pessoas podem ser “convidadas a entrar na comunidade imaginada” (ANDERSON, 2008, p. 204). Para além da língua oficial do país ao qual o Flamengo pertence, para fazer parte dessa comunidade imaginada é necessário que o torcedor reconheça os diversos signos imagéticos (cores, bandeiras, ritos) que o façam alimentar o sentimento de pertença.

Na época em que o time de futebol foi formado, no clube rubro-negro não havia campo para os treinamentos que, muitas vezes, aconteciam na Praia do Russel. Para voltar ao clube, os atletas caminhavam no meio das pessoas que ali estavam. O primeiro título do campeonato carioca daquele que viria a se tornar o maior vencedor de todos os tempos até hoje, veio em 1914 e o bicampeonato em 1915. Mas foi em 1920 que o Flamengo sagrou-se “campeão de terra e mar” vencendo os campeonatos de futebol e remo daquele ano como demarca o hino oficial do clube.

6.2 BRASÃO, CORES, CAMISA E BANDEIRA: OS SÍMBOLOS DA NAÇÃO RUBRO-NEGRA

Pouco depois da criação da equipe de futebol do Flamengo, o time entrou em campo com a camisa que ficou conhecida como Papagaio de Vintém com grandes quadrados vermelhos e pretos (figura 3), que distinguia os remadores dos jogadores.

Figura 3 – Camisa Papagaio de Vintém



Fonte: GINI, 2009. p. 106.

O uniforme parecia não dar sorte, explicam Mansur e Ribeiro (2009) e o time de futebol o troca, passando a utilizar as cores parecidas com a da equipe do remo: listras pretas e vermelhas. No entanto, os remadores não aceitaram que a seção terrestre utilizasse o mesmo uniforme que a marítima. A solução foi colocar listras brancas entre as listras pretas e vermelhas (Figura 4). Assim, dizem Mansur e Ribeiro (2009, p. 32) “[...] nascia o uniforme batizado de ‘Cobra Coral’”. Em 1916, remo e futebol passam a utilizar o mesmo uniforme.

Figura 4 – Camisa Cobra-coral



Fonte: GINI, 2009. p. 106.

Todas as superstições e mudanças nas cores e uniformes apresentadas ao longo da história rubro-negra são lembradas no samba enredo da Estácio de Sá, apresentado no anexo J no trecho em que se canta “Cobra coral / Papagaio vintém (sic) / Vesti rubro-negro / Não tem pra ninguém”. O “não tem pra ninguém” aqui remete a outros textos que tratam da importância da camisa. O samba enredo deixa implícito o discurso de que não importa a camisa, e a superstição que a envolva, ser rubro-negro é o que importa. É um enunciado diferente dos outros que tratam da camisa e da garra do time rubro-negro, mas não é incompatível com estes, o que permite que eles dialoguem, conforme propõe Bakhtin.

Em um deles, de 1955, conforme mencionado anteriormente, Nelson Rodrigues (torcedor do tricolor carioca) ressalta, ainda, outra questão relacionada ao time rubro-negro “Também é de 911, da mentalidade anterior à Primeira Grande Guerra, o amor às cores do clube. Para qualquer um, a camisa vale tanto quanto uma gravata. Não para o Flamengo. Para o Flamengo, a camisa é tudo” (RODRIGUES, 1993, p. 13).

Ziraldo (Figura 5) parece dialogar/concordar com a afirmação de Rodrigues. Se a camisa é tudo, não poderá, ou não deverá, ser alterada. Os signos apresentados pelas cores e sua disposição e pelo brasão carregam narrativas simbólicas que permitem ao torcedor o reconhecimento discursivo a que sente pertencer de modo a compor o cabedal de vínculos materiais do qual Bakhtin trata. Assim, as conquistas mais difíceis se apresentam não verbalmente na camisa. Ao mesmo tempo em que os discursos vindos do passado estão representados na camisa, verifica-se também a possibilidade de uma projeção futura: até onde é possível chegar vestindo-a. Estabelece-se, dessa forma, em tempos e espaços distintos o dialogismo que traz à luz Bakhtin a partir de linguagens diversas que interagem comunicando ao interlocutor discursos semelhantes.

Figura 5 – Camisa não pode ser alterada



Fonte: ZIRALDO. **O mais querido do Brasil em Quadrinhos**. São Paulo: Globo, 2009, p. 12.

A figura 5 também faz referência às conquistas. Quando dois países estão em guerra, fincar a bandeira em território inimigo significa a conquista de tal território. Ziraldo aponta para tais vitórias do time do Flamengo. Na figura, não há referência a nenhuma vitória específica e a todas elas ao mesmo tempo. A camisa tem o mesmo peso de uma bandeira nacional.

Essa semelhança nos remete às reflexões de Bakhtin (2004), na medida em que, conforme o autor, um enunciado não se desenvolve no vazio, pois há uma referência anterior, uma intertextualidade. Pode-se afirmar, portanto, que a camisa é a bandeira da nação rubro-negra. A imagem em muito se assemelha à Figura 6 que, por sua vez, é reconhecida em âmbito mundial e que apresenta a liderança de uma determinada nação, no caso os Estados Unidos da América. Da mesma forma a imagem criada por Ziraldo apresenta esta relação com a liderança de determinado grupo/nação (o Flamengo) sobre outros. Os enunciados aqui se assemelham e apresentam a afirmação bakhtiniana de que cada enunciado é único, mas não é construído com base em nada, ao mesmo tempo que são diferentes o que permite

que os diferentes enunciados dialoguem. O dialogismo bakhtiniano em muito se relaciona com a forma como Hall apresenta as identidades nacionais. Para o autor (2006, p. 48) estas identidades “[...] não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação”. Nesse sentido a nação não se forma apenas a partir de uma identidade política. A identidade nacional deve produzir sentidos a partir de um sistema de representação cultural. A produção de sentidos do qual fala Hall se faz presente nos mais diversos enunciados que formam uma nação mas ganha força nos símbolos por ela adotadas para representá-la. Da mesma maneira, como um Estado-nação, os símbolos que representam o Flamengo (como a bandeira e o hino) abarcam os discursos que passam a fazer sentido para os participantes desta comunidade.

Observa-se, que ainda essa semelhança não é apenas imagética talvez revele-se até mais pela questão suprainagem nos discursos que o leitor de tais figuras pode encontrar. Assim como em uma guerra em campo, os jogadores devem demonstrar que são mais capazes e até mesmo mais merecedores daquela vitória. Caso o inimigo ou o oponente demonstre, no caso do futebol, tanta habilidade quanto a sua, mais a batalha se torna dura e mais emblemática torna-se, portanto, o hasteamento da bandeira no campo inimigo. Com isso, ambas as imagens revelam um outro ponto a ser destacado: o domínio. Quando uma flâmula tremula em terreno inimigo, significa que aquele grupo foi dominado.

As figuras 5 e 6 parecem remeter também ao poema “O Monstrengo”, de Fernando Pessoa (1998, p. 57) em que o autor, em referência ao povo português, escreve: “Aqui ao leme sou mais do que eu:/ Sou um povo que quer o mar que é teu [...]”. Quando um soldado, ou um jogador, para o caso desta tese, impunha uma bandeira, ou uma camisa, ele não é um indivíduo, ele eleva, naquele momento, o discurso de uma comunidade imaginada.

Figura 6 – Batalha de Iwo Jima, 1945



Fonte: URPIA, 2013.

Anunciou-se nos textos apresentados por Nelson Rodrigues e Ziraldo, a ideia do ‘manto sagrado’, repetido, posteriormente, em textos como os apresentados no Urublog. Muhlenberg sempre que se refere à camisa trata-a por Manto Sagrado como em 27 de setembro de 2009 ao fazer um texto referente ao empate no jogo contra o Internacional de Porto Alegre “Mas dessa vez o Mengão não tem culpa, pois o time foi valente e honrou aquele pano histórico que chamamos de Manto” (MUHLENBERG, 2009-a, p. 66).

Já no texto que antecedeu o jogo contra o Fluminense, em junho de 2009, Arthur Muhlenberg fala o seguinte “Em mais de um século de história o Mengão já provou e comprovou quão limitados são os poderes humanos quando confrontados com forças místicas da magnitude de um Manto Sagrado” (MUHLENBERG, 2009-a, p. 28). Ao mesmo tempo, Muhlenberg lembra aos jogadores que “[...] quem joga no Flamengo tem a obrigação de saber que sem raça, sem suor e sem comprometimento, até o Manto Sagrado – indubitavelmente o uniforme mais

poderoso do futebol mundial – não passa de uma camisa vermelha e preta” (MUHLENBERG, 2009-a, p. 36).

Ao cotejar material que se apresenta desde antes de se falar em “Manto Sagrado”, volta-se a possibilidade anunciada por Bakhtin (2011, p. 313) de se haver “[...] uma identidade absoluta entre duas e mais orações (sobrepostas uma à outra, como duas figuras geométricas, elas irão coincidir)”. Além disso, no percurso para se chegar ao que se chamou de “Manto Sagrado”, há a repetição de enunciados que dialogam internamente com o enunciado criado. A fala pode ser diferente, mas o enunciado é o mesmo.

Perrone (2013-b) também trata a camisa como algo especial “A ‘roupa de missa’ muda todo ano. E eles compram, mesmo que esteja mais cara do que o possível. Pra eles, donos da maior fé do mundo, nada é impossível.” Popularmente é comum ouvir o termo ‘roupa da missa’ como uma referência à melhor peça do vestuário deixada exatamente para ir ao culto. Assim, a roupa da missa é a mais importante. Cabe fazer aqui uma relação com a figura 5. Nessa, as imagens dos trajes que formam a montanha em que será hasteada a bandeira têm as mesmas cores, sem destaque para nenhuma delas. Esse caminho permite que se observe que a camisa do Flamengo possui força maior que a dos outros times, sendo ela a mais importante, tanto em relação às outras equipes, quanto em seu próprio guarda-roupa pagando-se por ela qualquer preço.

Ao trazer textos de dois cronistas não torcedores do Flamengo, Nelson Rodrigues e Rica Perrone, intenta-se perceber que não apenas em momentos de grandes vitórias rubro-negras, como na época de Rodrigues, um torcedor de outro time faz alusão à atmosfera que se forma na torcida flamenguista. Mais do que isso: discursam de modo a forjar narrativas em torno do mito fundacional rubro-negro. Prova, de acordo com Maffesoli (1995), que a identidade rubro-negra é formada, nesse contexto, a partir do olhar do outro, ou seja, do olhar “estrangeiro” ora representado pela crônica de Rodrigues e Perrone. Também se percebe, com isso que os enunciados formadores dos discursos que tratam do Flamengo estão ligados a outros enunciados, os quais, por sua vez, como afirma Bakhtin (2011), emanam de diferentes grupos sociais, sinalizando, pontos de contatos importantes para os diálogos entre diferentes enunciados, elementos estes que vão para além do texto

ou da frase, sendo perpetrado, conforme explica Sobral (2009, p. 92) na “[...] ação concreta do autor de conceber (intencionalidade) e executar (enunciação) um dado projeto enunciativo numa dada situação de enunciação, algo que não anula as formas da língua, mas vai necessariamente além delas”. Depara-se com o enunciado nas fronteiras onde se cruzam as diversas vozes sociais de maneira contínua e multiforme.

Aqui se encontram as relações apontadas por Silva (2006) para a construção do imaginário individual. Até mesmo na palavra de Nelson Rodrigues e Rica Perrone percebe-se, sobretudo, a apropriação em que há o desejo de se ter um pouco da atmosfera que cerca a torcida rubro-negra em seus próprios times. Nesse sentido verifica-se a presença de discurso de outro nos enunciados de não flamenguistas. Quando estes torcedores falam sobre o Flamengo não estão repetindo discursos com autores identificados estão se colocando nesse discurso apontando para aqueles que formam os clubes para os quais torcem e, em dado momento são eles também alvo de tais apontamentos. Ao tratar da torcida do Flamengo com os termos “Pra eles” Perrone não apenas fala da força da camisa rubro-negra ele trata do que falta nas outras torcidas, uma das quais ele próprio está inserido. Com isso, verifica-se a marca dialógica dos enunciados, como aponta Bakhtin, mas também vê-se que esses diálogos discursivos correspondem ao imaginário de um grupo no qual o sujeito que enuncia se encontra inserido, como afirma Maffesoli (2001), nesse caso o futebol brasileiro.

Figura 7 – Quem vai marcar a camisa rubro-negra



Fonte: HENFIL. **Urubu**. Rio de Janeiro: Desiderata, 2007. p. 25.

Se é a bandeira que identifica membros de um Estado-Nação lembrando a força da coletividade, é a camisa que o fará como time, conforme verifica-se na charge apresentada na figura 7. Quando os jogadores parecem não ter mais a garra necessária para vencer o jogo, é a camisa que os lembra disso. Tal aspecto também é recorrente nos torcedores. Esse dado encontra eco no trecho retirado do Urublog e escrito pelo torcedor e leitor do blog analisado, Carter Batista. O texto é intitulado '*In hoc signo vinces*'. Conforme o autor, a frase em latim significa 'sob este símbolo vencerás'. Interessante ressaltar que, em trecho anterior, o autor do texto que será apresentado também citou palavras do tricolor Nelson Rodrigues falando sobre a força da camisa para os rubro-negros. Depois disso, Batista (2011) indaga, ainda no texto apresentado no blog do torcedor do Flamengo:

Mas se a camisa do Flamengo é assim tão poderosa, como explicar os 17 anos sem ganhar o Brasileiro? Sei que não responde a essa pergunta dizer que nesse interregno o Manto Sagrado esteve ocupado nos livrando do opróbrio do rebaixamento e nos ajudando a levantar uma Mercosul, oito Cariocas, uma Copa do Brasil e etc. Claro que não, pois 17 anos é tempo demais sem ganhar o Brasileiro quando se é Flamengo. Convenhamos, sem ganhar nada, 17 anos é uma eternidade para quem enverga o Manto Sagrado.

O que nos faltou, portanto, como jamais poderia faltar, não foi o Manto. Antes faltou-nos acreditar. Faltou fé, meus amigos. Não a esmo se diz que o Manto é sagrado. É preciso fé para despertar seus poderes. E nesse caso o santo de casa é quem faz o milagre: transforma fotos de times ordinários em pôsteres de campeões brasileiros. Em nossas duas últimas conquistas [1992 e 2009] a adesão total da torcida e a fé no título só vieram no decorrer das competições. Esse ano, há quem diga que somos favoritos e, para mim, isso é razão de sobra para acreditarmos desde o início. Por essas razões é

que eu acredito nessa rapaziada, que ponho fé na fé da moçada rubro-negra. Tenha fé, nação rubro-negra, in hoc signo vinces!

A questão da fé, aqui, remete diretamente ao estar-junto ao qual Maffesoli se refere em suas obras já citadas ao longo deste trabalho. Se a torcida representa essa coletividade, esse imaginário em conjunto, a fé é um, senão o principal, cimento social. É ela que reúne a nação rubro-negra em torno do Manto Sagrado e demais símbolos e ritos que caracterizam o Flamengo. O imaginário em torno da nação flamenguista faz com que a camisa, símbolo máximo da devoção do torcedor, ganhe identidade própria como se pode vislumbrar na charge anteriormente apresentada (figura 7).

Inicialmente, o brasão usado pelo clube, tanto nos esportes aquáticos quanto no terrestre, fazia referência apenas aos primeiros (figura 8). O escudo conhecido atualmente foi apresentado em 1912. As quatro estrelas alinhadas que foram adotadas representavam os tricampeonatos cariocas de 1942-1943-1944, 1953-1954-1955, 1978-1979-1979 (especial) e 1999-2000-2001. Junto com elas, o Mundial Interclubes também estava presente (maior). No escudo atual, adotado em 2004, apenas a estrela do Mundial Interclubes se faz presente. Esse signo tem uma marca simbólica (Figura 9).

No entanto, o escudo completo é apresentado apenas no uniforme reserva. No primeiro, as listras vermelhas e pretas formam o escudo que é completado pelas letras C.R.F entrelaçadas. Escudo e camisa apontam o diálogo entre si e também com outros discursos referentes à importância dada aos jogadores e aos próprios torcedores. A ideia sugere com isso é a de que, muito mais que um uniforme, a camisa vestida por jogadores e torcedores lembre a bandeira que deve ser desfraldada em momentos importantes da nação. Assim, pode-se dizer que não apenas uma vitória ou um título é importante para o Flamengo, mas todo dia é dia de mostrar o quão importante é o Flamengo para quem veste a camisa. Esse pensamento corrobora com o que já foi exposto anteriormente de que esses elementos simbólicos ativam, no membro de tal comunidade, elementos discursivos de memória. Além disso, remete ao discurso nacional como uma tradução descontínua e que apresenta rupturas, como indica Antelo (1998) daí o olhar para o referido escudo que marca a camisa rubro-negra remeter a esses discursos

descontínuos que formam a narrativa flamenguista. O que permite perceber os ecos e ressonâncias de outros enunciados que os enunciados carregam consigo e que conforme o autor “[...] com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011, p. 297).

Ao se pensar nesse diálogo entre a camisa, os torcedores e os jogadores, faz-se relevante também nos reportarmos a enunciados aqui já elencados, vindos das mais diversas mídias e que tratam da força da camisa. Nesse sentido, o uniforme do time (um novo enunciado) carrega consigo enunciados já postos, oriundos de diversas vozes sociais com as quais foram postas em contato. O escudo e a bandeira representado na camisa ecoam enunciados apresentados em tempos distintos e reforçados (ou postos em contato) com outros que se apresentaram de maneiras diferentes (charges, músicas etc.) em tempos diferentes, mas que ao se olhar para a camisa se apresenta como eco. Vê-se, dessa maneira, na estrela que representa o campeonato mundial a ‘conquista do mundo’ e esta abrangendo todos os outros campeonatos nacionais e estaduais vencidos pelo time da Gávea. Há um ‘eu’ que se enuncia, mas o outro discurso também se faz presente.

Ao registrar apenas o Mundial Interclubes, tais fronteiras parecem ganhar dimensões mais flexíveis. Isso porque, como disse Hall (2011), há a recusa cultural de se manter dentro de limites previamente estabelecidos. Se o Estado-Nação faz a imposição rígida das fronteiras políticas em que tais culturas floresceram, a nação, por sua vez, não circunscreve seus limites, estabelecendo entre os indivíduos uma relação tácita de compartilhamento de imaginários. Recobro então ao pensamento de Maffesoli (2001) que apresenta o imaginário como aquilo que liga, une em uma mesma atmosfera um determinado grupo de pessoas sendo compreendido como um estado de espírito do referido grupo. Para que se estabeleça os vínculos materiais capazes de formar tal imaginário é necessário que os enunciados dialoguem, interajam entre si.

O caráter dialógico de Bakhtin aparece refletido na presença de uma estrela. Cria-se um novo enunciado (que dá a proporção de grandeza): torna-se possível apreender que o Flamengo estaria no mundo todo, sendo assim, ocorre um diálogo com os campeonatos estaduais e nacionais que foram absorvidos por ele. Percebe-se, desse modo, a interação entre diferentes enunciações, que Bakhtin

(2004) apresenta, que permitem que a linguagem, enquanto produto vivo, comunique a recuperação de algo que já existiu.

Figura 8 – Escudo do Flamengo



Fonte: ZIRALDO, 2009, p. 64.

Figura 9 – Camisa adotada desde 2004 pelo Flamengo



Fonte: GINI, 2009. p. 120.

Os versos dos hinos do time também o tornaram célebre e constroem, no imaginário popular, a áurea do embate, a presença da guerra como sacrifício por uma nação na conquista de um território. O oficial, composto por Paulo Magalhães em 1920, exalta, em seu refrão, as duas vocações do time – terra e mar – (“Flamengo, Flamengo tua glória é lutar, Flamengo campeão de terra e mar”). Em outro trecho (“Lutemos sempre com valor infindo”) o verbo na primeira pessoa do plural remete a ideia de grupo. Muito mais que a equipe, inclui-se aí a torcida. Essa percepção parece estar refletida em várias outras músicas que fazem alguma referência ao clube e apresentam a necessidade da luta para transpor um momento de dor (Djavan), por exemplo. A presença do verbo lutar no hino nos remete aos sacrifícios exigidos pela nação dos quais nos fala Anderson (2008) no referencial teórico.

O hino mais popular, no entanto, é o composto por Lamartine Babo e gravado em 1945. O estatuto do clube o define como “Marcha do Flamengo”. De alguma forma, é apresentada, nessa definição oficial, uma relação com o mundo militar e bélico semelhante às relações apresentadas em diversos outros momentos do futebol. Os versos “uma vez Flamengo, Flamengo até morrer” podem ser escutados, inclusive, em bailes de carnaval. Diferente do que se pode ouvir falar, o termo morrer não aponta para uma exaltação à violência, seja de que tipo for. Como já foi dito por Murad (2007), o esporte é um terreno em que, como várias outras manifestações culturais, muitas vezes, travam-se lutas e embates. Assim, a morte aqui se coloca como uma espécie de ode a uma paixão que durará até o derradeiro

suspiro de quem torce. Para o autor, a linguagem colocada aqui, em muitas ocasiões, pode ser lida como metáfora do desejo humano de ‘alcançar a eternidade’. Esse tipo de manifestação discursiva vai propagar aquilo que, para Anderson (2008), ao serem entoados em uníssono esses cantos resgatam no indivíduo o sentimento de pertença. Tudo sem, necessariamente, haver o contato físico, apenas através do “som imaginado”.

No carnaval de 2012, o programa Globo Esporte, da Rede Globo, transmitiu uma série de reportagens sobre os hinos dos times cariocas compostos por Lamartine Babo. Uma das matérias começa com dois cantores flamenguistas cantando o hino popular do time rubro-negro. Na mesma reportagem, o crítico musical Nelson Mota, torcedor do Fluminense, manifesta: “eles [os hinos] são uma mistura de cantos guerreiros com música de carnaval. É uma das mais profundas expressões do Brasil: o carnaval e o futebol juntos nos hinos do Lamartine Babo”. Nelson Mota afirma ainda que o hino mais empolgante é o do Flamengo. “Acho, mesmo sendo Fluminense”. Nesse ponto, faz-se necessário trazer a estrutura referente ao imaginário social já tratada anteriormente por Silva (2006). Percebe-se, na fala de Nelson Mota, o contágio (em que o modelo do outro é aceito) indicada por Silva. O mesmo contágio que é perceptível no que tange o território e as características da torcida. Categoria abordada a seguir.

6.3 TORCIDA E TERRITÓRIO

Além das vitórias, iniciadas com o campeonato carioca de 1914, começavam a aparecer os grandes nomes do clube. Jogadores como Domingos da Guia, Leônidas da Silva, Zagallo, Bebeto, Júnior, Andrade, Petkovic e Zico são apenas alguns dos grandes ídolos do clube que é “[...] o time carioca que mais venceu Brasileiros, o time de maior torcida no Rio e no Brasil, o único carioca campeão do mundo, o único jamais rebaixado” (MANSUR; RIBEIRO, 2009, p 22). Tantas conquistas fizeram com que o rubro-negro chegasse a 2008 com 17% ³⁵ da preferência nacional em pesquisa realizada pelo Datafolha em 390 municípios de 25

³⁵ Segundo Mansur e Ribeiro (2009a) Os times que seguem o rubro-negro são: Corinthians (12%), São Paulo (8%), Palmeiras (6%), Vasco (6%), Grêmio(4%), Cruzeiro(3%), Internacional (3%), Atlético Mineiro (2%) e Botafogo (2%).

estados. São aproximadamente 30 milhões de torcedores. Nas palavras de Pereira (2010, p. 157), “[...] há mais torcedores do Flamengo do que cidadãos venezuelanos, peruanos, romenos, moçambicanos, australianos, nigerianos, angolanos, (...) uruguaios ou neozelandeses”.

O Flamengo tem, em números absolutos, mais torcedores fora do que dentro do estado do Rio de Janeiro³⁶. O Flamengo é, nas palavras de Perrone (2013-a), “[...] o time mais inexplicável do planeta terra, sem dúvida. Não ganhava o principal título nacional desde 1992. Lá se foram mais de 17 anos e a torcida diminuiu? Não, aumentou. Segundo pesquisa, a maior entre as crianças do país”.

Moraes Moreira faz referência a esse grupo de torcedores mirins ao trazer na música ‘Saudades do Galinho’ versos (“Como é que ficam os meninos, essa nova geração?/ Arquibaldo, geraldinos,/como é que fica o povão?”) que utilizam três expressões que dialogam com a quantidade de torcedores: 1) Arquibaldos, 2) Geraldinos e 3) povão. Nos estádio, divididos em arquibancada e geral, esta torcida ocupa todos os espaços. Arquibaldos e Geraldinos fazem referência as esses dois espaços dos estádios (arquibancada e geral), em especial ao estádio do Maracanã anterior a 1995. Tais expressões eram utilizadas em uma coluna do Jornal dos Sports, assinada pelo jornalista Washinton Rodrigues, também conhecido como Apolinho e que na década de 1980 foi técnico do Flamengo. Os geraldinos são os frequentadores da geral, conhecidos pela irreverência, arquibaldos são os frequentadores das arquibancadas que se distinguem dos frequentadores da geral por serem mais comportados. As expressões trazem consigo uma referência a grupos que se opunham durante a Revolução Francesa: os Girondinos e os Jacobinos. Na música, no entanto elas não apresentadas como oponentes mas como complementares já que a saída de um jogador (Zico) deixou a torcida que frequentava os dois ambientes entristecidas. Essas duas expressões conversam, na referida música, como ‘povão’ a medida em que o superlativo de povo refere-se a massa populacional, muitas vezes com poder aquisitivo mais baixo, que pode estar representado na geral, pelos geraldinos portanto, mas não se fazem fisicamente presentes no estádio, estão em outros lugares geograficamente distintos. Esses três

³⁶ Mas não quer dizer que dentro do estado de origem o time também não tenha predomínio. Segundo pesquisa do Ibope realizada em 2008 na região metropolitana do Rio de Janeiro o número de torcedores chegou a 58%.

termos apontam para a união da torcida rubro-negra, especialmente a que se reúne no Maracanã. Nesse sentido, independente da posição no estádio que o torcedor ocupe ele compartilha de um mesmo sentimento: a falta, este torcedor sente-se órfão da presença de Zico.

As fronteiras dialógicas percebidas nesses enunciados permite identificar, dessa maneira, ecos e ressonância oriundos de outros enunciados “[...] com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011, p. 297). Esses ecos contribuem para a formação da comunidade imaginada apresentada por Anderson (2008, p. 204) a medida em que “Se sabemos que, além de nós, há outras pessoas cantando essas canções exatamente no mesmo momento e da mesma maneira, não temos idéia (sic.) de quem podem ser, ou até onde estão cantando, se fora ou não do alcance do ouvido” (ANDERSON, 2008, p. 204). Para a canção apresentada não é apenas a música que é cantada que une as pessoas, presentes ou não no estádio, é também o sentimento de tristeza que se refere a saída de um dos jogadores como será apresentada na seção Zico: o nome de uma Era.

Para se chegar a esses números é interessante apontar a relevância dos veículos de comunicação. A população que estava fora dos limites da cidade e do estado do Rio de Janeiro tinha acesso aos jogos de futebol por meio do rádio. Por sua vez, as emissoras que chegavam mais longe no território brasileiro eram as cariocas. Ziraldo aponta, na figura 10, a importância desse veículo para sua escolha enquanto torcedor.

Figura 10 – Descoberta do Flamengo por Ziraldo



Fonte: ZIRALDO. **O mais querido do Brasil em Quadrinhos**. São Paulo: Globo, 2009, p. 08.

Contemporaneamente entende-se a importância dos veículos de comunicação para causarem uma re-organização dos processos de aprendizagem, de conversação cívica e de mobilização social. A grande quantidade de imagens e informações sobre conflitos, culturas e modos de vida passou a ser acessada cada vez com mais frequência e intensidade com o advento da tecnologia de satélite. Nesse sentido, afirma Maia (2006, p. 15) a “[...] conversação cívica extrai insumos tanto de noticiários e programas de natureza informativa quanto daqueles de entretenimento e ficção que colocam em cena experiências, conflitos e lutas concretas de indivíduos e grupos na sociedade”.

Para a autora (2006, p. 15), “[...] a mídia configurou a sociedade contemporânea, de modo profundo, durável, e irreversível”. Nesse sentido, Maffesoli (2004) também coloca que é pela comunicação que os signos e referências da contemporaneidade são ‘colados’, permitindo que os indivíduos estejam unidos. De certa forma, é isso que o rádio, como aponta Ziraldo no quadrinho. Ou seja, faz com que as referências cariocas se destaquem em todo o território brasileiro. Entre tais referências, apresenta-se o Flamengo. Dessa maneira, o que era apenas um elemento da vida carioca passa a fazer parte de um território maior. Hobsbawm (2008) apresenta esta como sendo uma das habilidades da comunicação de massa. Habilidade essa fundamental para a expansão das fronteiras. Afirma o autor (2008, p. 170) que mais importante do que a propaganda deliberada é a capacidade de “[...] transformar o que, de fato, eram símbolos nacionais em parte da vida de qualquer

indivíduo e, a partir daí, romper as divisões entre as esferas privada e local, nas quais a maioria dos cidadãos normalmente vivia, para as esferas públicas e nacional”.

O que se identifica aqui se assemelha ao que Anderson (2008) se referiu sobre a burguesia quanto à capacidade de perceber a presença de outros semelhantes. Construiu-se, da mesma maneira que a burguesia o fez, uma solidariedade com fundações essencialmente imaginadas. Essas questões também podem ser vislumbradas em *País Tropical*, música de Jorge Ben, divulgada massivamente nas ondas do rádio. O eu-lírico da canção de Jorge Ben Jor está em primeira pessoa, assim, todos que cantam parecem fazer parte da comunidade ali descrita: “[...] moro num país tropical/ abençoado por Deus e bonito por natureza/ [...] eu tenho um fusca e um violão/ sou Flamengo e tenho uma ‘nega’ chamada Tereza”. Ao trazer à tona essas questões, o compositor expõe também o ritual socializante de que falou Murad (2007) anteriormente. Tais questões transcendem as fronteiras da cidade e estado a que pertence o Flamengo formando aqui uma identidade que Murad (2007, p. 12) apresentou como “ritualisticamente socializada, na liturgia antropológica do futebol”.

Em 2011, quando da morte do ex-Vice Presidente da República, José Alencar que, assim como Ziraldo, era flamenguista, Muhlenberg (2011) dedicou um de seus posts ao “grande rubro-negro José Alencar” que

Ainda menino, ouviu Ary Barroso contar que Valido subiu mais alto do que Argemiro e marcou o gol do primeiro tricampeonato. Corria o ano de 1944 e José Alencar já era irreversivelmente Flamengo, lá nas Minas Gerais, onde o vermelho e preto eram imaginados através das ondas de rádio.

Como toda uma geração de brasileiros distantes da capital do país, José Alencar era um rubro-negro de ouvido. Encantou-se pelas histórias que Domingos da Guia, Biguá, Modesto Bria, Zizinho, Silvio Pirilo e Vevé escreveram com os pés.

[...] José Alencar testemunhou os atos de paixão e bravura de Índio, Henrique, Evaristo, Almir, Doval, Reyes, Rondinelli, todos os mundialistas e ainda Ronaldo Angelim.

José Alencar é um rubro-negro que ouviu o gol de Valido e viu o gol de Angelim.

Nessa perspectiva, observamos que Hall (2006) destaca ao colocar que não importa, “[...] quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca identificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional” (HALL, 2006, p. 59). Aqui também se mostra a solidariedade imaginada apresentada por Anderson e sua relação com a imprensa. Ao tratar de José de Alencar, percebe-se como a palavra pode definir o emissor “[...] em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade” (BAKHTIN, 2004, p. 113). O emissor, aqui Muhlenberg, se define e também define a coletividade ao tratar de José de Alencar, não por apresentar características próprias deste, mas por serem essas características também da coletividade à qual José de Alencar, assim como Muhlenberg, pertencem.

A palavra, ainda conforme Bakhtin, funciona como um elo entre o falante e o ouvinte. Esse elo do qual Bakhtin trata, liga-se à fala de Hall (2006) no que se refere a pouca importância do quão distintas sejam as origens dos membros de uma nação. A cultura que os forma procurará identificá-los dentro de uma mesma identidade cultural. Assim, por meio da homenagem feita a José de Alencar, Muhlenberg estabelece o elo com os diferentes membros da torcida à qual o próprio Alencar pertencia.

Mas, se em seu início, o rádio era o grande veículo propagador das vitórias rubro-negras, atualmente, são os diversos meios de comunicação responsáveis por transmitir tal discurso. Rica Perrone (2013-a) ao falar em seu blog do dia do flamenguista (28 de outubro) – figura 11 – trata do jornal e indica que

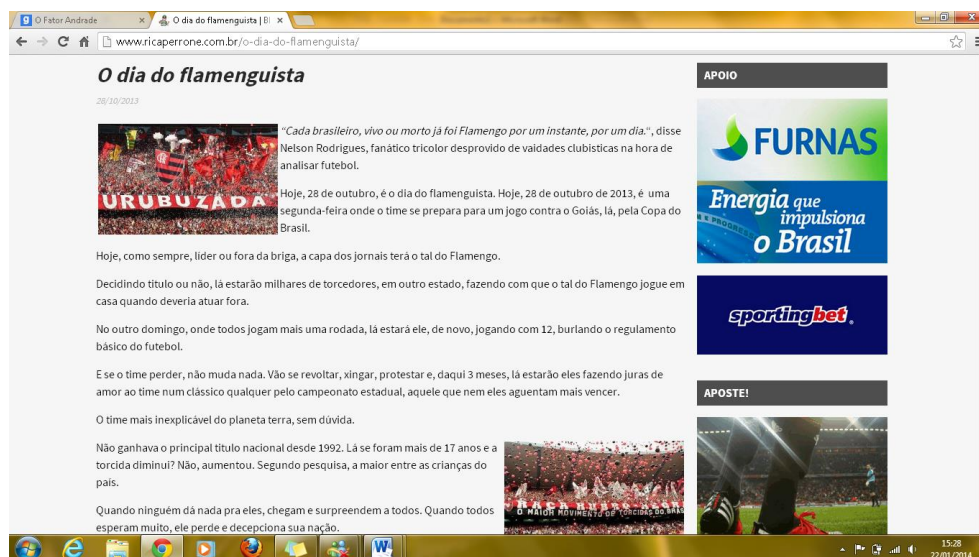
Hoje, como sempre, líder ou fora da briga, a capa dos jornais terá o tal do Flamengo. [...] Qualquer um fica irritado em ganhar títulos (sic) e mais títulos (sic) e ver que a capa do jornal não muda de foto. É sempre a do Flamengo.

Qualquer um se incomoda em saber que títulos e dividas (sic) menores não conseguem sobrepor a importância (sic) de um clube que tem sua grandeza baseada em nada atual e concreto.

A palavra, a partir da relação estabelecida entre falante e ouvinte, faz a ponte entre este e aquele. Assim, “[...] da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade” (BAKHTIN, 2004, p. 113). No

texto de Rica Perrone há a sua definição do que é ser Flamengo, mesmo não o sendo.

Figura 11 – O dia do flamenguista



Fonte: Rica Perrone (2013).

Nesse sentido, as diferentes formas de comunicação podem ser analisadas a partir das concepções de Hall (2006) quando afirma que a maioria das nações são formadas por culturas distintas que “[...] foram unificadas por um longo processo de conquista violenta – isto é, pela supressão forçada da diferença cultural” (HALL, 2006, p. 59). Aqui a violência pode ser indicada no fato de o Flamengo ser notícia em detrimento de outro clube, independente de sua posição e o fato desse discurso se impor sobre outros discursos referentes a clubes locais.

Com torcedores espalhados em vários lugares, em agosto de 2008, a diretoria do rubro-negro carioca oficializou as chamadas Embaixadas da Nação. A iniciativa, afirma Pereira (2010, p. 49), procura aproximar o clube dos milhões de torcedores que vivem fora do Rio de Janeiro e “[...] cujo contacto (sic) físico com a instituição é quase nulo”. O autor explica que “são cerca de 120 movimentos de torcedores, espalhados um pouco por todo o Brasil, que de forma espontânea se juntam para assistirem a jogos do Flamengo ou para participarem de alguma forma na vida do clube”.

Assim, o que se percebe é que da mesma maneira que as embaixadas dos países permitem aos seus cidadãos se sentirem jurídicos e territorialmente mais próximos de sua terra natal as embaixadas flamenguistas espalhadas pelo território brasileiro dão também a ideia de extensão territorial do clube que tem sede na Gávea. Conforme Ziraldo aponta, na Figura 12, que se, pelos elementos simbólicos já é possível que a torcida se considere uma nação, o que lhes falta é ter um lugar nas Nações Unidas.

Tanto no caso do termo embaixada, quanto no apresentado na Figura 12 percebe-se a questão do Estado e, dessa forma, como comenta Sá, pressupõe-se um território. No entanto, não está se falando aqui de uma questão estatal e sim no âmbito nacional. Nesse sentido, volta-se a tratar do que Antelo (1998) apresentou em páginas anteriores ao comparar a questão nacional com a literatura. O autor aponta que ambos desconhecem fronteiras definidas com precisão, como se pode vislumbrar nas torcidas dos times de futebol, em especial a do Flamengo. Mesmo assim, se faz necessário para reforçar a identidade com o clube das embaixadas.

Os enunciados que são apresentados sobre a torcida (em seu tamanho mas também quanto ao sentimento de pertencimento dos indivíduos para com a torcida) evidenciam o que Hobsbawm (2008, p. 18) apresenta como parte do conceito de nação ao indicar que esta é constituída de “[...] qualquer corpo de pessoas suficientemente grande cujos membros consideram-se como membros de uma nação”. Para que isso aconteça, tanto Hobsbawm (2008), quanto Anderson (2008) concordam que essa nação seja imaginada. Hino e bandeira são parte constitutiva desta comunidade imaginada da qual trata Anderson (2008) mas, como será visto em tópicos seguintes também formam esta comunidade imaginada outras canções (além do hino) bem como jogadores que marcaram a história do clube.

Figura 12 – Nações Unidas



Fonte: ZIRALDO. **O mais querido do Brasil em Quadrinhos**. São Paulo: Globo, 2009, p. 71.

Essa referência a flamenguistas espalhados em vários lugares é apresentada no Urublog em muitos textos. Para o presente estudo, destaca-se um que Arthur Muhlenberg (2013-b) apresenta: um torcedor que escreverá textos quinzenais para o blog aqui analisado. Trata-se de um flamenguista que reside no Rio Grande do Sul.

Já se antecipando o nível da pauleira que pode rolar na próxima temporada o humilde bloguinho tem o orgulho de anunciar a contratação do seu primeiro correspondente internacional. Toquem as trombetas! A partir de hoje, Walter Monteiro, rubro-negro, manguaceiro, carioca e grande adeogado (sic), estará nos trazendo quinzenalmente as suas Crônicas Manguaças, diretamente da inconquistada capital do Uruguay do Norte.

Mostrando com seu aguçado senso de observação e bom humor como um mulambo exilado vive e se relaciona com a forte cultura local em um dos 3 únicos estados do país onde a Nação não é hegemônica.

O termo correspondente internacional não é apresentado aqui apenas pelo fato de Walter Monteiro morar fora do Rio de Janeiro, mas também pelo fato de ser o Rio Grande do Sul um estado em que as torcidas majoritárias são, sabidamente, gremista e colorada³⁷.

Além da Gávea, sede oficial, o Estádio do Maracanã também pode aparecer como território rubro-negro mesmo não sendo o Flamengo proprietário do

³⁷ Torcedor do Sport Club Internacional.

referido estádio. Pode-se afirmar que o Maracanã, o Flamengo e a torcida parecem uma verdadeira sinonímia em que templo, religião e fiéis instauram uma espécie de santíssima trindade rubro-negra.

Não são poucas as vezes em que o Maracanã, pertencente ao estado do Rio de Janeiro, aparece em músicas e demais formas textuais, como palco desse time e dessa torcida. São exemplos disso Saudades do galinho³⁸ (MOREIRA, 1983), Samba Rubro-Negro³⁹ (NOGUEIRA, 2011).

Tais materialidades remetem às reflexões de Coutinho (2013) sobre o fato de que o futebol não apenas vive dos jogos que as seleções de cada país fazem. O esporte, diz o autor (2013, p. 22-23), “[...] não deixa de ser assistido durante esses longos períodos de ausência da equipe brasileira. Por isso os clubes de futebol acabam sendo mais vivenciados pelos torcedores do que a própria seleção”. O que se apresenta ao longo do cotejamento das materialidades analisadas é que a reunião de torcedores pode se dar para o apoio de clubes que jogam a milhares de quilômetros de onde eles se localizam. Esta distância foi minimizada com 1) os veículos de comunicação, em especial o rádio; e 2) com as embaixadas. Isso permitiu que o clube tivesse uma torcida espalhada em todo o território nacional.

Tal referência também é uma constante no Blog do Torcedor. Na publicação de 27 de setembro de 2009, Muhlenberg (2009-a, p. 66) reclama do estádio do Beira Rio, em Porto Alegre, em que o Flamengo foi jogar contra o Internacional. Para ele, durante o jogo, o time carioca provou ser “o legítimo campeão de terra e mar. À prova d’água e à prova de estádios precários no interior do país, impróprios para sediar um campeonato profissional. Que vergonha, os malucos meridionais encham a boca pra dizer que têm estádio (...) e esse estádio não tem sequer um campo em condições de jogo?”. Para Muhlenberg “[...] só existe um estádio de nível internacional no país – é o Maracanã, casa do Flamengo, o único com torcida capaz de ocupá-lo o ano inteiro”.

³⁸ E agora como é que eu fico/ Nas tardes de domingo/ Sem Zico no Maracanã

³⁹ Flamengo joga amanhã/ Eu vou pra lá/ Vai haver mais um baile no Maracanã

Esse assunto é retomado no texto de 04 de outubro de 2009, quando o torcedor escreve sobre o jogo contra o Fluminense, disputado no Maracanã. Na ocasião, a torcida do Flamengo, a Magnética como é chamada por Muhlenberg (2009, p. 68), “[...] garantiu mais um recorde de público e de renda”. Ao final, o autor também coloca que “não poderia encerrar essa humilde crônica sem louvar o perfeito funcionamento do sistema de drenagem do Mário Filho. Simplesmente o melhor do mundo. Nós merecemos”. A carga de sentidos aqui pode ser percebida facilmente. O “nós merecemos” nos traz um sentimento de posse do referido estádio.

Quando o time completou cem anos, em 1995, um rap foi produzido. Em sua letra novamente o Maracanã aparece como parte do imaginário já constituído por outros discursos “E no Maraca ele é o rei do Fla-Flu”.

Stuart Hall (2011) aponta a recusa dos elementos culturais de se enquadrarem perfeitamente em fronteiras nacionais estabelecidas. Com o futebol, assim como qualquer outro elemento cultural, isso também acontece. Dessa forma, há a transgressão dos limites impostos politicamente de maneira rígida. No trecho que cita Hall no referencial teórico deste trabalho, fala-se de fronteiras impostas pelos Estados-nação. Em uma primeira leitura do Flamengo, é possível imaginar que isso também aconteceria de forma que ele devesse se manter ligado, exclusivamente ao Rio de Janeiro.

No entanto, o futebol como parte do escopo cultural não se mantém estanque nessa fronteira imposta, ela se ‘espalha’ especialmente por meio de discursos que são propagados. Ao mesmo tempo que se pode perceber essa propagação territorial, há também a relação com o território. O sentimento de pertença a tal território também se dá pelas diversas relações discursivas analisadas neste trabalho.

Nesse sentido, identifica-se no Estádio do Maracanã esta relação Flamengo – território. A música “Saudades do Galinho”, citada anteriormente, apresenta também a questão territorial. Apesar de transcender às fronteiras da cidade, do estado e do país de origem, é possível identificar um pertencimento territorial do clube, ou pelo menos, é nesse território que seus torcedores parecem mais se sentirem em casa: o Maracanã. Sobre esse estádio, é comum ouvir na mídia

a expressão ‘templo do futebol’. A mística assim completa, na música em questão, ao citar Zico e o Maracanã. O estádio é representado em diversas músicas que tratam do time rubro-negro (como nos versos já mencionados de João Nogueira “Flamengo joga amanhã, eu vou pra lá./ Vai haver mais um baile no Maracanã.(...)”). Além das músicas, esse território se apresenta em outros discursos, como na matéria apresentada pela Rede Globo sobre Fio Maravilha, em que o ex- jogador rubro-negro coloca que ao lembrar do Brasil logo lhe vem a imagem do Maracanã lotado e da torcida do Flamengo. Além disso, marca um encontro com o compositor da música “no Flamengo ou no Maracanã”.

Pouco antes de serem oficializadas as embaixadas, em 10 de outubro de 2007, a camisa 12 do Flamengo foi ‘aposentada’. O pedido veio, segundo Pereira (2010), de um torcedor (Reginaldo Beltrano Carreira Chaves), que escreveu uma carta ao então presidente do clube, Márcio Braga, em que apontava doze razões que indicavam a merecida homenagem ao torcedor. Conforme conta Pereira (2010, p. 133), “Márcio Braga acedeu a imortalizar a camisa 12 e a torná-la exclusiva da nação rubro-negra”. E é a camisa 12 que parece vestir a torcida em imagens como a apresentada pelo ilustrador Mário Alberto, no livro *Meu pequeno Rubro-Negro* (2008) – figura 13. Nesse sentido se identifica a camisa 12 como um enunciado que transcende o texto ou frase, como afirma Bakhtin. Isso porque o enunciado se faz, conforme apresenta Sobral (2009, p. 92), na intencionalidade, ou seja, na ação concreta do autor de idealizar e de executar certo projeto enunciativo em determinada situação de enunciação, “[...] algo que não anula as formas da língua, mas vai necessariamente além delas”. O encontro entre os diversos discursos que se formam em torno da torcida flamenguista e o ato de ‘vestir’ a torcida com a camisa 12 formam novas fronteiras em que novas vozes sociais se encontram. Nesse contexto se encontra o que Perrone (2013-a) também apresenta sobre a torcida rubro-negra:

Entrar num Maracanã lotado e olhar pra aquela torcida é algo que apenas eles sabem o que é, o que significa e o quanto importa.

“Torcida não ganha jogo”, dizem.

“Só se for a sua”, eles dirão.

O “Só se for a sua” parece justificar, assim, a camisa 12 dedicada à torcida. É estabelecido, dessa maneira, um diálogo entre o fato da torcida ter uma camisa própria, que por sua vez estabelece uma relação com o número de jogadores que entram em campo (11), e desta fazer parte, nas quatro linhas, do jogo. Para reafirmar o mencionado por meio da linguagem verbal, o blogueiro inclui em seu texto quatro imagens da torcida rubro-negra, duas delas apresentadas anteriormente na Figura 10, além de um vídeo com a torcida cantando em um Maracanã lotado. Esses elementos não verbais reiteram o que os enunciados citados apontam.

Nos jogos finais da Copa do Brasil de 2013, Muhlenberg (2013-c) parece justificar a necessidade de a torcida se fazer tão presente nos jogos, quase como um jogador.

Evidente que classificar nosso adversário de hoje à noite como time pequeno é uma insensatez. Da mesma forma que chamá-lo de time grande é uma fanfarronada.

Mas é inegável que a pequena proeminência do Atlético no cenário nacional resulta em um considerável aumento de peso sobre as costas do Flamengo, a eterna viga mestra do futebol brasileiro. A vergonhosa pressão exercida pelo adversário sobre a arbitragem através da imprensa das províncias é outra prova incontestada da pequenez acima mencionada. É justo que nos preocupemos, porque todo mundo já sabe como se comporta o piedoso Flamengo diante dos pequenos ou quase pequenos.

Rica Perrone (2013-a) corrobora a proposição de Muhlenberg ao afirmar que “Quando ninguém dá nada pra eles, chegam e surpreendem a todos. Quando todos esperam muito, ele perde e decepçiona sua nação”.

Os torcedores, por todas essas razões, passaram a fazer parte oficialmente do time. De certa forma, foi como se a diretoria do clube tornasse esse torcedor, que já se considerava parte de uma nação, cidadão oficial. Assim, é possível ver na prática a afirmação que Campos apresenta no documentário *Bahêa minha vida* (2011) de que torcedor participa do espetáculo e não apenas aplaude. Esta reunião de pessoas apresentada nas Figuras 12 e 13 indica o que Maffesoli (1998) propõe, conforme apresentado no referencial teórico deste trabalho, como sendo uma estética, um código que determina a forma como se está com o outro.

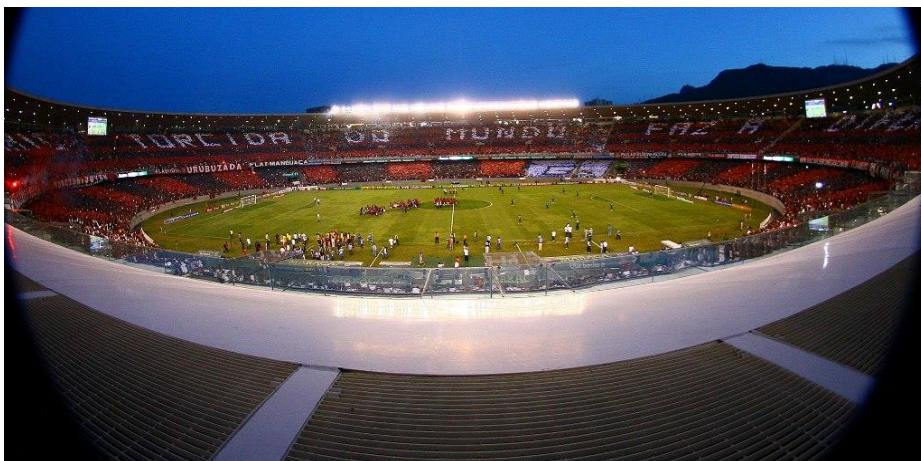
Pode-se observar na Figura 13 que apresenta a representação de parte do estádio do Maracanã ocupada pela torcida do Flamengo. Além da bandeira do clube, da inscrição “A maior torcida do mundo” e do número 81, em referência ao ano em que o Flamengo conquistou o campeonato mundial, bem como a imagem de Zico estampada em uma flâmula, a imagem apresenta uma camisa 12 cobrindo parte da torcida. Essa imagem se assemelha a apresentada na Figura 14 que traz uma foto da torcida formando um mosaico com a inscrição: “a maior torcida do mundo faz a diferença”.

Figura 13 – Que torcida é essa?



Fonte: Gabriel o Pensador, ilustrações de Mario Alberto. **Meu pequeno Rubro-negro**. Caxias do Sul: Belas-Letras, 2008. p. 8-9

Figura 14 – Mosaico: a maior torcida do mundo faz a diferença



Fonte: Muhlenberg (2009-b)

Assim, se o costume é o que não foi dito e é este, justamente, o fundamento do estar-junto, conforme aponta o teórico francês, a composição de uma arquibancada se forma a partir de acordos tácitos entre seus integrantes. Constitui uma estética coletiva sedimentada a partir de costumes e discursos que, de certa forma, fazem parte do imaginário coletivo de todas aquelas pessoas que constituem a nação rubro-negra.

A necessidade da participação efetiva do torcedor rubro-negro e sua importância é apresentada por Muhlenberg (2009, p. 55) em tom de convocação a outros torcedores em seu blog: “Rubro-negros, só quando estamos juntos que nós somos importantes. Quando estamos sozinhos somos apenas mais um zé-mané pagante. (...) Se na hora em que o Flamengo tá na roubada e precisa de apoio as dondocas resolvem pipocar e torcer contra, azar das dondocas. Não precisamos mesmo delas. Nós precisamos é que o Mengão esteja bem”.

As afirmações de Muhlenberg permitem evidenciar o que Murad (2007) aponta como a capacidade do futebol⁴⁰ sintonizar o individual em grupal. Assim, como os gregos clássicos, que já apontavam essa questão como um dos pilares democráticos, Muhlenberg evidencia em sua fala a ação coletiva, sem, no entanto, excluir importância da iniciativa individual. Dentro de campo, coloca Murad (2007, p. 12), isso se dá “[...] pela estrutura e dinâmica própria do jogo. [...] ‘ninguém ganha

⁴⁰ Ressalta-se, porém, que Murad não nega a existência desta característica em outros esportes, mas trata com especificidade do futebol.

nada sozinho”. Fora de campo, coloca o autor, isso se dá “no estabelecimento dos laços de inserção e no sentimento de pertença a uma coletividade. A identidade é ritualisticamente socializada, na liturgia antropológica do futebol, sem se eliminar, contudo, a delicada e necessária idiossincrasia”.

Os que fazem parte do espetáculo também aparecem em imagens que se vislumbram, atualmente, nos mosaicos organizados pela torcida, semelhantes aos organizados em 2009 e apresentados na figura 14. Rica Perrone (2013-a), por exemplo, aponta que “Única torcida do planeta que paga ingresso por 2 espetáculos. Um no campo, como todas elas, e outro que ela mesmo proporciona. O flamenguista vai ao Maracanã pra (sic) curtir o time, o jogo, o clima e a própria torcida. É único.”

As provocações também são comuns entre os torcedores. Enquanto alguns provocam cenas de violência que causam dano ao indivíduo e ao bem público, outros levam com certo bom humor e fazem música. É o caso de Chico Buarque, torcedor tricolor carioca, que, na década de 1970 tratou do Flamengo em uma de suas músicas. Chico compôs uma música (Ilmo.Sr. Ciro Monteiro ou Receita pra virar a casaca do neném) que respondia / agradecia um presente dado a sua filha Silvia: uma camisa rubro-negra. Mas como versa a música, para o compositor, “um pano rubro-negro /é presente de grego/ Não de um bom irmão/Nós separados / Nas arquibancadas / Temos sido tão chegados na desolação”. O que se percebe é que, de alguma forma, pode-se dizer que no discurso do outro, de negação de determinada identidade, é que o sujeito se reconhece como pertencendo ao grupo em questão. Nesse caso, se reconhecer como flamenguista passa necessariamente pelo discurso apresentado por torcedores de outros clubes. É importante destacar aqui a ideia que Murad (2007) trouxe ao longo do referencial teórico de que se percebe no futebol, assim como em outras práticas esportivas, o embate, a luta, o confronto.

Partindo ainda da música de Chico Buarque, vale lembrar que, ao falar de culturas, é interessante ressaltar o que Costa (1984, p. 19) aponta “[...] todo ato cultural é, simbolicamente, um ato violento. Sem violência não há cultura”. Presentear o filho recém-nascido de um amigo com um uniforme do time adversário pode ser interpretado como um tipo de violência, de imposição de algo que vem de fora do ambiente em que a criança está inserida. Essa referência está contida na

música se pensarmos que “presente de grego” é justamente uma atitude tomada pelos gregos de inserir o elemento estrangeiro, estranho dentro do território inimigo. Assim, pode-se dizer que esta violência está ligada à impossibilidade da cultura de se manter dentro de limites rígidos como disse Hall (2011, p. 34).

Mas além das dezenas de músicas feitas de forma propositada para o Flamengo ao longo de sua história, “o nome ‘Flamengo’ foi utilizado em mais de duas dezenas de êxitos, quase sempre como elemento identificativo do Rio de Janeiro ou do Brasil” (PEREIRA, 2010, p. 146). Isso se dá, por exemplo, na música *Aquele Abraço*, de Gilberto Gil no verso em que o compositor saúda o estado do Rio de Janeiro “O Rio de Janeiro/ Fevereiro e março/ Alô, alô, Realengo/Aquele Abraço!/Alô torcida do Flamengo”. Muito mais que os flamenguistas, o compositor refere-se aqui à massa de pessoas que fazem parte desta torcida e permite que se perceba isso como uma saudação a todos os cidadãos do Rio de Janeiro. Essas estrofes cantadas reiteram a importância do individual dentro do coletivo e do indivíduo como parte de uma coletividade.

É também da década de 1970 (1976 para ser mais preciso) a formação de uma das principais torcidas flamenguistas: a Raça Rubro-negra. Seu desenvolvimento acontece, destaca Pereira (2010, p. 189), nas paredes do Maracanã que receberam vários cartazes em que se podia ler a frase: ‘Vem aí o Maior Movimento de Torcidas do Brasil’. Oficialmente, a Raça Rubro-negra surgiu em 24 de abril de 1977 e hoje conta com mais de sessenta e um mil integrantes. Quem escolheu o nome foi o primeiro presidente da torcida, Claudio Cruz, que justificou a escolha por homenagear “[...] a capacidade do clube de transformar derrotas eminentes em vitórias consagradas”.

Tais vitórias foram registradas por autores como Nelson Rodrigues que, no texto “A Divina Goleada”, publicado em abril de 1956, tratou sobre o tricampeonato carioca do time rubro-negro. Sobre um dos jogos da etapa final, em que o time do América ganhou por 5x1, Nelson Rodrigues afirmou que “[...] admite-se uma goleada num match isolado e contra um perna-de-pau. Nunca, porém, num match decisivo e contra o Flamengo” (RODRIGUES, 1993, p. 33). Esse discurso se repete em 2013 depois da conquista da Copa do Brasil; em seu post, Muhlenberg

(2013-e), traz a trajetória do time em um texto que se assemelha a uma epopeia. Nele, entre outras coisas, é possível observar o que Silva (2006) apontou como apropriação, claro, visto agora, a partir do olhar do próprio Flamenguista

Vejam nossos adversários. Estão todos prostrados a nossos pés. Pode zoar à vontade, não haverá réplica. Agora eles nos temem não apenas pelo que já realizamos, mas, principalmente, pelo que poderemos fazer.

É verdade que eles invejam nossa bela figura e cobiçam o que já conquistamos. Mas o que mais os assusta é o quão longe podemos chegar. Porque eles, melhor até do que nós mesmos, sabem que seja onde for, se deixarem o Flamengo chegar, fudeu.

Parabéns, Flamengo. E parabéns, torcida do Flamengo. Ainda não inventaram, e nem vão inventar, nada melhor do que nós mesmos.

Os embates futebolísticos e as trincheiras se tornam presentes em diversas narrativas que tratam do esporte. São muitas as vezes em que os jogadores do Flamengo são identificados pelo termo guerreiro nos posts do Urublog. Não há nenhuma relação bélica aparente nesse texto. Anderson (2008) e Hobsbawm (2008) tratam dos sacrifícios nacionais aos quais os cidadãos estão dispostos a oferecer, bem como das privações a que a nação incite seus membros. Nesse sentido pode-se identificar na fala de Muhlenberg, os motivos pelos quais a população se envolvia nos confrontos que asseguravam o território nacional.

Anderson (2008) ainda afirma que o que impressiona nas grandes guerras do século XX não é, exclusivamente, a quantidade de pessoas mortas e sim a grande quantidade de pessoas “dispostas a entregar a vida”. Completa o autor,

morrer pela pátria, a qual geralmente não se escolhe, assume uma grandeza moral que não pode se comparar a morrer pelo Partido Trabalhista, pela Associação Médica Americana ou talvez até pela Anistia Internacional, pois estas são entidades nas quais se pode ingressar ou sair à vontade. (ANDERSON, 2008, p. 202)

Nesse sentido, a nação pode pedir sacrifícios de seus cidadãos. Hobsbawm (2008, p. 109) também trata da participação popular nas guerras do século XX ao apontar a surpresa que governos com características bélicas tiveram “ao verem seus povos pegar em armas, embora por pouco tempo, em um acesso de patriotismo”.

6.3.1 ‘Canto’ da torcida

A maneira pela qual a torcida do Flamengo se apresenta nos estádios em que joga o time rubro-negro é uma das principais marcas que chamam a atenção no que se refere à referida torcida. Ao longo desta pesquisa, esta característica já se fez presente, indiretamente, em algumas reflexões como no texto de Muhlenberg (“E parabéns, torcida do Flamengo. Ainda não inventaram, e nem vão inventar, nada melhor do que nós mesmos”.), ou de Rica Perrone (2013-b) (“Única torcida do planeta que paga ingresso por 2 espetáculos. Um no campo, como todas elas, e outro que ela mesmo proporciona. O flamenguista vai ao Maracanã pra (sic) curtir o time, o jogo, o clima e a própria torcida. É único”). Em grande parte, essa peculiaridade caracteriza-se pela musicalidade. Por sua vez, os cantos entoados pela torcida, especialmente, a que vai aos estádios, carregam consigo discursos que tratam da relação da torcida com o clube. Por isso, entende-se a relevância de se estudarem esses cantos. Para tanto, foram selecionados seis, dos quais três foram compostos parodiando músicas popularmente conhecidas, uma é uma letra composta para uma música instrumental e as outras duas possuem letra e música de composição da torcida.

Em 2009, depois de um período de crise durante o campeonato Brasileiro, o rubro-negro carioca conquistou o hexacampeonato na competição. Nesse mesmo ano, elegeu a primeira mulher para a presidência de um clube, Patrícia Amorim⁴¹. Como em tantos outros campeonatos, não há como negar a importância do apoio da torcida na competição de 2009. Suas músicas embalaram vários jogos. Essas músicas, como os hinos oficiais, de alguma maneira representam a paixão e instigam a identidade necessária no grupo.

Um exemplo delas são os versos da letra composta para outra música, o “Hino da vitória” que embalava, até a década de 1990, as vitórias de Ayrton Senna na Fórmula 1. Os três primeiros versos “Tu és time de tradição /Raça, amor e paixão/ Oh, meu Mengo” apresentam enunciados, destacados anteriormente nesta pesquisa. Ao tratar da tradição do clube, vislumbra-se o diálogo com enunciações que formam este discurso: o fato de ter sido fundado há mais de cem anos, ter

⁴¹ É ex-atleta de natação do clube. Antes da presidência foi Vice-presidente de Esportes Olímpicos do clube.

conquistado um número considerável de títulos estaduais e nacionais e pertencer a um pequeno grupo de clubes brasileiros vitoriosos em campeonatos sul americanos e mundiais.

Os versos “Eu sempre te amarei / onde estiver estarei / oh meu Mengooo” são acompanhados pela melodia da música que foi composta por Eduardo Souto Neto que ficou famosa com as vitórias de Ayrton Senna, piloto brasileiro de Fórmula 1. Na história dos esportes brasileiros, essa música está diretamente relacionada às vitórias, em especial às de Ayrton Senna⁴². A construção mítica de Ayrton Senna passa pela repetição dessa música como um enunciado de vitória. Se somente a melodia remetia a Ayrton Senna, a nova letra com a consagrada música une uma torcida em torno de um ideal: não ser rebaixado, inicialmente, e ser campeão quando a vitória já parecer possível. Da mesma forma que nos versos iniciais, identifica-se o elemento dialógico à medida em que se verifica a presença de torcedores do referido time em vários estados brasileiros. Assim esse enunciado abordaria também outras narrativas que apresentam os locais e as maneiras pelas quais o time do Flamengo se tornou um time de abrangência nacional.

Além disso, ao usar a primeira pessoa do singular, individualiza-se, personifica-se o discurso ao mesmo tempo em que é ligado com o coletivo, a primeira pessoa do plural. A torcida passa a não ser identificada por ‘nós’, mas pelo ‘eu’; o que remete à ideia de pertencimento a uma coletividade. Dessa maneira, ainda que os torcedores não se desloquem aos diversos estádios nos quais o Flamengo joga, os versos da música desenhavam o sentimento de um eu coletivo.

Uma outra canção corrobora esta ideia. Nesta, a construção da letra se deu na forma de uma paródia da música Brasília Amarela, cantada na década de 1990 pelo grupo Mamonas Assassinas. Tal qual na música anterior, observam-se, nos dois primeiros versos (“Mengo Estou sempre contigo, Somos uma nação / Não importe onde esteja, Sempre estarei contigo”) e verificam-se o individual e o coletivo presentes em uma mesma fala. A primeira pessoa aqui é o indivíduo, mas é também

⁴² Piloto brasileiro morto em 01 de abril de 1994. Durante sua carreira na Fórmula 1, conquistou três campeonatos mundiais. Segundo o site oficial é “considerado um dos maiores esportistas da história”. Quando Ayrton Senna cruzava a linha de chegada em primeiro lugar, a Rede Globo, emissora que transmite as corridas da categoria, colocava como áudio a música conhecida como Tema da Vitória e a qual se faz referência neste trabalho.

a torcida. Essa coletivização ganha forma no “Somos uma nação” em que o plural se faz presente. Vislumbra-se aqui, da mesma forma que em outros enunciados, os acordos formados de maneira tácita pelos torcedores. Tais acordos se fazem necessários para a formação de um sentimento de pertença ao qual trata Maffesoli (1998). Citam-se para esta análise, outras canções⁴³ em que se percebe elementos semelhantes em músicas diferentes. Na sequência da música os versos “Com o meu manto sagrado, / E a bandeira na mão, / O Maraca é nosso / Vai começar a festa” novamente parecem dialogar com discursos provindos de outros períodos de tempo conforme visto em textos de Muhleberg, Nelson Rodrigues e Gabriel, O Pensador.

Novamente aqui se faz a referência ao ‘manto sagrado’. Da mesma, maneira ao apresentar o Maracanã como sendo da torcida (“O Maraca é nosso”) faz com que se permita identificar uma relação dialógica com a questão territorial. Se oficialmente o Maracanã não pertence ao Flamengo, estéticamente e discursivamente é assim que o estádio é apresentado, associado e identificado. Pode-se observar a reincidência do dialógico apresentado por Bakhtin (2004, 2011), na medida em que desse ‘nosso’ emanam discursos provenientes de várias vozes sociais apresentadas de maneira a homogeneizar o sentimento de nação e que se comunicam entre si. Se um enunciado não se forma com base em nada, também a comunidade imaginada não pode ser imaginada sem discursos simbólicos de referência.

No último verso (“Vai começar a festa”), há o entrelaçamento de discursos, como no de Rica Perrone, já apresentado tratando do espetáculo que fazem a torcida do Flamengo, as fotos do mosaico e mesmo a ilustração do livro de Gabriel, o Pensador. É o mesmo apresentado de outra forma, traduzido por outra linguagem, anunciando mais uma vez a polifonia bakhtiniana (2011). A partir desse enunciado, também é possível verificar o regime noturno exposto por Durant. Por sua vez, a torcida apresenta-se como o lado dionisíaco do imaginário, é a festa, a paixão.

⁴³ As duas primeiras estrofes da música Vamos Mengão “Vamos Mengão, / te quero mais. / Você é minha paixão. / Eu te sigo em toda parte, / pra você ser campeão. / Mengo! Eu te amo tanto, / Nunca vou te abandonar. / És um grande sentimento / Que nunca se acabará”.

Observa-se, ainda, a metalinguagem na medida em que a torcida, cantando a si própria, dialoga também com outros discursos apresentados em diferentes versos. Na canção, Vamos Mengão, mais uma vez o singular cantado por um coletivo aparece (“Eu te sigo em toda parte). Há ainda, a explicação de que isso acontece para se conquistar o jogo/campeonato (“pra você ser campeão”). O sentimento da busca pela vitória também se faz presente na canção. Vamos Flamengo⁴⁴ une a torcida ao time. Para isso, substitui-se a primeira pessoa do singular pela primeira pessoa do plural. Em “Vamos Flamengo, / Vamos ser campeão, vamos Flamengo / Minha maior paixão, vamos Flamengo / E essa taça vamos conquistar” vê-se que o torcedor representado na música, se sente mais do que um torcedor que apenas torce. Esse torcedor se sente parte do time e sente que pode levar o time a ser campeão. Assim, parece justificar e mesmo dialogar com os discursos apresentados nas figuras 12 e 13, bem como com o fato de ter uma camisa, um simbolismo religioso, para si.

Como em outras músicas, verifica-se a presença de um eu com características coletivas (“Quero te amar pra vida inteira /Pra mim não tem fronteira / Contigo irei estar”). Ao cantar “pra mim não tem fronteira”, canta-se o sentimento imaginado, sentimento de pertencimento de pessoas que não precisam ter contato direto com o território; seja ele o território sede – Rio de Janeiro – ou o território estético e discursivo – O Maracanã. A comunidade imaginada proposta por Anderson (2008) caracteriza-se por esse sentimento imaginado de que há um outro cantando em uníssono aquela música. A referida comunidade se apresenta assim na perspectiva de que as identidades nacionais que se formam não nascem com os indivíduos elas são para Hall (2006, p. 48) “[...] formadas e transformadas no interior da representação” não sendo apenas uma entidade política mas o que o autor chamou de sistema de representação cultural que deve fazer sentido para aqueles que dela compartilham. É o que nas canções que as torcidas entoam e o sentimento por ela partilhado quando essas músicas são cantadas.

A questão da impossibilidade de um discurso cultural permanecer limitada à fronteira física que aparece na música “Vamos Flamengo” também surge em “Eu gosto de você”. Nela, a torcida entoa versos como “Oh, meu Mengão / Eu gosto de

⁴⁴ Paródia de I love you baby – Gloria Gaynor

você / Quero cantar ao mundo inteiro / A alegria de ser Rubro-Negro”. Além de ultrapassar as fronteiras da cidade, do estado ou do próprio estádio, identificam-se traços do esquecimento próprios da formação de uma nação. Esse esquecimento aparece nas lacunas linguísticas dos discursos, das quais trata Antelo. Na referida música, o verso “a alegria de ser Rubro-negro” não nega a existência de fases ruins, mas não são essas as que são lembradas, não são essas as que ficam. Tal qual o tempo ou os jogadores, essas tristezas passam.

Além de exaltar, é claro, a alegria perene de ser flamenguista, “Vamos Flamengo”, traz também a apresentação de que é a aura que envolve o Flamengo. Apresenta-se, nos versos “Os anos passam / Se passam jogadores, / Mas fica tu Flamengo / E eu não paro de te amar” a “força social de ordem espiritual, uma construção mental” como apresentou Maffesoli (2001, p. 75). Essa atmosfera, comenta Maffesoli, tem a característica de ir além da obra. Não são os jogadores ou o período em que vive o clube que fazem a torcida apoiar o time e até mesmo aumentar, é a atmosfera que se forma a partir dessas questões. Por sua vez, essa atmosfera constitui-se a partir dos discursos que envolvem a obra, no caso o Flamengo. Esses discursos, portanto, transcendem a obra, vão além do time do Flamengo.

Por essa linha de pensamento, verifica-se que os versos sinalizam o que Perrone (2013-a) considera inexplicável tendo em vista que “Não ganhava o principal título nacional desde 1992. Lá se foram mais de 17 anos e a torcida diminuiu? Não, aumentou. Segundo pesquisa, a maior entre as crianças do país”. E a música ainda coloca “Mengo! Eu te amo tanto, / Nunca vou te abandonar. / És um grande sentimento / Que nunca se acabará”. Assim, na própria música percebe-se o entendimento de que é a atmosfera que Maffesoli (2001) apresenta que forma o imaginário dos torcedores do Flamengo e não só os resultados em campo.

Observa-se, também, na música “Isso aqui é Flamengo”⁴⁵, uma cobrança no sentido de que a torcida aceita a derrota desde que sejam perceptíveis o comprometimento e o respeito pelo imaginário que se formou ao longo do tempo em torno do Flamengo. No canto, composto por quatro versos “Nós queremos respeito /

⁴⁵ Paródia de Seven Nation Army – The White Stripes

E comprometimento / Isso aqui não é Vasco / Isso aqui é Flamengo”, verifica-se também o diálogo com outros enunciados que trazem consigo o significado de tradição. Ao falar do time opositor, o Vasco, vê-se que, muito mais do que tratar do outro time, aborda-se o Outro que nos fala Bhabha que identifica muito mais um discurso que é anterior e exterior aos torcedores.

Da mesma maneira que a linguagem permite que se forme uma atmosfera que envolve os atores envolvidos com o time, há também, nesse discurso, uma negação do outro discurso que, por sua vez, também contribui para a formação do imaginário tratado por Maffesoli e Silva. Quando cita-se no verso o time do Vasco, não é apenas o time opositor que é abordado, é um discurso daquilo que o Flamengo não é, ao menos, no imaginário do torcedor.

6.4 JOGADORES: DESENHANDO EM VERMELHO E PRETO UMA NAÇÃO

Durante as décadas de 1960 e 1970, jogou no clube João Batista Sales, o Fio Maravilha. Este jogador se destacou no Clube Rubro-negro no início da década de 1970. Em 2007 a Rede Globo apresentou uma matéria no programa Esporte Espetacular que apresentou o “ídolo de uma nação” que, quando atuava em campo, foi homenageado em 1972 por Jorge Ben em música intitulada ‘Fio Maravilha’. A homenagem foi feita após o compositor assistir a um jogo contra o Benfica em que o jogador marcou um gol depois de uma “jogada celestial” e que “só não entrou com bola e tudo porque teve humildade”⁴⁶. Há, aqui, a narrativa lendária, necessária para a formação do herói como é apontado por Campbell (1990). A narrativa apresentada encaminha o pensamento para o que Campbell apontou como uma característica do herói como aquele que realiza algo que não está no nível do normal a partir da percepção do jogador de possibilidades a caminho do gol. Esta proeza foi realizada de maneira intencional, ou seja, pretendia-se o gol. Poucos são os registros em imagens do referido jogo ou mesmo do gol em questão. No entanto, a canção norteia certa inovação buscando, sobremaneira, a ideia-semente comentada por Campbell (1990). Fio foi um dos grandes ídolos flamenguistas.

⁴⁶ Informação disponível em: <<http://letras.terra.com.br/jorge-ben-jor/709276/>>. Acesso em: 28 out. 2011.

No ano de 1978, abre-se o que é considerado pelos torcedores rubro-negros, a Época de Ouro do Flamengo, que se estenderá pela década seguinte. O período foi um dos que mais trouxe glórias para o time. A figura 15 apresenta o jogador que, para os flamenguistas, é considerado aquele que inaugura esse período: Rondineli. Por esse fato, o jogador é conhecido pela torcida como Deus. Nesse sentido se identifica o que Campbell (1990) apresenta como um herói lendário entendido como aquele que funda algo (uma era, religião, cidade, modalidade de vida). Para isso, no entanto, esse herói precisa se desvencilhar do velho, do antigo e, assim, inovar. O que existe é a necessidade de “[...] partir em busca da idéia-semente, a idéia germinal que tenha a potencialidade de fazer aflorar aquele algo novo” (CAMPBELL, 1990, p. 145). Essa ideia-semente, no caso de Rondinelli, pode ser vista como a retomada de um elemento já conhecido em outros momentos e apresentado de maneira diversa: a garra. Assim, ao se perceber a presença do Herói descrito por Campbell volta-se à questão dialógica apresentada por Bakhtin na medida em que se torna possível identificar um ponto de contato entre a garra do passado e a que passa a ser estabelecida pelos jogadores que compõem esta nova geração.

Na tira, de certa forma, tenta-se explicar o porquê do título. Na referida figura, os autores colocam que Rondineli deu um “[...] peixinho kamikaze na hora em que Rivelino preparava sua patada atômica”. Peixinho é uma jogada em que o atleta mergulha de cabeça na bola. Nesse caso, essa jogada torna-se Kamikaze, suicida, pois o atleta se joga de cabeça nos pés preparados para um chute potente, de um adversário. Algo quase sobre-humano, só realizado pelos que defendem algo muito importante ou sagrado, como o próprio Manto. O discurso bélico, que com frequência é utilizado no futebol, se apresenta também nesse contexto tendo em vista que kamikaze⁴⁷ foi um termo muito utilizado durante a Segunda Guerra Mundial para designar os pilotos japoneses que atiravam os aviões em que se encontravam em direção ao alvo pretendido. O que Anderson (2008, p. 202) observa sobre os conflitos travados durante o século XXI é que impressiona não apenas a quantidade de pessoas mortas e sim a grande quantidade de pessoas “[...] dispostas a entregar a vida” algo que a referida figura indica pela associação aos pilotos japoneses e pela descrição da cena. Apresentam-se nessa passagem pistas para relação entre guerra

⁴⁷ Palavra que significa ‘vento divino’ em japonês.

e nação se assemelhar a estabelecida entre futebol e nação nos locais em que o belicismo não se faz tão presente. O esporte é colocado aqui como “[...] uma expressão de luta nacional com os esportistas representando seus Estados ou nações, expressões fundamentais de suas comunidades imaginadas” (HOBSEBAWM, 2008, p. 171).

A figura 15 aponta para o herói de Campbell (1990, p. 131). Rondineli apresenta, a partir da representação gráfica, que “[...] o herói é alguém que deu a própria vida por algo maior que ele mesmo”. Ele está disposto a se sacrificar por um povo, uma pessoa ou mesmo uma ideia. Esse herói é aquele que realiza algo que não está no nível normal. A ação empreendida pelo atleta foi um feito que exigiu coragem (na narrativa que a figura apresenta e ao imaginar, a partir do conceito de ‘peixinho’, o quão arriscada foi a jogada). Pode-se relacionar a imagem da figura 15 com uma batalha.

Campbell (1990, p. 142) coloca ainda que a sociedade contemporânea necessita de heróis, pois “[...] ela tem necessidade de uma constelação de imagens suficientemente poderosa para reunir, sob a mesma intenção, todas essas tendências individualistas”. O autor (1990, p. 142) completa afirmando que “[...] a nação necessita de uma intenção, a fim de atuar como um poder uno”.

rondinelismo

por arthur muhlenberg e raphael salimena



Fonte: Urublog (2012)

Tanto na música ‘Fio Maravilha’ quanto no jogada de Rondineli apresentado na Figura 15 é possível perceber que o drible evoca a confusão que esta jogada causa na expectativa do adversário a partir de um movimento que, conforme Wisnik afirma (2008, p. 270), “dá e não se dá”. Vê-se então o drible como elipse, especialmente na narrativa apresentada na canção de Jorge Ben

Tabelou, driblou dois zagueiros
Deu um toque driblou o goleiro
Só não entrou com bola e tudo
Porque teve humildade em gol

Na cena apresentada o drible aparece como aquele que perturba a linearidade apresentando um efeito poético; chiste, “produzindo uma prazerosa e desconcertante suspensão do recalcado” (WISNIK, 2008, p. 270). Identifica-se também o drible como síncopa, “[...] o acento rítmico fora do tempo forte do compasso – o acento contramétrico, como acontece na música popular com a combinação das rítmicas europeia e africana, que lhe permite passar pelo espaço

esperável no tempo esperado” (WISNIK, 2008, p. 270) quando se trata do “peixinho Kamikaze” da figura 15 ou no trecho “Foi um gol de classe/ Onde ele mostrou sua malícia e sua raça”. Ambos os movimentos causaram a confusão que Wisnik (2008) apresenta.

Neste período, também conhecido como Era Zico, o Flamengo conquistou entre outros títulos: a Libertadores da América e o Mundial Interclubes. Em todos os campeonatos brasileiros conquistados pelo Flamengo depois daquele momento, “havia pelo menos um integrante do time campeão de 1981” (MANSUR; RIBEIRO, 2009-a, p. 99). Vários jogadores que faziam parte daquele time atuaram também em 1980, 1982 e 1983. Leandro, Andrade e Zico jogaram no time campeão brasileiro de 1987. No título de 1992, era Júnior que estava em campo. Em 2009, novamente Andrade foi o representante daquela geração, desta vez, como técnico. Esse fato traz novamente aos que compartilham desse imaginário as sensações vividas naquele período, mesmo que não tenham visto pessoalmente aquele momento.

Os campeonatos anteriores se apresentam de maneira virtual para os torcedores e esses ídolos se tornam tipos ideais que permitem reconhecer-se e comungar com outros essas mesmas narrativas. São os momentos lembrados que se sobrepõem aos momentos de crise. Com isso, relembra-se toda uma geração vencedora e que ficou conhecida pela garra. No imaginário coletivo, a presença desses jogadores forma-se em uma aura que é permeada pela garra presente daquela geração. A confiança que o time espelha entre os jogadores chega também à torcida. Isso se dá em trechos como o apresentado por outro leitor do Urublog, Mauricio Neves (2012). Assim ele se refere aos três jogadores que marcaram essa geração (Rondineli, Zico e Júnior) e encerra seu ciclo em 1992.

A Nação já tinha um Deus, Antônio José da Raça Rondinelli Tobias. Já éramos todos súditos de Rei Arthur Primeiro e Único. Colecionávamos heróis como figurinhas emocionais, todas carimbadas pela nossa paixão. Um dia, um desses heróis pendurou seu capacete black power de tantas batalhas e tomou em mãos uma batuta para reger a Nação que cantou, cantou e cantou. A cada canto mais o Maestro crescia. E assim fomos pentacampeões.

Mas, além desses três, é importante citar outro jogador de 1981 que se fez presente no último título do Campeonato que deu ao Flamengo o Hexacampeonato: Andrade. Para Muhlenberg (2009-a), havia vários outros jogadores que indicavam que seguiriam a carreira de técnico, como de fato aconteceu. Para o blogueiro, isso se dá por características que demonstravam dentro e fora de campo. Parecia praticamente impossível Andrade se tornar técnico. “Improvável sim, porque de todos aqueles craques que superpovoavam o nosso esquadrão, Andrade, o Tromba, sempre foi mais caladão. [...] E ninguém se importava com isso, naquela época Andrade não precisava falar nada, pois já dizia tudo com os pés.” (MUHLENBERG, 2009-a, p. 88). Ele volta à Gávea em 1978 depois de ser emprestado para um time da Venezuela. “Era o monstro entre os monstros. Com o Manto número 6, postando-se a frente da zaga, Andrade conquistou tudo que havia para ser conquistado. [...] E sempre jogando muito.” (MUHLENBERG, 2009-a, p. 88). O post intitulado ‘O fator Andrade’ aponta que foram muitos os seus bons momentos e

para simbolizar sua predestinação basta dizer que Andrade foi o protagonista de um dos mais belos e decisivos solos daquela orquestra rubro-negra que entrou para a história. É dele a porrada que estufa as redes de Paulo Sérgio, aos 42 do segundo tempo no Flamengo 6x0 Botafogo da vingança em 1981, um momento antológico do futebol brasileiro⁴⁸ (MUHLENBERG, 2009-a, p. 88).

Figura 16 – O fator Andrade

⁴⁸ Ao tratar da vingança contra o Botafogo Muhlenberg refere-se a um jogo em 15 de novembro de 1972 em que o time alvo-negro goleou por 6x0. Conta-se que quando o placar de 1981 marcava 5 gols para o Flamengo a torcida gritava “Queremos 6”.



Fonte: Urublog (2009)

O texto publicado no blog aparece ilustrado pela imagem de Andrade em uma foto relida por Fabio Lopez que remete ao movimento artístico da *Pop Art* (Figura 16). O que se vê no não verbal é a relação do Andrade do passado e do presente (em 2009). O passado está no tom acinzentado e o presente no vermelho, ambos predominando no rosto do então técnico do Flamengo. No entanto, o vermelho traz consigo a força de um time campeão no passado. Andrade faz com que as conquistas do passado voltem à memória do torcedor, trazendo consigo toda a carga discursiva que forma tal período e que povoa o imaginário do torcedor rubro-negro. O time da década de 1980, do qual Andrade fazia parte, caracteriza-se, no imaginário, por elementos vindos do regime noturno apresentado por Durant, por um encantamento quase poético. Andrade, um zagueiro calado, trazia dentro desse contexto uma marca do regime Diurno.

A frase presente na imagem remete ao conhecido slogan que o presidente americano Barack Obama⁴⁹ utilizou durante sua campanha no ano de 2008, trazendo para junto de si uma massa colocada por outros candidatos à margem. Da mesma forma, o slogan apresentado na figura 14 chama a torcida para apoiar um time desacreditado e desesperançoso que há quase duas décadas não conquistava um título brasileiro. Mais uma vez observa-se a interdiscursividade e o dialogismo. Dessa maneira, constata-se o discurso coletivo da torcida – nós – aproximando-se do time que está em campo visto em enunciados já analisados anteriormente. Há, também, na referida frase usada, inicialmente, por Obama, a presença do descrédito de um grupo que se encontra à margem (lembrando que em 2009, o Flamengo estava na zona de rebaixamento do campeonato brasileiro quando Andrade assumiu como técnico) à medida em que busca lembrar a possibilidade de se chegar a algum lugar quando se pensa de forma coletiva. Torcida e time podem sair da zona de rebaixamento, nesse caso.

Como técnico, continua Muhlenberg, Andrade “[...] operou em alguns molambos já condenados pela torcida, verdadeiros milagres na reabilitação” (MUHLENBERG, 2009-a, p. 89). Muhlenberg explica que Andrade é como técnico, como era nos tempos de jogador, reservado e discreto, e o time que montou em 2009 é “[...] frio, mas raçudo. Agressivo, mas muito bem postado na defesa. E, contrariando até mesmo suas características mais tradicionais, o Flamengo de Andrade é um time ameaçadoramente discreto. Um time que aprendeu a chegar sem alarde pra tocar o terror” (MUHLENBERG, 2009-a, p. 89). Assim, Andrade é apresentado como sendo o dia por traz da noite, o equilíbrio entre o regime diurno e noturno, conforme os regimes apresentados por Durant.

Muhlenberg encerra este post afirmando que “Adriano é foda, Pet faz a diferença, Bruno, Álvaro e Maldonado tão jogando bagarai. Saudemos a esses guerreiros, eles realmente merecem nossos aplausos. Mas não se iludam. Esse Flamengo que estamos vendo passar o rodo na arcoirizada sem título é o Flamengo do Andrade. Esse time já tem sua marca, a sua assinatura” (MUHLENBERG, 2009-a, p. 89). Cabe revelar que a ‘arcoirizada’ do qual trata Muhlenberg refere-se a todas

⁴⁹ Em 2008, aos 47 anos, Barack Obama foi eleito o 44º presidente dos Estados Unidos e tornou-se o primeiro negro a governar o país.

as cores de todos os outros times de futebol do país. Apresenta-se assim, a negação do outro que, por vezes, também se faz presente no discurso da nação.

6.4.1 Zico: o nome de uma Era

De certa maneira todos se constituem heróis lendários por serem parte da fundação de uma era, de acordo com Campbell (1990). Os jogadores, além da Era de Ouro, contribuem para a formação dos mitos fundacionais do time aqui estudado. Sobre a “Era Zico”, considera-se interessante destacar os motivos que o colocam como o maior ídolo dessa torcida. Essa é uma narrativa fundamental na construção do imaginário rubro-negro. Assim, como disse Silva (2006, p. 11 - 12), o imaginário funciona como Reservatório na medida em que,

agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida e, através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo. (...) Como o reservatório, o imaginário é essa impressão digital do ser no mundo. Como motor, é o acelerador que imprime velocidade à possibilidade de ação.

Zico faz com que o torcedor rubro-negro seja levado a um período de muitas vitórias e conquistas em que o Flamengo se destacava pela beleza com que jogava. Além disso, pertencem ao discurso que fazem dele o grande ídolo (ou herói) do time a disciplina e a garra. Não à toa, o jogador aparece em canções compostas depois de ter parado de jogar. Como exemplo aponta-se a letra do mineiro Alexandre Pires, intitulada Homenagem a Zico⁵⁰. Os versos da canção apresentam a fala de um pai sobre o jogador ao filho. A música indica os caminhos pelos quais a identidade é formada tal qual Hall (2006) apresenta ao afirmar que não é algo nato, ela se forma ao longo do tempo caracterizando-se como um processo em andamento.

⁵⁰ Informação disponível em: <<http://letras.terra.com.br/alexandre-pires/1550677/>>. Acesso em: 28 de outubro de 2011.

Filho senta aqui no colo do papai
 Que eu tenho uma história para lhe contar
 De um grande ídolo que eu me apaixonei, quando lhe vi jogar
 Eu contava os dias pra chegar domingo
 Acordava bem cedo, sorrindo
 Vestia uma camisa e ia pra rua brincar
 Filho, o nome dele também é Arthur
 Fazia mágica com os seus pés
 No tempo em que os jogadores dos seus clubes, eram fiéis
 Ele nos encheu de orgulho e alegria
 O seu drible era pura magia
 Zico esse samba é pra você
 Eeeeei, Zico é o nosso rei
 Meu camisa 10, a nossa nação rubro-negra sempre vai te amar
 Uma vez Flamengo ...

Nessa canção, o compositor se insere em uma coletividade na medida em que coloca o eu-lírico (a primeira pessoa do singular) e, em outras, a primeira do plural. Na composição, o pai chama seu filho para contar uma história. Pode-se afirmar que o autor (Alexandre Pires) atribui ao filho toda a carga semântica que compõe o imaginário em torno da paixão a qual caracteriza os membros participantes de determinada torcida. Na narrativa que trata sobre Zico, forma-se o mito que une as pessoas dentro de determinada ideia, forma-se uma expressão de coletividade. Tal como na antiguidade, percebe-se a presença e a importância da oralidade como elemento agregador desse discurso mítico/simbólico. Há o elemento mágico em outros momentos (“Fazia mágica com os seus pés” e em “O seu drible era pura magia”) apontando para algo extraordinário realizado pelo jogador que surge em um período no qual, como apontou Guterman (2009), o futebol brasileiro passava por um momento de poucos grandes jogadores.

Explicar-se-ia, assim, o cumprimento dirigido aos leitores do Urublog todo dia 3 de março, data de nascimento de Zico, “Feliz Natal, Nação” (MUHLENBERG, 2013-d). Rica Perrone (2013-b) também fala nesse sentido ao colocar sua despedida no texto intitulado ‘Religião’: “Que Zico os abençoe. Amem (sic).”

Nesse sentido, Zico inova permitindo que o futebol do Flamengo e do Brasil, de alguma maneira, retorne a sua ideia inicial de futebol-arte. No entanto, o torcedor para o qual a canção era dirigida deve conhecer toda a “mágica” de Zico

apenas discursivamente já que o jogador deixou os campos brasileiros em 1990, indo jogar no Japão onde se aposentou dos gramados.

E, a partir de seus feitos, Zico personifica a imagem heroica de que aquele time vai ganhar justamente por méritos, levando em consideração que a geração de 1981 é a que mais deu títulos ao clube carioca. Pode ser, por isso, que Perrone (2013-a) faz o seguinte comentário:

talvez uma das raras torcidas do mundo que tenha dezenas de ídolos, mas que não há discussão sobre o maior.

Existe o Zico e o resto. E o “resto” inclui, talvez, os dois melhores laterais que o mundo já viu em cores. Leandro e Junior.

Se existem “duas coisas, duas entidades, duas instituições no mundo que são definitivamente indissociáveis, essas são Zico e o Flamengo. É absolutamente impossível, divorciado do mundo real, falar na história do clube sem citar o ídolo” (MANSUR; RIBEIRO, 2009-b, p. 17). Perrone (2013- a) acrescenta que “Por aí existe o Santos de Pelé, o São Paulo de Rogério Ceni, o Palmeiras de Ademir. Lá existe o Zico do Flamengo. A ordem é sempre inversa. Os valores são sempre diferentes.” Há a necessidade, aqui, de apontar para o ‘lá’ apresentado por Perrone. O termo indica a distância existente entre o autor do texto e o time ao qual se refere. Mais do que isso, tal distanciamento é também discursivo já que não se apresenta no restante do trecho citado mesmo que esteja sendo feita referência a times que não sejam o de Perrone. A expressão ‘por aí’ mostra que mesmo não sendo torcedor do Santos ou do Palmeiras e mesmo que seu time seja um dos rivais dos times de Pelé e de Ademir, ainda, assim, é mais próximo do que do Flamengo cuja postura do jogador citado, no caso Zico, é diferente dos outros já que não é o Flamengo de Zico e sim o Zico do Flamengo. Quem tem a posse do jogador (torcedor) é o clube. Esse, por sua vez, não necessita da qualificação do jogador, ou seja, o jogador não domina o clube.

De alguma maneira, Mansur e Ribeiro tentam explicar os motivos que levam torcedores a renderem tantas homenagens ao ex-atleta.

A figura de Zico fascina não apenas pela enormidade do futebol que mostrou quando defendeu o Flamengo. Não apenas pela postura que sempre conservou. Não apenas pela simpatia, pela simplicidade, por ser desconcertantemente acessível numa época em que o futebol tem estrelas tão fortemente blindadas que parece, por vezes, não serem humanas. Zico fascina o torcedor rubro-negro porque se posiciona claramente quanto a algo que deveria ser banal num país que ama o futebol, onde jogadores de futebol, supostamente, foram torcedores antes de começar a jogar. Zico tem time, Zico é Flamengo, Zico ganhou tudo pelo Flamengo e continua a ser um torcedor do Flamengo (MANSUR, RIBEIRO, 2009-b, p. 17).

Este fato, de Zico ter um time, retratado tanto no trecho apresentado quanto na figura 17, sinaliza à postura do herói, uma vez que não pode ser observada por grande parte dos jogadores ('tendências individualistas' de que se deve ter um time e seguir com ele sempre, não se deve ficar escondido atrás de uma pseudoindividualidade, como disse Campbell. Ou uma intenção como também apontou o autor).

Figura 17 – O retorno de Zico



Fonte: ZIRALDO. **O mais querido do Brasil em Quadrinhos**. São Paulo: Globo, 2009, p. 91

Zico jogou no Flamengo entre 1971 e 1990, tendo uma rápida passagem (duas temporadas) pelo time italiano Udinese (de onde voltou no segundo semestre de 1985). A negociação entre o time carioca e o italiano não foram apresentadas para os torcedores para que não atrapalhasse a competição que estava

acontecendo no Brasil. A notícia, como era de se esperar, entristeceu os torcedores rubro-negros como pode ser verificado na figura 18. Esta negociação apresentava aos flamenguistas um movimento que começava a ser visto no futebol mundial como apresenta Hobsbawm (2007). O autor lembra que nesse período uma minoria dos jogadores contratados, pelo que ele chama de superclubes, localizados especialmente na Europa, tem a nacionalidade do país onde se situa o clube. Muitas vezes os países não-europeus que forneciam estes jogadores eram ex-colônias europeias.

Essas mudanças enfraqueceram a posição daqueles que não estão envolvidos em superligas internacionais ou supertorneio. Hobsbawm (2007) dá destaque para a crise que estabelece entre os clubes dos países que exportam atletas sendo destacado os clubes de países como Brasil e a Argentina. Por esse ponto de vista o futebol como empresa internacional entrou em choque com o futebol que se apresenta como parte da expressão da identidade nacional de um país. Esse efeito é apresentado por Hobsbawm tanto pela disposição de organizar prioritariamente torneios internacionais entre superclubes ao invés dos torneios tradicionais como copas e campeonatos nacionais, quanto pelo fato dos interesses dos superclubes concorrerem com os das seleções nacionais, que trazem consigo a bagagem política e emocional da identidade nacional e que devem ser formadas por atletas portadores de passaporte do país. O período indicado por Hobsbawm e a venda de Zico deu início ao que parece ser, a partir de então, o destino de todo jogador de futebol: se destacar em território nacional e ser transferido para a Europa. Foi assim que Moraes Moreira apresenta nos versos da canção Saudades do galinho apontando que

[...]Falou mais alto o destino/
e o galinho vai cantar/ [...]
vai cantar noutro terreiro/
no coração brasileiro/
uma esperança [...]

Na ante-sala dos negócios milionários que iria contruir o futebol moderno havia ainda a esperança da volta do atleta para o país de origem ou mesmo para o clube.

Figura 18 – Fica, Zico!



Fonte: ZIRALDO. **O mais querido do Brasil em Quadrinhos**. São Paulo: Globo, 2009, p. 91.

“Foram tantos os gols, tantas as vitórias e títulos, que sua venda para a Itália provocou uma verdadeira comoção nacional (bem-humoradamente retratada por Henfil desde a primeira investida do futebol italiano, através do Milan)” (PRADO, 2007, p. 11). Não apenas nas charges de Henfil, tal comoção é apresentada, uma delas na figura 19, já com a confirmação da saída de Zico do time da Gávea. Em músicas, ela também pode ser vista. A mais notória sobre o assunto é a que foi composta por Moraes Moreira, Saudades do Galinho.

E agora como é que eu fico
Nas tardes de domingo
Sem Zico no Maracanã
Agora como é que me vingo
De toda derrota da vida
Se a cada gol do Flamengo
Eu me sentia um vencedor

A música, segundo Moraes Moreira, em entrevista a Mansur e Ribeiro (2009-b), foi uma tentativa de amenizar a dor que a torcida estava sentindo (ele próprio se coloca, como torcedor rubro-negro que é, como portador daquele

sentimento). Segundo o compositor, era necessário que a torcida compreendesse e tivesse calma. Nesse sentido, a música parece dialogar com a narrativa da esperança do mito de Dom Sebastião: “vai e volta em paz que o Flamengo/ já sabe o que esperar”. Em 2007, o Flamengo tornou-se o maior campeão do campeonato estadual do Rio de Janeiro. Foi cinco vezes tricampeão. Esta história começou na década de 1940 quando o time de futebol consagrou-se tricampeão carioca pela primeira vez (o Flamengo é cinco vezes tricampeão da competição: 1942, 1943, 1944 / 1953, 1954, 1955 / 1978, 1979 (especial), 1979/ 1999, 2000, 2001 / 2007, 2008, 2009).

Figura 19 – Márcio Braga explica a venda de Zico.



Fonte: HENFIL. **Urubu**. Rio de Janeiro: Desiderata, 2007. p. 130.

Há, nessas questões apresentadas, o que Campbell chama de um herói lendário, entendido como aquele que funda algo (uma era, religião, cidade, modalidade de vida). Para isso, no entanto, esse herói precisa se desvencilhar do velho, do antigo e assim inovar. Há, nesse sentido, a necessidade de “partir em busca da idéia-semente, a idéia germinal que tenha a potencialidade de fazer aflorar aquele algo novo” (CAMPBELL, 1990, p. 145).

O que se percebe com esses apontamentos é que, assim como disse Maffesoli, (2001), o imaginário é coletivo. Há a partilha desse imaginário entre os diversos membros da torcida. Isso porque quando há a referência ao imaginário, refere-se também ao sentido de fazer parte de algo, de uma partilha, seja no campo

da linguagem, de uma ideia de mundo ou, como discute Maffesoli, de uma atmosfera. Identifica-se nos discursos apresentados sobre Zico, bem como de outros jogadores, que o imaginário é o estado de espírito coletivo. Percebe-se o vínculo discutido por Maffesoli. Vínculo esse firmado entre os jogadores, e aqui especialmente entre Zico e o clube, entre os torcedores – o jogador e o clube. Assim, se o imaginário une um grupo em uma mesma atmosfera, os jogadores apresentados nos discursos citados se unem ao clube e aos torcedores de forma a remeter estes à atmosfera campeã do clube. As questões que se referem a Zico até aqui levam para Quintino: em 6 de fevereiro “muitas épocas também se encerraram ali – porque Zico não era apenas Zico. Ele era Zizinho, Leônidas, Pirillo, Rubens, Dida, resumindo num só o que todos tinham de melhor”. É como se Zico guiasse, por meio de sua imagem, a memória do torcedor para outros momentos da história rubro-negra, ativando assim discursos de memória. A figura de Zico representa o diálogo possível entre discursos de diferentes períodos da história do Flamengo. Os enunciados que formam estes discursos são diferentes entre si mas dialogam entre si na figura de Zico. Esse diálogo entre enunciados não apenas reflete a realidade que o flamenguista vive mas a refrata. É isso que permite que haja o que Bakhtin chama de refração com as diversas interpretações do mundo que esse signo permite.

Os diálogos que se estabelecem nos enunciados apresentados remetem ao que Bakhtin (2004) coloca como a atividade mental do *nós*. Nos enunciados que se apresentam é possível perceber os diferentes graus e tipos que o autor denominou de “modelagem ideológica” (BAKHTIN, 2004, p. 115). A atividade mental do *nós* apontada pelo autor russo permite pensar a atividade mental do *nós* a partir do futebol, ou da torcida de futebol. Caso o torcedor se encontre consciente de sua paixão por determinado clube e se encontre cercado de muitas pessoas que assistem aos jogos de futebol e que tal qual o primeiro sentem a paixão pelo clube mas se encontram isolados “[...] sem classe, terá uma coloração específica e tenderá para formas ideológicas determinadas (...): a resignação, a vergonha, o sentimento de dependência e muitas outras tonalidades tingirão a sua atividade mental” (BAKHTIN, 2004, p. 115).

Já se este mesmo torcedor fizer parte de uma coletividade que compartilha da mesma paixão pelo clube mas que não possui uma ligação material consistente a paixão de cada um é sentida de maneira isolada por cada indivíduo. Nesse contexto a consciência da paixão pelo clube será permeada por resignação, “[...] mas desprovida de sentimento de vergonha ou de humilhação” (BAKHTIN, 2004, p. 116). As experiências citadas, no entanto, são bem diferentes do que será experimentado por membros que compartilham da paixão pelo clube e, dessa forma participam de uma coletividade e que possui vínculos materiais objetivos que os une. A atividade mental aqui receberá nuances de protestos ativos podendo, no caso do futebol, ser uma manifestação de apoio ou de crítica, não há resignação nem tão pouco submissão. Os vínculos materiais que se apresentam no caso do Flamengo passam pelos símbolos, canções, território mas que parecem confluir todos em um enunciado que está presente na figura do jogador Zico. A atividade mental do *nós* tratada por Bakhtin, formada pelos vínculos materiais objetivos contribuem para tecer os valores e sensações que são partilhados pelos indivíduos formando o imaginário que “[...] é uma rede etérea e movediça de valores e de sensações partilhadas concreta e virtualmente” (SILVA, 2006, p. 9).

Se, de alguma maneira, Zico é apresentado dentro do imaginário do torcedor do Flamengo como mito fundacional, vários de seus antigos companheiros também se fazem presentes nessa lista. Nesse sentido, como já foi apresentado por Bakhtin, quando a análise parte de questões dialógicas não se permite limitar os sentidos havendo, assim, a preservação dos ditos e não-ditos. Essa produção de sentidos, para Bakhtin, está relacionada a uma moldura social e a uma audiência. Assim, aponta-se como um dos sentidos apresentados ao tratar-se do Maracanã sendo um território que permeia o imaginário flamenguista, como a ‘casa’ do time rubro-negro mesmo que de fato não lhe pertença.

A partir das relações estabelecidas neste trabalho, percebe-se o entrelaçamento proveniente dos diversos enunciados que formam os discursos. Esse entrelaçamento culminaria com a formação de uma identidade nacional entre os principais atores envolvidos e tem sua gênese, conforme suscitado no decorrer desta análise, nas mais diversas vozes sociais presentes nas materialidades

apresentadas. Ainda que ocorra tentativa de homogeneizar, neste estudo, evidenciou-se a heterogeneidade inerente ao que entendemos como nação.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa se pode perceber o conceito de nação, não como objeto delimitado, demarcado; mas sim como uma comunidade imaginada. E foi justamente este conceito que norteou a procura por descobrir como é que se dá esse sentimento de pertença, ou seja, como é que determinado grupo de pessoas tão diferentes e diversas assume para si um discurso coletivo de nação. O percurso teórico que permitiu historicizar o futebol, tornou perceptível o fato deste esporte ter contribuído para a formação da nação como comunidade imaginada em diversos países, especialmente no Brasil, onde assume um importante papel de protagonista nessa construção identitária. No entanto, as seleções nacionais que representam um país em jogos internacionais, e que também contribuem para forjar as nações, não se reúnem com frequência, isto é, não estão presentes no cotidiano do torcedor. Dessa forma, o torcedor precisa acompanhar o esporte em outros momentos para que, ao ver sua seleção em campo, seja possível reconhecê-la como uma forma de representação de suas construções identitárias. Logo, quando se fala de acompanhar deve-se entender como estar envolvido na áurea discursiva do que se refere ao tema. E é exatamente na possibilidade dessa cesura, dessa fenda, que se formam os discursos nacionais que vão permear as paixões clubísticas. Nesse cenário, no Brasil, um clube se destaca, como apresentado no texto introdutório desta tese: o Clube de Regatas Flamengo.

A partir das discussões sobre nação e sobre o futebol como elemento constituinte da nação, apresentada no escopo teórico deste trabalho, passou a se questionar se seria possível a formação de uma nação sem que esta fosse constituída por um território com fronteiras fixas e com um Estado e se seria possível que tais conceitos se aplicassem ao Clube de Regatas Flamengo. Foi o cotejo de diferentes materialidades tornadas públicas em tempos diversos que permitiu se chegar a resposta do problema desta pesquisa. Desse modo, foram apresentados dados que emergiram de músicas, de diferentes compositores incluindo não torcedores do Flamengo, como foi o caso de Chico Buarque; trechos retirados de dois livros infantis que têm como autores dois flamenguistas, Ziraldo e Gabriel, o Pensador; charges do cartunista Henfil; Urublog, blog do torcedor do time rubro-negro Arthur Muhlenberg; blog de Rica Perrone, que não torce para o Flamengo e

crônicas de Nelson Rodrigues, outro torcedor de agremiação adversária. Procurou-se, dessa maneira, apresentar materialidades que atingissem o time da Gávea em diferentes momentos e de formas variadas. Os dados que dessas obras emergiram permitiram verificar que os diferentes enunciados dialogam. Em todos eles como apresentou Bakhtin (2004, 2011) se identificou fronteiras em que diferentes discursos se encontram e constroem outros que, por sua vez reforçam aqueles que se encontraram. Os signos formadores desses enunciados permitem aos torcedores do Flamengo construir uma realidade ao mesmo tempo em que permite que outras interpretações desse mundo despertem (para eles e para aqueles que não são torcedores também). O que se percebeu ao longo da análise é que temporalmente estes discursos não seguem uma ordem cronológica, nas fronteiras dialógicas não há a marcação do momento a que cada discurso se refere.

Verifica-se assim o esquecimento que o discurso nacional encontra e é apontado por Anderson (2008). Essa amnésias momentâneas contribuem para a formação de narrativas para que fortalecem o discurso nacional e fazem como que o Flamengo fique quase duas décadas sem ganhar nenhum título importante e ainda assim seja percebido o aumento de sua torcida, conforme apontou Perrone. Verificou-se também que tal qual na identidade nacional não se trata, no Flamengo, de uma formação natural e sim é constituído de discursos que são socialmente construídos.

Por serem socialmente construídos os discursos nacionais acabam por formar o terreno propício para que essas formações comunitárias tornem-se imaginadas. Essas identidades nacionais, vistas como imaginadas, formam teias que correspondem ao imaginário apresentado por Maffesoli e Silva. O imaginário é formado por elementos simbólicos e o mito e o herói, que contribuem para a formação desse imaginário, passam, também, por uma construção discursiva simbólica, como apresenta Campbell.

Esse imaginário coletivo, dito por Maffesoli, constrói a comunidade imaginada, citada, por sua vez, por Anderson. Isso se dá a partir de vários elementos que constroem o que se entende por nação: os símbolos. E que símbolos são esses: cores, brasão, território, mitos e heróis. Ou seja, tal comunidade imaginada não se forma em um vazio. De certa forma, os torcedores reconhecem

esses símbolos em vários meios a partir de algo já conhecido e esse torcedor sabe, mesmo sem ver, que outros corroboram com esse (re)conhecimento. Nesse sentido, os elementos simbólicos apresentados pelo Flamengo a partir das materialidades vistas formam, para aqueles que constituem o clube um sistema de representação cultural que para Hall (2006) deve produzir sentido.

A partir das materialidades analisadas, foi possível identificar os elementos que compõe brasão e bandeira e como esses formam no imaginário do torcedor ou não torcedor rubro-negro, o sentimento de 'manto'. A força que em muitas nações é dada à bandeira, no Flamengo, é dada à camisa, ao mesmo tempo, a camisa titular do time de futebol parece ter a forma da bandeira. Neste estudo observou-se que no Flamengo a camisa tem a força da bandeira, e vice-versa. Ou seja, esses elementos simbólicos para o serem e assim formarem o imaginário necessitam permitir a existência do diálogo entre os enunciados. É necessário como aponta Bakhtin que dois ou mais enunciados estejam presentes nesse novo enunciado que se forma e que ambos façam sentido para aqueles que participam como produtores/interlocutores.

Os dois hinos, o oficial e o popular, aos quais o estatuto se refere cantam o sentimento nacional e dão a força necessária para a luta em campo, ao mesmo tempo conversam com discursos anteriormente proferidos. Os versos cotejados em outras músicas, por sua vez, também formam esse sentimento nacional ao cantar seus mitos, territórios e o sentimento propriamente dito a partir do mecanismo também descrito por Anderson de memória e esquecimento. Ao falar nisso, há de se especificar cada uma delas.

Ao apresentar reflexões sobre a linguagem e a cultura, foi possível verificar que, por mais contestado por representantes de vários setores da sociedade, o esporte e, especialmente, o futebol, exerceu e ainda exerce um papel importante nas relações sócio-culturais, seja na conversa despretensiosa, no amigo torcedor do time adversário, nas cores de bens que adquirimos. Nesse sentido, Giulianotti (2002, p. 7) afirma que “nenhuma outra forma de cultura popular engendra uma paixão ampla e participativa entre seus adeptos como a que se tem pelo futebol”.

Mas claro, sua importância vai para além dessas questões cotidianas. O esporte se apresenta como uma sociedade se vê e se apresenta para outra: o que valoriza, suas ideologias, valores, quem domina e quem é dominado. Isso complementa, ou melhor, indica que avaliação pode ser feita sobre como o Clube de Regatas Flamengo é representado nas diversas manifestações culturais que permeiam o cotidiano do brasileiro a partir da historicização do futebol. O Flamengo aparece em diversas manifestações culturais. Desde grandes compositores, que, inclusive, nem torcem para o time rubro-negro às mais populares das manifestações culturais brasileiras: o carnaval. De cronistas consagrados pela literatura nacional aos blogs de torcedores.

Cada enunciado apresentou vozes advindas de vários lugares. Eram várias fontes falando sobre determinado tema, de lugares diversos. O que se percebeu ao longo da análise foi que um texto sempre está vinculado a outros, que, por sua vez, são provenientes de textos de origens variadas. O que remete ao princípio de que todo enunciado, único e singular, é formado em sua totalidade por ecos e ressonâncias de outros enunciados pois o texto como aponta Bakhtin (2011), se forma a partir dos contatos estabelecidos com outros textos.

Logo, é possível concluir que as diferentes materialidades trazem consigo discursos enunciadorees da nação. As obras avaliadas sugerem a identidade de nação no Clube de Regatas Flamengo, especialmente, no contexto futebolístico com todos os atores nele envolvidos. Isso porque músicas, matérias jornalísticas, crônicas, charges e histórias infantis engendram no torcedor um imaginário coletivo que lhe permite sentir-se parte de uma nação.

Os torcedores de outros times comumente apontam, como uma das falhas do time da Gávea, o fato deste não possuir um estádio. Oficialmente, de fato, não há. A sede está na Gávea, no Ninho do Urubu, como é conhecido. Especialmente, se ao se tratar de território se pensar logo em uma fronteira definida, sem flexibilidade, quem está fora dessa fronteira está fora do território, dessa nação.

Conforme foi apresentado, esteticamente é difícil dissociar Flamengo de Maracanã. O Maracanã, por sua história ligada a jogos relevantes para o futebol brasileiro, em especial para o Flamengo e, que, nesses eventos, reúne uma

quantidade significativa de pessoas, consegue fazer com que os indivíduos que lá estão participem de uma atmosfera de sentimentos. Tal atmosfera acaba sendo reforçada por diversas outras manifestações da linguagem que permite que no imaginário se identifique o Maracanã como território rubro-negro. É lá que se dá o espetáculo o qual faz o torcedor se sentir parte dele, mesmo não estando fisicamente no referido estádio. Se é em território brasileiro ou italiano que se dá o encontro de seus cidadãos, onde o melhor e o pior vêm à tona e para onde o cidadão que se encontra em outro território se reporta, é no Maracanã em que tudo isso acontece para o flamenguista. O Maracanã, assim, é o território imagético do Flamengo, do torcedor rubro-negro. Para os que se distanciam desses dois locais, Maracanã e Gávea são instaladas as embaixadas que aproximam o território dos que estão longe.

Os elementos apontados até agora partem do que foi visto na análise e contribuem para a formação do imaginário e esse para a formação da comunidade imaginada. São as mesmas narrativas que formam o Olimpo rubro-negro de mitos e heróis. Nas músicas essa narrativa se aproxima da oralidade, próximo do que os gregos praticavam. Os elementos formados pela linguagem não-verbal reforçam essa narrativa produzindo, por vezes, outras mais que transformam-se em verbal, oral ou não. Todos os sujeitos citados ao longo da análise são caracterizados por grandes feitos. Todos eles, a seu modo, marcam momentos. Como os heróis que formam o panteão de uma nação: como Tiradentes, D. Pedro I, etc.

Os vários personagens que entraram em campo ao longo deste trabalho, especialmente, no que tange os atletas e dirigentes, carregam uma importância para a formação de suas equipes e para a formação do repertório imagético da torcida. Todos eles pareceram estar, no entanto, resumidos em um único nome: Zico. A força desse nome é tanta que cabe aqui uma fala de Ronaldo Nazário sobre como conseguiu um autógrafo do ex-jogador rubro-negro: esperando. Ele conseguiu de vários jogadores, mas era o de Zico o mais aguardado. Depois, o repórter coloca: “Ronaldo guarda até hoje a assinatura do ídolo em caneta pilot, no folheto com uma passagem bíblica que ele encontrou no chão: ‘Eu sou o caminho, a verdade e a vida’” (LUNA, 2014, p. 72).

As narrativas apresentadas em enunciados que aludem ao sagrado, como ao desejar Feliz Natal no dia 03 de março, sinalizam que Zico parece carregar em si a força de todos outros os do passado e do presente. Com ele na memória, o torcedor parece esquecer-se do resto. Pouco depois de Zico, o Flamengo entrou em um período que não é cantado nas músicas e pouco aparece em outros meios.

As materialidades que formaram a análise deste trabalho contribuíram para a constituição do que Bakhtin (2004) chamou de atividade mental do *nós*. A comunidade que forma o Flamengo se vê ligada por um vínculo material forte que se fazem presentes em músicas, no estádio, na camisa, isso permite a crítica e o apoio ao clube que se sente pertencendo a uma coletividade. Dessa forma, as materialidades que formam se evidenciam o que Murad (2007) apontou como identidade, visto que esta se encontra vinculada ao ser, tendo características mais densas e profundas que as identificações. As identidades são formadas por narrativas que são transmitidas ao longo do tempo de maneira não linear. Nesse sentido identifica-se um ponto de convergência entre identidade e imaginário a medida que este também é composto, conforme Silva (2006) por narrativas que são construídas de maneira coletiva, anônima e sem intenção. Assim, as narrativas do imaginário são sempre singulares e sem dono (na medida em que não é possível identificar seus autores), mas com pontos de intersecção com outras narrativas (diálogos) e que sempre possui um ponto a mais para ser tecido, está sempre inacabada permitindo sempre um aprofundamento.

Nas materialidades apresentadas sobre o Flamengo se percebeu que elas constroem uma narrativa de identidade e um imaginário sobre o referido clube que envolve tanto os torcedores do clube quanto os não torcedores. Por sua vez, estas narrativas se entrelaçam formando outras. Os textos possuem seus autores, as narrativas não.

Ainda muito se tem por estudar, investigar sobre a linguagem, as manifestações culturais e, em especial, o futebol. Procuramos, com este estudo, ensejar algumas reflexões com intuito de provocar outras pesquisas sobre o tema. Outros times, outros atletas, outras materialidades cabem aqui. Elementos que procuram entender como e porque tal manifestação cultural ganha tanta força no Brasil e, ao mesmo tempo, é tão pouco estudada apesar de ser tão cantada,

desenhada, fotografada, filmada e aclamada em verso e prosa. O ponto está aqui não como final, mas como reticências. Afinal, como diria Nelson Rodrigues “cada brasileiro, vivo ou morto já foi Flamengo por um instante, um dia”.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINO, Carlos Gilberto Werneck. Futebol e Identidade Nacional – Todos os corações do mundo. In: MELO, Victor Andrade de; PERES, Fábio de Faria (orgs.). **O esporte vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2005.
- ALMEIDA, Milton José de. A liturgia Olímpica. In: SOARES, Carmen. **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- ANDERSON, Benedict. **Nações e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANTELO, Raúl. **Algaravia**: discursos de nação. Florianópolis: UFSC, 1998.
- BACCEGA, M.A. **Comunicação e linguagem**: discursos e ciência. São Paulo: Moderna, 1998.
- BAHÊA minha vida. Direção: Márcio Cavalcante. Salvador: Paris Filmes, 2011. 1 DVD (100 min). Distribuído por LK TEL Distribuidora de Filmes.
- BAITELLO JÚNIOR, N. **O animal que parou os relógios**: ensaios sobre comunicação, cultura e mídia. São Paulo: Annablume, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- _____. **Marxismo e filosofia de linguagem**. 11.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BATISTA, Carter. **In hoc signo vinces**. 2011. Disponível em: <
<http://globoesporte.globo.com/rj/torcedor-flamengo/platb/2011/06/03/in-hoc-signo-vinces/>>. Acesso em: 19 nov. 2013.
- BAUER, Martin W.. GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 4. ed. Petropolis: Vozes, 2005.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BRAUNER, Eugenio. **Entre as quatro linhas**: da crônica sobre o futebol a colonismo esportivo ou da profissionalização do futebol e do cronista. 2010. 123 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTRO, Ruy. **O vermelho e o preto**: pequena, grande história do Flamengo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. **Linguagem & Comunicação Social**: visões da linguística moderna. São Paulo: Parábola, 2002.

COSTA, Jurandir Freire da. **Violência e psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

COUTINHO, Renato Soares. **Um Flamengo grande, um Brasil maior**: O Clube de Regatas do Flamengo e o imaginário político nacionalista popular (1933 – 1955). 2013. 196 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti. et al. **Migração e identidade**: olhares sobre o tema. São Paulo: Centauro, 2007.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

EAGLETON, Terry. **Balzac encontra Beckham**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0512200416.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo**: as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FERNANDEZ, Maria do Carmo Leite de Oliveira. **Futebol**: fenômeno lingüístico. Rio de Janeiro: PUC, 1974.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 2007.

FORMENTIN, Claudia Nandi. **O mito nosso de cada dia**: a linguagem utilizada na revista capricho na mitificação do jogador Kaká. 2006.110 f. . Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão. Disponível em: <http://busca.unisul.br/pdf/82826_Claudia.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2011.

GINI, Paulo. RODRIGUES, Rodolfo. **A história das camisas dos 12 maiores times do Brasil**. São Paulo: Panda Books, 2009.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GUIMARÃES, Ruth. **Dicionário da mitologia grega**. São Paulo, Cultrix, 1982.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: Identidades e Mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era dos Impérios**, 1875 – 1914. 13. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

_____. **Nações e nacionalismo desde 1780**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

_____. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LEAL, Bruno Souza. A comunidade como projeto identitário. In: MAIA, Rousiley. CASTRO, Maria Céres Pimenta Spíndola (orgs.). **Mídia, esfera pública e identidades coletivas**. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 183 – 192.

LEGROS, Patrick et al. **Sociologia do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LUNA, Fernando. Novo Ronaldo. **Revista Gol linhas aéreas inteligentes**, São Paulo, n. 142, p.70 – 80, jan. 2014.

LUZ, Marco Aurélio. Ginga futebol arte. Disponível em: <http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=15189&cod_canal=71>. Acesso em: 09 nov. 2011.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade (entrevista). **Revista Famecos**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 1, n. 15, p. 74-82, ago. 2001. Disponível em: <

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3123/2395>>. Acesso em: 27 set. 2012

_____. **O conhecimento comum**: introdução à sociologia compreensiva. São Paulo: Sulina, 2007.

_____. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

_____. **No fundo das aparências**. 3.ed. Petropolis: Vozes, 1996.

_____. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: FGV, 1995.

MAIA, Rousiley. Mídia e vida pública: modos de abordagem. In: MAIA, Rousiley. CASTRO, Maria Céres Pimenta Spíndola (orgs.). **Mídia, esfera pública e identidades coletivas**. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 11 – 46.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MANSUR, Carlos Eduardo. RIBEIRO, Luciano Cordeiro (orgs.). **O time do meu coração**: Clube de Regatas Flamengo. Belo Horizonte: Leitura, 2009-a.

MANSUR, Carlos Eduardo. RIBEIRO, Luciano Cordeiro. **Meu maior prazer**: histórias de uma paixão. Belo Horizonte: Leitura, 2009-b

MARTINEZ, Paulo. **Os nacionalismos**. São Paulo: Scipione, 1996.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MELO, Victor Andrade de; PERES, Fábio de Farias (orgs.). **O esporte vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Senac, 2005.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MORAES, Heloísa Juncklaus Preis. **A descoberta e a vivência do virtual**: experiências infantis. Florianópolis: Dioesc, 2012.

MUHLENBERG, Arthur. **Um garotão de 118 anos e o pulmão da arquibancada**. 2013-a. Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/rj/torcedor-flamengo/platb/2013/11/15/um-garotao-de-118-anos-e-o-pulmao-da-arquibancada/>>. Acesso em: 17 nov. 2013.

_____. **Crônicas Manguaças**. 2013-b. Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/rj/torcedor-flamengo/platb/2013/11/16/cronicas-manguacas/>>. Acesso em: 16 nov. 2013.

_____. **Flamengo contra o mundo - Parte LXXXVII**. 2013-c. Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/rj/torcedor-flamengo/platb/2013/11/20/flamengo-contra-o-mundo-parte-lxxxvii/>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

_____. **Zico, obrigado por nos tornar imortais**. 2013-d. Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/rj/torcedor-flamengo/platb/category/zico/>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

_____. **Da lama ao tri**. 2013-e. Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/rj/torcedor-flamengo/platb/2013/12/01/da-lama-ao-tri/>>. Acesso em: 05 dez. 2013.

_____. SALIMENA, Raphael. **Parabéns, Rondineli!** 2012. Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/rj/torcedor-flamengo/platb/2012/06/26/parabens-rondineli/>>. Acesso em: 12 nov. 2013.

_____. **Hexagerado**: o título mais esperado dos últimos 17 anos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009-a.

_____. **Ele me mata, me maltrata....** 2009. Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/rj/torcedor-flamengo/platb/2009/11/23/ele-me-mata-me-maltrata/>>. Acesso em: 04 dez. 2013.

MURAD, Mauricio. **A violência e o futebol**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

_____. **Dos pés à cabeça**: elementos básicos de Sociologia do Futebol. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

NEVES, Mauricio. **Vinte anos esta tarde**. 2012. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/rj/torcedor-flamengo/platb/2012/07/19/vinte-anos-esta-tarde/>>. Acesso em: 19 nov. 2013.

NOGUEIRA, João. **Samba Rubro Negro**. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/joao-nogueira/1421072/>>. Acesso em: 28 out. 2011.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902 – 1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PEREIRA, Luís Miguel. **Bíblia do Flamengo**. São Paulo: Almedina, 2010.

PERRONE, Rica. **O dia do flamenguista**. 2013-a. Disponível em: <<http://www.ricaperrone.com.br/o-dia-do-flamenguista/>>. Acesso em: 18 nov. 2013.

_____. **Religião**. 2013-b. Disponível em: <<http://www.ricaperrone.com.br/religiao/>>. Acesso em: 19 nov. 2013.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de investigação científica**. Tubarão: Unisul, 2002.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e Violência**. Campinas: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

RUBIO, Katia. **O atleta e o mito do herói**: o imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. 5 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SÁ, Jussara Bittencourt de. **Nação em cena**: Brasil, teatro, século XIX. Florianópolis: UFSC, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Imaginar é difícil (porém necessário). In: ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. 2. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo Bakhtin. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

URPIA, Luciano. Bandeira norte-americana em Iwo Jima. Disponível em: <<http://fotonahistoria.blogspot.com.br/2012/05/bandeira-norte-americana-em-iwo-jima.html>>. Acesso em: 03 dez. 2013.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **O time dos sonhos**: paixão, poesia e futebol. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

YAGUELLO, Marina. Introdução. In: BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. Ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

ANEXOS

ANEXO A – Irmão de Zico é perseguido político da Ditadura Militar

FONTE: Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=ZjDGgZCjaG0>>. Acesso em: 29 set. 2014.

ANEXO B – Música Aquele abraço (Gilberto Gil)

O Rio de Janeiro
Continua lindo
O Rio de Janeiro
Continua sendo
O Rio de Janeiro
Fevereiro e março
Alô, alô, Realengo
Aquele Abraço!
Alô torcida do Flamengo
Aquele abraço
Chacrinha continua
Balançando a pança
E buzinando a moça
E comandando a massa
E continua dando
As ordens no terreiro
Alô, alô, seu Chacrinha
Velho guerreiro
Alô, alô, Terezinha
Rio de Janeiro
Alô, alô, seu Chacrinha
Velho palhaço
Alô, alô, Terezinha
Aquele Abraço!
Alô moça da favela
Aquele Abraço!
Todo mundo da Portela
Aquele Abraço!
Todo mês de fevereiro
Aquele passo!
Alô Banda de Ipanema
Aquele Abraço!
Meu caminho pelo mundo
Eu mesmo traço
A Bahia já me deu
Régua e compasso
Quem sabe de mim sou eu
Aquele Abraço!
Prá você que me esqueceu
Ruuuummm!
Aquele Abraço!
Alô Rio de Janeiro
Aquele Abraço!
Todo o povo brasileiro
Aquele Abraço!

ANEXO C – Filho Maravilha (Jorge Bem Jor)

E novamente ele chegou com inspiração
Com muito amor, com emoção, com explosão em gol
Sacudindo a torcida aos 33 minutos do segundo tempo
Depois de fazer uma jogada celestial em gol
Tabelou, driblou dois zagueiros
Deu um toque driblou o goleiro
Só não entrou com bola e tudo
Porque teve humildade em gol
Foi um gol de classe
Onde ele mostrou sua malícia e sua raça
Foi um gol de anjo, um verdadeiro gol de placa
E a galera agradecida, se encantava
Foi um gol de anjo, um verdadeiro gol de placa
E a galera agradecida, assim cantava
Fio maravilha nós gostamos de você
Fio maravilha faz mais um pra gente vê

Disponível em: <http://letras.terra.com.br/jorge-ben-jor/709276/>
Acesso em: 28 de outubro de 2011

ANEXO D – Homenagem a Zico (Alexandre Pires)

Filho senta aqui no colo do papai
Que eu tenho uma história para lhe contar
De um grande ídolo que eu me apaixonei, quando lhe vi jogar
Eu contava os dias pra chegar domingo
Acordava bem cedo, sorrindo
Vestia uma camisa e ia pra rua brincar
Filho, o nome dele também é Arthur
Fazia mágica com os seus pés
No tempo em que os jogadores dos seus clubes, eram fiéis
Ele nos encheu de orgulho e alegria
O seu drible era pura magia
Zico esse samba é pra você
Eeeeei, Zico é o nosso rei
Meu camisa 10, a nossa nação rubro-negra sempre vai te amar
Uma vez Flamengo ...

Disponível em: <http://letras.terra.com.br/alexandre-pires/1550677/>

Acesso em: 28 de outubro de 2011.

**ANEXO E – Ilmo. Sr. Ciro Monteiro ou Receita pra virar a casaca do neném
(Chico Buarque)**

Amigo Ciro
Muito te admiro
O meu chapéu te tiro
Muito humildemente
Minha petiz
Agradece a camisa
Que lhe deste à guisa
De gentil presente
Mas caro nego
Um pano rubro-negro
É presente de grego
Não de um bom irmão
Nós separados
Nas arquibancadas
Temos sido tão chegados
Na desolação

Amigo velho
Amei o teu conselho
Amei o teu vermelho
Que é de tanto ardor
Mas quis o verde
Que te quero verde
É bom pra quem vai ter
De ser bom sofredor
Pintei de branco o teu preto
Ficando completo
O jogo da cor
Virei-lhe o listrado do peito
E nasceu desse jeito
Um outro tricolor

ANEXO F – Boa Noite (Djavan)

Meu ar de dominador
Dizia que eu ia ser seu dono
E nessa eu dancei!
Hoje no universo
Nada que brilha cega mais que seu nome
Fiquei mudo ao lhe conhecer
O que vi foi demais, vazou
Por toda selva do meu ser
Nada ficou intacto
Na fronteira de um oásis
Meu coração em paz, se abalou
É surpresa demais que trazes
'Inda bem que eu sou Flamengo
Mesmo quando ele não vai bem
Algo me diz em rubro-negro
Que o sofrimento leva além
Não existe amor sem medo
Boa noite!
Quem não tem pra quem se dar
O dia é igual à noite
Tempo parado no ar, há dias
Calor, insônia, oh! noite
Quem ama vive a sonhar de dia
Voar é do homem
Vida foi feita pra estar em dia
Com a fome, com a fome, com a fome
Se vens lá das alturas com agruras ou paz
Oh, meu bem, serei seu guia na terra
Na guerra ou no sossego sua beleza é o cais
E eu sou o homem
Que pode lhe dar, além de calor, fidelidade
Minha vida por inteiro eu lhe dou

ANEXO G – Pássaro (Djavan)

Vem me dar teu calor.
Que eu te dou meu carinho.
Como faz a flor com beija-flor.
Ou o pão e o vinho.
Minhas juras de amor
Teus cuidados comigo
Na paz dos teus braços
Pena de ave, campos de trigo
E chego a levitar
Quando estou te olhando
Pássaro voa e vai pela beira do rio
E deixo de pensar no que é desengano
E reparo só nos desafios
Com a graça de Deus menino
É que eu me guio
"Rogai por nós, vos peço paz!"
Nos una mais, não nos deixe sós
E se não for pedir demais,
Quero vida normal e algum dinheiro
Deitar, dormir, poder sonhar
Que um dia eu vá conhecer o sul
Que chova aqui o que chove lá
Para o que se plantar ganhar o verde
Pra alimentar, pra garantir
O bem-estar de viver sem medo
E ter pra quando precisar
E não ter que ficar chupando o dedo
Da criação, dos pés de coco
A fruta-pão quero ver crescer
Realizar a ilusão
Para o meu coração se aquecer
Se eu deixar de ter você
É como não ter mais o que esperar
Ou sei lá o quê, deixar de ser
Flamengo, Mengo
Ah, se eu perder você
É quase não mais poder respirar
Ou pirar de vez e não ser mais
Flamengo, mengo, mengo

ANEXO H – Rap do Centenário (MCS Júnior e Leonardo)

Vai Flamengo balança a rede do adversário
Vai Flamengo comemorando o seu primeiro centenário
Considerado o mais querido do Brasil
E a torcida mais de 900 mil
Com tantas glórias, tantas vezes campeão
Essa torcida foi campeão no Japão
Para o Flamengo tem que tirar o chapéu
E respeitar a sua sala de troféus
Sempre consegue o que todo mundo tenta
Pode tentar mas só o meu Mengão que é penta
Vai Flamengo balança a rede do adversário
Vai Flamengo comemorando o seu primeiro centenário
O seu mascote é o famoso urubu
E no Maraca ele é o rei do Fla-Flu
Muito respeitado por esse mundo inteiro
Uma escola de craque, fabrica de artilheiro
Pra quem não for Flamengo eu agora vou dizer
Se for Flamengo uma vez vai ser Flamengo ate morrer
Sempre consegue o que todo mundo tenta
Pode tentar mas só o meu Mengão que é penta
Vai Flamengo balança a rede do adversário
Vai Flamengo comemorando o seu primeiro centenário
No mundial conquistado no Japão
Flamengo tinha uma grande seleção
O goleiro Raul que entrou pra nossa história
Leandro, Marinho e Mozer também não saem da memória
Andrade, Adílio, Nunes, Tita, Júnior e o Lico
Trouxeram o nosso caneco junto com o galinho Zico
Sempre consegue o que todo mundo tenta
Pode tentar mas só o meu Mengão que é penta
Vai Flamengo balança a rede do adversário
Vai Flamengo comemorando o seu primeiro centenário
Pro Vascaíno, Tricolor, Botafoguense
Corinthiano, São Paulino, Palmeirense
Faço um apelo pra toda rapaziada
Principalmente pra torcida organizada
Venha para o estádio pra torcer com coração
Esquece um pouco a briga, não pode tanta confusão
Sempre consegue o que todo mundo tenta
Pode tentar mas só o meu Mengão que é penta
Vai Flamengo balança a rede do adversário
Vai Flamengo comemorando o seu primeiro centenário

ANEXO I – Samba Rubro-negro (João Nogueira)

Flamengo joga amanhã
Eu vou pra lá
Vai haver mais um baile no Maracanã
O mais querido
Tem Rubens, Dequinha e Pavão
Eu já rezei pra São Jorge
Pro mengo ser campeão
O mais querido
Tem Rubens, Dequinha e Pavão
Eu já rezei pra São Jorge
Pro mengo ser campeão
Pode chover, pode o sol me queimar
Que eu vou pra ver
A charanga do Jaime tocar:
Flamengo! Flamengo!
Tua glória é lutar
Quando o mengo perde
Eu não quero almoçar
Eu não quero jantar

Disponível em: <http://letras.terra.com.br/joao-nogueira/1421072/>
Acesso em : 28 de outubro de 2011

ANEXO J – Saudades do Galinho (Moraes Moreira)

E agora como é que eu fico
nas tardes de domingo
Sem Zico no Maracanã
Agora como é que eu me vingo
de toda derrota da vida
Se a cada gol do Flamengo
Eu me sentia um vencedor
(bis)

Como é que ficam os meninos, essa nova geração?
Arquibaldo, geraldinos,
como é que fica o povão?
Será que tem outro em Quintino?
Será que tem outro menino?
Vai renascer a paixão ou não?

Falou mais alto o destino
e o galinho vai cantar
láia láia
vai cantar noutro terreiro
no coração brasileiro
uma esperança
quem sabe o fim dessa história
não seja o V da vitória
o V da volta, volta

volta galinho
que aqui tem mais
carinho e dengo
vai e volta em paz que o Flamengo
já sabe o que esperar
você voltar
(bis)

ANEXO K – Uma vez Flamengo... (Samba enredo Estácio de Sá - 1995)

O céu rasgou
Na noite que reluzia
Um show de estrelas
Brilhou nos olhos
De um novo dia
A poesia
Enfeitada de luar
Encantou o Estácio (ó paixão)
Paixão que arde sem parar
É mengo tengo
No meu quengo é só Flamengo
Uh! Tererê
Sou Flamengo até morrer
Seis jovens remadores
Fundam o grupo de regatas
Campeão o seu destino
É ganhar em terra e mar.
Fazendo sol
Pode queimar, pode chover
Vou ver Fla-Flu
Fla-Vas vou ver
Diamante negro, Fio Maravilha
Domingos da Guia, Zizinho, Pavão
Gazela negra
Corre o tempo no olhar
Será que você lembra
Como eu lembro o mundial
Que o Zico foi buscar
Só amor
Na alegria e na dor
Parabéns dessa galera
Cem anos de primavera
Cobra coral
Papagaio vintém
Vesti rubro-negro
Não tem pra ninguém

Disponível em: <http://letras.terra.com.br/flamengo/1203137/>
Acesso em: 28 de outubro de 2011

ANEXO L – País Tropical (Jorge Bem Jor)

Moro num país tropical, abençoado por Deus
E bonito por natureza, mas que beleza
Em fevereiro (em fevereiro)
Tem carnaval (tem carnaval)

Tenho um fusca e um violão
Sou Flamengo
Tenho uma nêga
Chamada Tereza

Sambaby
Sambaby

Sou um menino de mentalidade mediana
Pois é, mas assim mesmo sou feliz da vida
Pois eu não devo nada a ninguém
Pois é, pois eu sou feliz
Muito feliz comigo mesmo

Moro num país tropical, abençoado por Deus
E bonito por natureza, mas que beleza
Em fevereiro (em fevereiro)
Tem carnaval (tem carnaval)

Tenho um fusca e um violão
Sou Flamengo
Tenho uma nêga
Chamada Tereza

Sambaby
Sambaby

Eu posso não ser um band leader
Pois é, mas assim mesmo lá em casa
Todos meus amigos, meus camaradinhos me respeitam
Pois é, essa é a razão da simpatia
Do poder, do algo mais e da alegria

Sou Flamê
Tê uma nê
Chamá Terê
Sou Flamê
Tê uma nê
Chamá Terê

Do meu Brasil

Sou Flamengo
E tenho uma nêga
Chamada Tereza
Sou Flamengo
E tenho uma nêga
Chamada Tereza

Disponível em: < <http://letras.mus.br/jorge-ben-jor/46647/>>

Data de acesso: 26 de novembro de 2013.